

Inês Calais dos Santos Faria

Ribeira das Naus, Lisboa
Espaço Público na Sociedade Contemporânea

Orientadora: Patrícia Santos Pedrosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa
2016

Inês Calais dos Santos Faria

Ribeira das Naus, Lisboa

Espaço Público na Sociedade Contemporânea

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 01/02/2017 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº425/2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Pedro Carlos Bobone Ressano Garcia

Arguente:

Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Orientadora:

Prof.^a Doutora Patrícia Alexandra Dias Santos
Pedrosa

Vogal:

Prof.^a Doutora Maria Rita Pais Ramos Abreu de
Almeida

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

“Inevitably, life between buildings is richer, more stimulating, and more rewarding than any combination of architectural ideas.”

(Gehl, 2011, p. 22)

Ao meu avô, presente em eterna memória e saudade;

Aos meus pais, irmã e avó;

Por todo o amor da minha família e por tudo o que representam para mim. Especialmente por tudo o que me proporcionaram ao longo do meu percurso académico.

Agradecimentos

- Aos meus pais, por todo o amor e carinho, educação e persistência ao longo de todo o meu percurso académico, bem como a grande dedicação em proporcionar-me o melhor que puderam em todos os momentos.
- À minha irmã e avós pela confiança, apoio familiar e compreensão demonstrada.
- Ao melhor amigo e confidente, Gonçalo Cunha, por todos os momentos proporcionados, pela presença permanente e apoio incansável nas horas mais difíceis. À sua devoção e afeto que ergueu uma amizade inseparável.
- Aos meus amigos que sempre ajudaram e apoiaram em todos os momentos, direta ou indiretamente, especialmente à Inês, Patrícia e Mariana pelo amor, amizade e dedicação demonstrados diariamente e que de certa forma me deram força para prosseguir.
- Aos melhores amigos e colegas de turma, Diogo, Poliana e Carolina, pelo companheirismo ao longo de todo este percurso académico, pelas aventuras e memórias partilhadas, bem como pelo carinho que nos envolveu numa amizade incontornável.
- Ao Samuel por todo o apoio e sorriso esboçado no dia-a-dia.
- Ao arquiteto paisagista João Gomes da Silva, co-autor do projeto da Ribeira das Naus, pela sua gentileza e disponibilidade para com a realização da entrevista assim como por todo o esclarecimento prestado sobre o projeto, de forma entusiasta e motivadora.
- A todos os utilizadores da Ribeira das Naus que de forma voluntária e/ou involuntária foram essenciais ao desenvolvimento deste trabalho.
- Finalmente, mas igualmente importante, à Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa por ter aceitado ser a minha orientadora, por todo o acompanhamento, exigência, empenho, disponibilidade e positivismo demonstrado no decorrer de todo o processo.

Resumo

O espaço público exprime-se de diversas formas e variáveis dentro das metrópoles contemporâneas, cuja ideia de centralidade assume um papel relevante na estrutura das mesmas, pondo constantemente em evidência a qualidade de vida urbana e as vivências adquiridas. A constante evolução da forma urbana tem na praça um dos elementos determinantes para o desenvolvimento da malha urbana, revelando-se como o lugar público, estimulando o uso e apropriação do mesmo. Desta forma denota-se importante o conhecimento continuado das potencialidades e necessidades adjacentes à vida urbana.

A dissertação elaborada tem como objetivo principal a análise da Ribeira das Naus em Lisboa, quanto à apropriação do espaço público e as diversas formas de comportamento exibidas pelos atuais utilizadores. Inicialmente são referidos três autores com abordagens e reflexões distintas em relação ao espaço público e à sua possível análise, posteriormente desenvolve-se um enquadramento da evolução histórica da praça e do jardim no tecido urbano. Na contextualização do caso de estudo procede-se a uma abordagem histórica do território ribeirinho de Lisboa quanto à evolução da malha urbana e da apropriação ribeirinha evidente ao longo dos séculos. A análise da Ribeira das Naus processa-se segundo a elaboração de mapeamento e registo de atividades e ocupação do espaço, execução de inquérito aos utilizadores do espaço e respetivos dados obtidos, síntese do mapeamento de apropriação e análise dos dados recolhidos.

Depreende-se através deste trabalho que a importância do espaço público na vida contemporânea se traduz no equilíbrio para a vida humana, proporcionando diversos estímulos e sensações ao cidadão urbano, numa constante ativação da vida pública que contribui constantemente para o processo evolutivo das metrópoles.

Palavras-chave: Praça; Espaço Público; Vivência; Apropriação; Vida Urbana; Contemporaneidade.

Abstract

The public space is expressed in different ways and variables within contemporary metropolises, whose idea of centrality takes an important role within structures, constantly highlighting the quality of urban life and acquired experiences. The constant evolution of the urban form has in the square one of the determinant elements for the development of the urban grid, which is revealed as the public space, encouraging its use and appropriation. Thus denotes an important on going knowledge of the potential and needs adjoining to urban life.

The present dissertation has as its main goal the analysis of the Ribeira das Naus in Lisbon, regarding the appropriation of public space and the different forms of behavior exhibited by contemporary users. Initially there are referenced three authors with distinct approaches and reflections about public space and some possible analysis, subsequently develops an framework of the historical evolution of the square and garden in the urban tissue. In the context of the case study, proceeds to a historical approach of the riverside territory of Lisbon as the evolution of urban mesh and clear riverside/waterfront ownership over the centuries. The analysis of the Ribeira das Naus proceeds according to the development of mapping and activities registration and occupation of space, fulfillment of an inquiry to users of the space and respective data, synthesis of ownership mapping and analysis of collected data.

Through this work emerges the importance of public space in contemporary life, reflected in the balance for human life, providing various impulses and sensations to the urban citizen, in an constant activation of public life that constantly contributes to the metropolis evolutionary process.

Key words: Square; Public Space; Experience; Appropriation; Urban Life; Contemporaneity

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I. O ESPAÇO PÚBLICO E O MODO DE VIDA CONTEMPORÂNEO	14
1.1. <i>A imagem da cidade</i> de Kevin Lynch: induções e perceções do espaço público	15
1.2. <i>The Social Life of Small Urban Spaces</i> de William H. Whyte: vivências proporcionadas pelos espaços urbanos	20
1.3. <i>Life Between Buildings</i> de Jan Gehl: a vivência do espaço público e a resposta do indivíduo	24
CAPÍTULO II. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	30
2.1. Origem das praças e jardins	30
2.2. O caso Português	38
CAPÍTULO III. LISBOA E O RIO: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	42
3.1. Realidade urbana até ao terramoto de 1755	42
3.2. Reconstrução da cidade: Período industrial e pós-industrial	44
3.3. A cidade contemporânea: o retorno ao Rio	50
CAPÍTULO IV. RIBEIRA DAS NAUS: VIVÊNCIAS E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	53
4.1. Introdução do caso de estudo	53
4.2. Metodologia de análise e programação	62

4.3. Ensaio do mapeamento da apropriação do espaço e percursos	64
4.4. Síntese do mapeamento da apropriação do espaço e percursos	67
4.4.1. Síntese dos Dias Úteis – período da Manhã	69
4.4.2. Síntese dos Dias Úteis – período da Tarde	75
4.4.3. Síntese dos Fim-de-Semana – período da Manhã	82
4.5. Inquérito	88
4.5.1. Estrutura dos inquéritos	88
4.5.2. Análise dos inquéritos	91
CONCLUSÃO	104
BIBLIOGRAFIA.....	112
APÊNDICES.....	115
<i>Apêndice 1 – Entrevista ao arquiteto João Gomes da Silva, um dos autores do Projeto da Ribeira das Naus (Caso de estudo)</i>	116
<i>Apêndice 2 – Planta geral de Implantação.....</i>	131
<i>Apêndice 3 – Plantas de vivências e apropriação do espaço.....</i>	132
3.1. Planta base	132
3.2. Fase de análise – Plantas síntese	133
3.3. Fase de análise – Plantas diárias dos Dias Uteis (período da Manhã).....	136
3.4. Fase de análise – Plantas diárias dos Dias Uteis (período da Tarde)	142
3.5. Fase de análise – Plantas diárias dos Fim-de-Semana (período da Manhã)	146
<i>Apêndice 4 – Inquérito aos utilizadores do espaço</i>	148
4.1. Base dos inquéritos (versão portuguesa).....	148
4.2. Base dos inquéritos (versão inglesa)	151
4.3. Inquéritos realizados (seis exemplos preenchidos)	154
4.4. Inquéritos - Tabelas de tratamento dos dados	166

Introdução

O objeto de estudo da presente dissertação é a Ribeira das Naus em Lisboa, debruçando-se sobre a temática do espaço público como influência direta na vida contemporânea, como elemento fulcral no tecido urbano das cidades presentes. O carácter público do espaço revela a necessidade de realização de abordagens físicas de análise/avaliação que consigam revelar apropriações e formas de comportamento, constituindo o principal objetivo desta dissertação.

O espaço urbano traduz-se num misto de impulsos onde a observação, análise e apreciação fazem parte de uma inquietação pessoal, levando eminentemente ao questionamento e reflexão sobre o espaço, promovendo assim o tema que pretendo investigar, perceber o relacionamento do Homem com o espaço físico. De carácter público, o espaço em análise é relativamente recente, pretendendo-se identificar as diversas áreas componentes assim como a respetiva utilização e apropriação por parte dos utentes, se atuam em conformidade com o objetivo de conceção das diversas áreas. Outro dos objetivos é avaliar o grau de satisfação dos utentes, dependendo da sua frequência, procurando identificar os fatores de compatibilidade e incompatibilidade entre espaços e usos.

Ao longo da história a representação máxima do espaço público urbano foi traduzida na praça, o elemento cuja vocação era a concentração de pessoas e conseqüentes atividades, traduzindo-se num local de encontro, lazer, negócio e afirmação. Assistiu-se à transformação e evolução das praças que, na cidade do século XXI, se traduziu na sua caracterização influenciada pelos fatores económicos, sociais e culturais, de carácter urbano e arquitetónico, definindo formas de permanência e ocupação do indivíduo que interage no espaço através da prática de diversas atividades.

A reabilitação e reconversão dos espaços públicos são, na contemporaneidade, cada vez mais frequentes sendo resultantes de uma sociedade em constante mutação – determinadas pela modificação de mentalidades, comportamentos e hábitos – assim como o envelhecimento natural a que os núcleos urbanos estão constantemente sujeitos. Quando estas ações modificam as funções e os usos do local, com alvo numa população dotada de multiculturalidade e variação etária, a análise da adaptabilidade das intervenções deveria ser realizada para assegurar as necessidades dos utilizadores.

Porém, para a sociedade urbana a noção de comunidade torna-se cada vez mais escassa em detrimento da individuação, verificando-se ainda a inexistência de preocupação para com as necessidades da população, levantando temas e assuntos aos quais o presente estudo se pretende debruçar. O diagnóstico prévio das necessidades da população assim como o

sucesso/insucesso dos projetos e a satisfação/insatisfação dos utilizadores, são elementos fulcrais nas intervenções ao nível dos espaços públicos das cidades, contribuindo para uma significativa melhoria da qualidade de vida à luz das reais carências dos utilizadores contemporâneos.

Desta forma o presente trabalho, entre outros assuntos e temas, procura dar resposta às seguintes questões:

Será que a reconversão espacial da Ribeira das Naus é vista, por parte dos utilizadores, como espaço necessário e útil no contexto em que se insere?

O novo espaço público de carácter ribeirinho será favorável ao desenvolvimento de atividades e palco de apropriação como foi idealizado pelos arquitetos que o projetaram?

Segundo a utilidade a que o espaço se propõe será que as suas características funcionais e de equipamento correspondem às necessidades e expectativas da população?

A Ribeira das Naus trata-se de um ponto centralizador e gerador de atividades que se diferencia na malha urbana pela sua multiculturalidade e multigeracionalidade? Tratando-se de um espaço público de referência e representativo na cidade de Lisboa?

Será que o espaço público enquanto elemento central de articulação da vida urbana continua a marcar uma posição de vitalidade urbana ou trata-se apenas de um espaço de transição?

Existirão alterações pertinentes neste espaço público que proporcionem uma melhoria significativa na sua utilização e permanência?

A presente investigação teve início numa seleção de autores, referências e fontes, no contexto do tema e caso de estudo em análise, focando os modos de apropriação e a ocupação do espaço público direcionado para a praça enquanto elemento urbano e para os jardins, procedendo-se à recolha de informações e à leitura no âmbito científico, considerando-se essencial para a compreensão basilar do contexto das praças e jardins ao longo da História. Efetuaram-se leituras igualmente importantes no âmbito do planeamento urbano, ao nível dos espaços públicos e arquitetura, indicando a evolução e enquadramento dos mesmos como elementos constituintes da cidade. Será conjuntamente alvo da presente investigação a evolução histórica e geográfica do território lisboeta, incidindo particularmente na frente ribeirinha, como forma de aproximação e compreensão profunda do espaço em estudo. De maneira a obter respostas às problemáticas/questões enunciadas acerca do caso de estudo, procedeu-se à observação *in loco* das apropriações e usos por parte dos utilizadores da Ribeira das Naus, recorrendo ao suporte gráfico e fotográfico de forma regular. Como

complemento da observação foram efetuados inquéritos junto aos utentes de modo a autenticar opiniões face às condições espaciais oferecidas e à adaptabilidade do espaço de acordo com as necessidades reais. O resultado da presente dissertação será o produto da análise efetuada baseado nas ocorrências e dados recolhidos no decorrer da investigação.

O trabalho que se apresenta surge organizado segundo uma lógica de aproximação ao tema, partindo do geral para o particular. Apresenta-se dividido em quatro capítulos, dos quais o primeiro, segundo e terceiro são de carácter teórico, porém o terceiro estabelece uma relação de afinidade com o quarto capítulo onde, já de carácter prático, incide sobre o objeto de estudo.

O primeiro capítulo envolve uma investigação sobre as abordagens de três autores, confinados a épocas distintas, acerca da visão própria e análise do espaço público, apresentando as suas ideologias, metodologia de análise e enunciação de elementos fulcrais no espaço público de carácter urbano. Estes apresentam reflexões diferenciadas do espaço público, da sua apropriação e vivências adquiridas, evocando as problemáticas inerentes.

O segundo capítulo baseia-se numa pesquisa sobre a origem da praça e do jardim, da cultura ocidental, tendo em conta o seu processo evolutivo na malha urbana das cidades, referenciando os fatores económicos e sociais que estão subjacentes aos modos de vida e apropriação destes elementos urbanos, constituindo na sua génese espaços públicos de excelência.

O terceiro capítulo trata o enquadramento da cidade de Lisboa, onde se encontra situado o caso de estudo, segundo a sua evolução histórica do território e da malha urbana. É abordada a cidade anterior ao terramoto de 1755 e a sua posterior reconstrução, enunciando o período industrial e pós-industrial, caracterizado pela expansão urbana e surgimento de novos paradigmas socio-culturais. Fechando o capítulo com um enfoque na zona ribeirinha e o retorno da cidade ao rio Tejo, procurando enunciar os antecedentes históricos do local da Ribeira das Naus, assim como a enunciação de outros espaços urbanos que deram origem ao olhar atento e mudança de paradigma, administrando uma zona nobre junto às margens do rio.

O quarto capítulo incide sobre o caso de estudo, inicialmente com a sua caracterização e descrição evolutiva do espaço da Ribeira das Naus, procurando evidenciar as suas características históricas vincadas assim como a sua forte presença no novo delinear da linha ribeirinha da cidade de Lisboa. Porém este capítulo tem o essencial enfoque na análise do espaço, segundo a metodologia realizada, apresentando-se: a) o processo e o respetivo desenvolvimento; b) mapeamento das atividades e modos de apropriação, relato dos dados

recolhidos aquando a observação e síntese; c) estrutura do inquérito e d) a análise e tradução dos dados obtidos do mesmo. Estes elementos contribuíram para o estabelecimento de uma síntese de forma a relacionar os factos e aspetos relevantes, tentando estabelecer pontos de ligação com a análise efetuada no primeiro capítulo onde os diferentes autores se pronunciam sobre a análise do espaço público de génese urbana.

A metodologia adotada seguiu uma lógica de investigação e pesquisa bibliográfica, assim como a recolha documental, numa fase de enquadramento e aproximação ao objeto de estudo, assim como foi estabelecido contacto com o arquiteto paisagista João Gomes da Silva, co-autor do projeto da Ribeira das Naus, que disponibilmente colaborou na realização de uma entrevista – que se apresenta transcrita no Apêndice 1 –, indicando aspetos importantes sobre os antepassados do local, as opções de projeto e as apropriações que seriam espectáveis nesta nova intervenção.

O trabalho de campo e análise do caso de estudo foram delineados um conjunto de ações de mapeamento das vivências e apropriação do espaço, realizando-se no final do mês de Junho de 2016 e inícios do mês de Julho de 2016, sendo estipulado durante a semana à terça-feira e quinta-feira, e durante o fim-de-semana ao sábado. Como complemento à observação direta foi concebido e realizado um inquérito aos utilizadores da Ribeira das Naus, durante o mês de Julho, posteriormente procedeu-se à síntese e análise dos respetivos dados obtidos.

A listagem referente às referências bibliográficas é relativa a todo o material informativo utilizado no decorrer da elaboração da presente dissertação, seguindo as Normas APA em 6ª edição. Todos os registos fotográficos, elementos gráficos e desenhados que não apresentem fonte são unicamente referentes à autora da presente dissertação. As fontes das imagens encontram-se tratadas do mesmo modo que as fontes textuais, surgindo no final numa bibliografia única.

Capítulo I. O espaço público e o modo de vida contemporâneo

A cidade contemporânea traduz-se num misto de edificado, atividades e relações, todas elas diretamente ligadas com o indivíduo. Muitas delas não estão ainda totalmente viradas para o homem, que deveria ser o principal sujeito de preocupação para arquitetos e urbanistas, pois ainda não se vivenciam as cidades e os espaços públicos urbanos de maneira evidente e direta. A visão sobre o presente dos espaços públicos fez-me então prosseguir no caminho da análise dos mesmos, tentando perceber de que maneira estes são concebidos e a qual utilização se destinam, se os espaços públicos urbanos de hoje nos convidam a frequentá-los e querer permanecer nos mesmos, por tempo indeterminado ou não.

O capítulo a desenvolver será o estado da arte em que pretendo evidenciar os objetivos e a metodologia de análise. Primeiramente, pretendo expor os objetivos pelos quais me guio para a realização da dissertação, objetivos esses que advêm de uma vontade de compreender a vida social pública, de carácter urbano; tentar encontrar razões pelas quais o comportamento das pessoas difere consoante o espaço em que se encontram; compreender a apropriação de um determinado espaço público de características únicas, como é o caso da zona ribeirinha de Lisboa, precisamente a renovação do espaço da Ribeira das Naus.

Numa segunda fase o que se irá abordar é a questão da metodologia de trabalho e a posterior análise do caso de estudo. Assim sendo, irei expor o processo metodológico de análise de três autores, Kevin Lynch (1918-1984), William Whyte (1917-1999) e Jan Gehl (n.1936); cujas obras selecionadas se relacionam diretamente com o espaço público, as suas vivências e qualidades favoráveis à utilização humana. No caso de Kevin Lynch, na obra *A Imagem da Cidade* (1960/2014), o autor pretende abordar temáticas urbanísticas e arquitetónicas das cidades, procurando compreender a visão e perceção dos indivíduos perante um determinado espaço urbano, e dessa forma faz uma análise exaustiva *in situ* de várias cidades americanas. É importante referir que este livro relata uma sociedade menos recetiva pois é datado a 1960, seguido da análise que realiza William Whyte, não se podendo comparar à abordagem do livro de Jan Gehl que retrata uma sociedade contemporânea. Em *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980/2001) o enfoque é observação direta, reconhecendo os elementos essenciais à apropriação e fixação humana. No entanto, em *Life Between Buildings* (1987/2011), Jan Gehl descreve a vida que existe para além dos edifícios, como sugere o título, os tipos de atividades humanas que se realizam nos espaços públicos urbanos e a deslocação das pessoas consoante o outro; aborda também a temática da qualidade de espaços públicos e a sociedade agregada.

1.1. A imagem da cidade de Kevin Lynch: induções e percepções do espaço público

No livro *A Imagem da Cidade* de Kevin Lynch é abordada a temática urbanística e arquitetónica das cidades, numa procura intensa de compreensão da visão e percepção do indivíduo perante uma determinada paisagem urbana, neste caso o autor faz uma análise exaustiva de três cidades americanas. Numa primeira abordagem o autor pretende dar-nos pequenos detalhes sobre a imagem que transparece do meio ambiente, introduzindo a cidade como construção do espaço, mas com uma escala nobre, caracterizando-a como inconstante devido à diversidade de sensações que os elementos que constituem uma cidade podem induzir. Assim a percepção da cidade não funciona na sua integridade, como era previsível, mas sim de forma fragmentada, diferindo de indivíduo para indivíduo pois as sensações e acomodações são distintas entre conterrâneos e desconhecidos, constando que os sentidos estão incorporados na construção visual da imagem que cada um desenvolve da cidade. Centrando a sua pesquisa no conceito de legibilidade da paisagem citadina com o objetivo de designar a aptidão com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura lógica. Para que o objetivo seja cumprido é crucial que se considere a cidade como objeto da percepção dos habitantes e não como algo em si mesmo, algo único e sem variantes.

A orientação é um dos aspetos fulcrais da cidade pois constantemente visualizamos a presença de elementos que nos orientam, nomes de ruas ou sinais de trânsito que de certa forma contribuem para o equilíbrio e bem-estar do indivíduo, a desorientação é conseqüentemente um ponto negativo e que altera inevitavelmente o estado emocional, como refere o autor "A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior." (Lynch, 2014, p. 12)

A construção de uma imagem do meio ambiente resulta de um processo bilateral entre o próprio meio e o observador que estão em constante interação, fazendo com que a coerência da imagem varie tendo em consideração os diferentes observadores. O meio ambiente sugere distinções e relações, ambientes distintos facilitam ou impedem o processo de construção de imagem. Cabe assim a cada indivíduo criar e sustentar a sua própria imagem, porém na junção de indivíduos de classes homogêneas verifica-se uma concordância significativa, daí a importância de imagens de grupo para solidificar a investigação, compreendendo qual é o ambiente aprazível para o máximo número de pessoas. A imagem pode ser analisada em três componentes sendo estas a identidade, a estrutura e o significado. O autor refere que uma imagem viável terá que ter primeiramente a identificação de um determinado objeto que

implica imediatamente a distinção de outros; terá que incluir a relação espacial e estrutural do objeto com o observador bem como com outros objetos; por último o objeto tem que conter significado prático e emocional para o observador, identificando-se uma relação entre os dois. (Lynch, 2014, pp. 14-16)

O interesse primordial dos dias de hoje deveria passar pela construção de cidades visando a satisfação das pessoas que as habitam, cidades feitas para as pessoas, para a utilização livre do espaço público, porém é crucial existirem cidades que se adaptem de melhor forma aos propósitos futuros. É facilmente identificado que os significados individuais das cidades variam infundavelmente, mesmo quando a sua aparência é bastante identificável, como no exemplo da imagem do horizonte de Manhattan em que o autor refere ser "(...) um exemplo de vitalidade, poder, decadência, mistério, aglomeração, grandeza ou o que quer que seja, mas, em qualquer dos casos, aquela figura distinta cristaliza e reforça o significado." (Lynch, 2014, p. 16)

A imaginabilidade é outro conceito evidenciado pelo autor, ligado à qualidade de um determinado objeto físico que concede a possibilidade de evocar uma imagem forte num dado observador, produzindo imagens mentais vivamente identificadas tendo em conta a forma, a cor e a disposição. Desta forma uma cidade é considerada imaginável no seu expoente máximo quando bem formada e nítida, convidando o olhar e a audição do indivíduo a uma maior atenção e participação. Apresenta-se como um modelo de continuidade com as suas partes distintas devidamente organizadas e interligadas, oferecendo ao seu utilizador orientação concisa de modo a que se possa mover com facilidade e seja um conhecedor nato do seu ambiente. Porém o meio ambiente é bastante mais complexo do que a imagem que temos dele, existem qualidades básicas como o prazer estético, o ritmo, o estímulo e o ritmo num meio ambiente que se imagina "belo". Assim considera-se crucial treinar o observador de maneira a aprofundar a sua perceção sobre o meio ambiente complexo. (Lynch, 2014, pp. 17-18)

Para o autor é necessário a referência a uma imagem pública, isto é, que compreende em si a imagem dos outros indivíduos. Estas imagens de grupo contribuem para que um indivíduo opere de forma eficaz dentro do seu meio ambiente e que o consiga em conjunto com os seus conterrâneos. Cada um concebe uma imagem própria, de carácter único, que se aproxima de alguma forma da imagem pública. Porém Kevin Lynch considera imprescindível perceber a importância da forma descartando o seu significado social, a função, a história e nome de uma dada área; fatores estes que influenciam diretamente a imagem, limitando-se assim à análise dos elementos físicos perceptíveis. Assim o autor propõe enunciar e descrever os elementos

da imagem urbana que se referem a formas físicas, que são possíveis de classificar em cinco tipos dos quais as vias, os cruzamentos, os bairros, os limites e os elementos marcantes. São descritos de uma forma geral e concisa no decorrer do texto, dando-nos pistas, relações possíveis e exemplos destes tipos de elementos. Assim é possível reter que a imagem de uma realidade física pode alterar-se ocasionalmente, como o exemplo que enuncia “Uma auto-estrada pode ser uma artéria de comunicação para o motorista e um limite para um peão.” (Lynch, 2014, p.53), no entanto nenhum dos cinco elementos surge isolado porque sobrepõem-se e interligam-se frequentemente. Os elementos referidos pelo autor são a matéria-prima da imagem do meio ambiente à escala urbana que conjugados conseguem definir uma forma satisfatória, tornando lógico a necessidade de perceber as inter-relações de pares de elementos com diferente carácter, os pares podem reforçar-se de maneira a realçar os pontos fortes de ambos ou simplesmente entrar em conflito. (Lynch, 2014, pp. 19 - 20)

Para um ambiente complexo e com dimensões consideráveis é necessária a organização por níveis, fazendo com que as imagens possam diferir não só pela escala da área envolvente mas também pelo ponto de vista, hora do dia e/ou estação do ano. Para obter uma certa continuidade, esta terá que ser feita pela identificação de elementos que satisfazem visualmente, o observador terá que conseguir ajustar a sua imagem a mudanças presentes na realidade que o envolve, como enuncia o autor “(...) isto pode ser simplificado pelo conservar de uma velha árvore, o aspeto de uma rua ou de um carácter regional.” (Lynch, 2014, p. 89)

Segundo Kevin Lynch existem imagens sensorialmente visíveis e vivas opondo-se às abstratas que se revelam sem conteúdo sensorial. A imagem mental de um edifício pode diferir sendo ela viva, envolver a sua forma, textura, cor e até pormenor; por outro lado ser abstrata, identificando a estrutura como pontos de referência, por exemplo a numeração de um dado edifício. No entanto as imagens podem ser diferenciadas de outra forma, enunciando a sua qualidade estrutural, ou seja, o modo como foram organizadas e relacionadas as suas partes. Alguns dos indivíduos consideravam que a imagem era construída com dinâmica estando as partes ligadas por uma sequência temporal e quase observadas como se fosse através de uma máquina de filmar, revelando uma ligação à experiência real do que será a deslocação no meio urbano. Assim se confirma que as imagens de maior valor são as que vivem em aproximação a um campo total forte, isto é, densas, rígidas e vivas; imagens que utilizam todos os tipos de elementos sem gerar uma forma confusa, ou seja, organizadas segundo as exigências momentâneas. (Lynch, 2014, pp. 92-93)

Ao estruturar uma cidade deverá ter-se em conta a organização e orientação de modo a

proporcionar uma melhor vivência do espaço urbano, zelando pelo bem-estar dos cidadãos. Com uma atitude renovada do habitante da cidade futura existe a oportunidade de transformar o mundo citadino contemporâneo tornando-o numa paisagem ideal com características de visibilidade, coerência e clareza. Porém é notória a importância de manter as funções fundamentais da cidade sendo estas a circulação, o aproveitamento de espaços e ainda os pontos-chave focais, tornando a cidade num lugar notável e inconfundível, devendo ser construída com arte bem como conscientemente adaptada aos interesses humanos. Considera-se que com o aumento da imaginabilidade do meio ambiente urbano seria facilitar a identificação e estruturação visual, através das vias, limites, elementos marcantes, cruzamentos e regiões. A combinação total destas unidades seria o fio condutor para uma imagem densa e viva, ajudando a permanecer nas áreas de escala metropolitana, onde os elementos se concentram com maior intensidade. A continuidade deve ser manipulada pelas formas, combinando vastas imagens de uma grande cidade e em diferentes panoramas, não querendo significar que a imagem deva ser perpetuamente igual pois poderá reforçar-se o contraste entre o pormenor e a originalidade através da forma clara e imaginável dos elementos diferentes. Segundo o pensamento do autor a função destinada a um ambiente visualmente aprazível pode não ser apenas a facilidade de percursos e manter significados ou emoções pré-existentes, pois o seu papel é de guia e criador de estímulos para novas explorações. (Lynch, 2014, pp. 93-95)

À medida que assistimos à expansão da cidade os fatores naturais adquirem uma maior importância – o clima, a flora, as montanhas, os rios – mais do que as características locais. Assim são referidas as análises feitas e indicam variações substanciais no modo como os indivíduos vivem a cidade, de quais elementos são mais dependentes e que qualidades são mais ao seu gosto, desta forma os diferentes observadores encontrarão material de perceção adaptado ao modo individual de olhar para o mundo em seu redor. Uma boa imaginabilidade no ambiente do cidadão em constante deslocação é um convite a sentir-se confortável mesmo que num momento de mudança, isto é, num novo ambiente. O autor enuncia no decorrer do texto "(...) o próprio meio ambiente citadino transforma-se rapidamente, tal como se modificam as técnicas e as funções. Estas transformações são muitas vezes emocionalmente perturbadoras para o cidadão, e desorganizam, por vezes, a sua imagem perceptível." (Lynch, 2014, p. 115)

Em suma, assistindo ao crescente tamanho da área metropolitana verifica-se o aparecimento de novos problemas que despertam a perceção humana. A região urbana é designada a unidade funcional do meio ambiente em que vivemos, assim sendo é aprazível que esta seja identificada e estruturada pelos que a vivenciam diariamente. Deste modo, pode-se considerar

a opinião do autor e perceber de onde virá a razão da análise de três cidades com especial enfoque nas pessoas, nos seres que diariamente vivem o espaço urbano e que sentimentos estes espaços lhes proporcionam. Esta análise contribui não só para a definição dos vários elementos que compõem uma cidade como também para compreender tudo aquilo que os conterrâneos e os estranhos têm a revelar sobre uma certa cidade e os seus elementos, bem como o seu carisma e fraquezas.

Para a compreensão do papel da imagem do meio ambiente na vida citadina do ser humano foi considerado necessário pelo autor proceder a uma análise de áreas urbanas e ouvir diretamente os seus utilizadores, desta forma segue-se com uma análise das áreas centrais de três cidades americanas, Boston em Massachusetts, Jersey City em New Jersey e Los Angeles na Califórnia. Assim o segundo capítulo do livro é dedicado à análise básica realizada em todas as áreas urbanas, recorrendo ao reconhecimento sistemático do terreno – passos que primeiramente foram realizados por um observador especializado – com atenção ao peso dos elementos marcantes e à sua legibilidade, pontos positivos e negativos no espaço, apontando especial interesse na relação entre a imagem e a forma física. Desta forma, como seria de conjecturar, surgiram diferenças significativas na imaginabilidade das cidades, alguns apontamentos de espaços e elementos serviram para enfatizar a importância de uma particular paisagem urbana. Esta análise resulta da comparação das imagens do grupo da amostra com a realidade visual, bem como da opinião intransmissível de cada indivíduo. Foi assim possível reter que os indivíduos adaptam-se ao seu meio ambiente e constroem uma estrutura e identidade do que veem, no entanto identificaram-se diferenças significativas entre os níveis de orientação e satisfação nas três cidades. (Lynch, 2014, pp. 21-23)



IMG. 1 – Península de Boston, vista Norte. (Lynch, 2014, p.24)



IMG. 2 – Jersey City, vista Sul. (Lynch, 2014, p.33)



IMG. 3 – Los Angeles, vista Oeste. (Lynch, 2014, p.40)

Considerou-se notória uma certa satisfação em torno dos panoramas vastos, que por norma causam sensações negativas aos observadores, neste caso, tornam-se agradáveis quando se tratam de espaços bem estruturados e assim se caracterizam como elementos principais numa cidade aprazível. Os espaços ausentes de forma e organização são também referidos com frequência embora não sejam considerados agradáveis. Outros elementos registados com satisfação foram a vegetação e a água, alguns entrevistados referiam que estes tornavam

o seu caminho diário mais longo de maneira a que fosse possível passar por algum espaço verde ou em algum espaço com vista para água. Porém a rede através da qual o indivíduo põe o seu meio ambiente à prova é resultante do domínio visual das ruas, revela-se o importante orientador mental do espaço. As descrições foram muitas vezes apontadas como reação ao contraste presente na vida urbana, identificando o contraste espacial e temporal, bem como comparações ao nível da higiene e do panorama das cidades, adquirindo um certo significado devido à sua situação no todo. Foram descritos espaços nostálgicos por indivíduos de faixa etária superior, referenciando as mudanças que deixaram cicatrizes na imagem mental da cidade. (Lynch, 2014, pp. 48-50)

1.2. *The Social Life of Small Urban Spaces* de William H. Whyte: vivências proporcionadas pelos espaços urbanos

No livro *The Social Life of Small Urban Spaces* de William H. Whyte (1917-1999) o autor dá ênfase à sua investigação sobre o espaço público de uma grande cidade cosmopolita, onde a vida não tem pausa, a cidade de Nova Iorque. Este livro torna-se bastante esclarecedor, tratando-se de um complemento à curta-metragem que realiza no âmbito do seu projeto de investigação, onde se observa a relação das pessoas com o espaço e vice-versa. Toda a sua escrita vai ao encontro com o seu método de análise do lugar, procurando referenciar os elementos que são determinantes no espaço público e que atraem as pessoas a estes. Sumariamente é um livro acerca dos espaços da cidade, que funcionam para uns mas para outros não, independentemente de qual seja a lição prática, trata-se de um produto de observação em primeira mão.

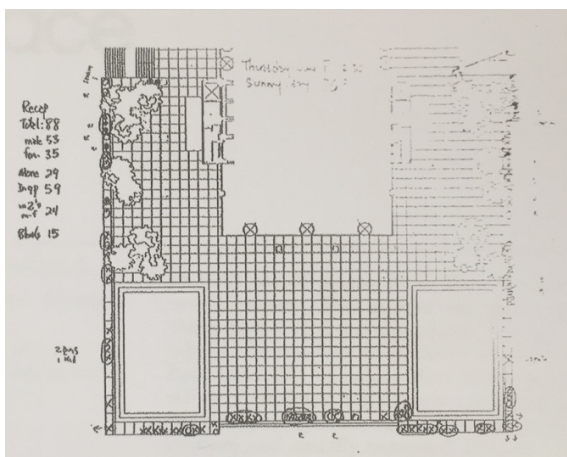
O termo principal é assim a observação, direta e sem filtros. Este projeto é iniciado pela observação de ruas, parques, praças e pedaços de cidade no centro de Nova Iorque. Desde logo é perceptível o desequilíbrio do uso desses espaços pois alguns estão lotados, sendo apenas correspondentes a uma fração da cidade, e outros tantos encontram-se vazios. A criação de tantas praças deve-se ao facto de a cidade atribuir incentivos, desde 1961, aos construtores que integrassem praças no projeto dos edifícios que eram erguidos sem demora por toda a cidade, numa tentativa de dar à cidade e aos utilizadores espaços de fuga. Desta forma todos os novos edifícios de escritórios forneciam uma praça ou espaço comparável adjacente ao edifício, criando em 1972 aproximadamente oito hectares de espaço público na cidade. (Whyte, 2001, pp. 10-14)

Como o autor veio a observar, algumas praças atraíam muitas pessoas principalmente à hora do almoço. Uma das que vai analisar é a praça do *Seagram Building* criada em 1958 que não é especialmente desenhada para a utilização constante das pessoas, mas é no que se torna desde logo e num dia de bom tempo conta com mais de 150 pessoas sentadas, a usufruir do sol, a conversar, a comer ou apenas a passear. Fatores como a hora de almoço, um dia bonito e soalheiro fazem com que a média de número de pessoas sentadas seja de 4 pessoas por aproximadamente 300 m². No entanto a maioria das praças são usadas apenas como local de passagem e não se observam muitas pessoas a usá-las de forma permanente. A pergunta que se debate é se estas praças podem funcionar tão bem porque é que as outras não? Se for possível descobrir a razão pela qual umas funcionam e outras não, seria esperado encontrar uma estratégia a aplicar, gerando assim uma base de um novo código para a criação de novas praças. Para a sua análise selecionaram uma amostra de 16 praças e 3 pequenos parques chegando às ideias principais através de uma sucessão de hipóteses que foram colocando ao longo da observação. Segundo o autor a execução correta dos espaços influencia de forma direta a sua utilização e conseqüentemente os seus utilizadores, tornando um espaço agradável que induzirá no seu uso mais frequente “(...) it is far easier, simpler to create spaces that work for people than those that do not – and a tremendous difference it can make to the life of a city.” (Whyte, 2001, p. 15)

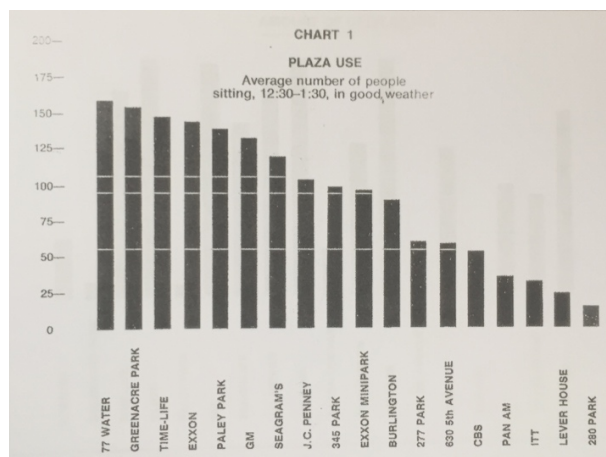
A sua análise começa por procurar perceber o uso que as pessoas dão às praças, como é que as usam, de onde vem, a frequência com que usam as praças bem como o que pensam delas. Um novo espaço público que seja agradável ou bom, cria estímulos às pessoas induzindo-as a novos hábitos, fornece novos percursos e novas paragens no seu dia-a-dia. Assim esta análise baseia-se na observação direta e apenas querem observar o que as pessoas fazem e como agem. Verificou-se rapidamente que os utilizadores predominantes são trabalhadores de escritórios próximos e que as praças que são usadas de melhor forma são as que se tornam em espaços sociais, isto é, existe nestas uma proporção grande de pessoas em grupos, casais, pessoas a encontrarem-se e a despedirem-se criando assim um grande fluxo de pessoas. O autor afirma que o facto de existir uma grande proporção de pessoas nestas praças é um índice de seletividade, pois as pessoas deslocam-se para onde existem mais pessoas, na esmagadora maioria dos casos. Estas praças atraem também pessoas que se deslocam sozinhas, mais do que os espaços pouco usados, porque um espaço vivo é o melhor espaço para permanecer. (Whyte, 2001, pp. 16-17)

Uma observação que se revelou interessante foi a quantidade de pessoas com especial atenção aos géneros, verificando-se que as praças mais usadas tendem a ter uma elevada proporção de mulheres, sendo que o género feminino passa mais tempo a analisar e escolher

um lugar, isto é, na generalidade são mais seletivas que o sexo masculino. O autor conclui que as praças são consideradas agradáveis quando tem uma elevada média de mulheres a utilizá-lo. A forma de distribuição dos utilizadores também é relevante visto que algumas partes da praça estão vazias e outras estão constantemente cheias, o género masculino mostra tendência para se apropriar dos lugares de primeira fila enquanto que o género feminino opta preferencialmente por espaços ligeiramente isolados, como exemplifica o autor “If there are double-sided benches parallel to a street, the inner side will usually have a high proportion of woman; the outer, of men.” (Whyte, 2001, p. 18), como complemento existe um mapa que sugere a localização dos utilizadores na imagem 6, filtrado por géneros. Assim se depara com o ritmo de vida que varia bastante de praça para praça, pela manhã a sua utilização é esporádica pois é a meio do dia que a maioria dos utilizadores começam a chegar, verificando-se que 80% do total de horas de uso está concentrado entre as 12:00h e as 14:00h sendo chamadas as horas de pico, o uso das praças vai decrescendo conforme o dia vai acabando até que chegam a estar desertas após as 18:00h. Porém durante as horas de pico, segundo a observação de Whyte, o número de pessoas numa praça varia de forma considerável segundo as estações do ano e as condições meteorológicas.



IMG. 6 – Mapa de locais onde os indivíduos se sentam, sendo homens (X), mulheres (O), pessoas sozinhas ou acompanhadas (XO). (Whyte, 2001, p. 23)



IMG. 7 – Gráfico correspondente ao uso das diversas praças, segundo o número de pessoas sentadas. Regista-se entre as 12.30 horas e 13.30 horas, dia de bom tempo. (Whyte, 2001, p. 23)

Tendo em conta o uso que os utilizadores dão às praças pode dizer-se que são consistentes, pois verifica-se um uso diário e permanente, muitas vezes estas localizam-se em locais de passagem e por isso lugares de referência para os peões. A observação das praças foi feita também com o âmbito de perceber a quantidade de pessoas que se sentam nas horas de maior pico que, de acordo com o gráfico apresentado na imagem 7, se verifica que as praças têm valores muito dispares. Estes valores ajudaram a levantar questões acerca de quais os fatores que favorecem o uso das praças e porque é que as melhores são as consideradas

visualmente agradáveis. Um fator supõe-se que seja a arquitetura dos edifícios que conseqüentemente nos leva à sua forma e à das praças que lhes são adjacentes, revelando uma ligeira ligação com a utilização desses mesmo espaços; daí a questão visual, o aspeto agradável e acolhedor transparece na maior procura e critério de escolha dessas praças. (Whyte, 2001, pp. 24-27)

A quantidade de espaço disponível não é um fator relevante, no entanto, a quantidade de espaço para sentar é um requisito imposto pelos utilizadores, associando-se à ideia de conforto e impõe um sentido de seleção para as pessoas. Assim sendo traduz-se na percentagem de utilização das diversas praças, pois verifica-se uma maior utilização naquelas que dispõem de mais espaço para sentar e estar. A altura destes espaços tem uma importância considerável na sua utilização uma vez que as pessoas se sentam em média entre aproximadamente 0,30 - 1,00 metro de altura, quando se procede ao ajuste destas dimensões pode duplicar-se o número de pessoas que se sentam nas praças. As cadeiras móveis podem converter-se em pontos positivos numa praça visto que oferecem o aumento da hipótese de escolha e da mobilidade, ao contrário das cadeiras ou bancos fixos. Esta mobilidade é funcional e perfeitamente compatível com as praças com maior utilização, oferecem mais possibilidade de encontros e de agrupamentos de pessoas, isto é, transforma as praças em espaços mais sociáveis e agradáveis. (Whyte, 2001, pp. 27-35)

Um dos fatores que se revela muito importante na observação das diversas praças é o sol, onde existe sol é para onde as pessoas se movem, quando uma praça está em sombra o movimento é mais escasso, mas assim que o sol começa a incidir o espaço transforma-se por completo e as pessoas começam a deslocar-se. O fator térmico também é importante mas em exagero desvia as pessoas dos locais ao sol, porém em dias amenos e de sol os fluxos verificam-se mais intensos, principalmente após dias de más condições meteorológicas. A qualidade de experiência do espaço verifica-se deveras maior quando existe sol, permite a hipótese de escolha do local ao sol, à sombra ou algum espaço que conjugue os dois. Existe também a possibilidade de refletir a luz em quantidades consideráveis através de alguns edifícios, permitindo aos espaços outrora sombrios a maior parte do dia serem iluminados por essa luz refletida. Outro fator determinante no espaço é o vento, a ausência deste às vezes é tão crítica como a ausência de sol, tornando algumas praças inabitadas; porém a conjugação dos dois elementos funciona de forma positiva e torna o espaço aprazível. (Whyte, 2001, pp. 40-44)

A sensação térmica é referida pelo autor como um elemento importante e as árvores podem contribuir para um controlo térmico, promovendo a implantação de árvores em proporção ao espaço público e a sua relação com os espaços para sentar. Estes pequenos detalhes

conferem aos utilizadores uma sensação satisfatória, um ambiente agradável e protegido, abraçado pela natureza. A água é outro elemento que se pode desejar numa praça nas suas diversas formas, sendo que o melhor é as sensações que esta proporciona às pessoas. O tato é algo que por vezes não é permitido nas praças mas que é desejável, o som das cascatas de água camufla as conversas e confere ao espaço uma atmosfera acolhedora, sendo que quando esta é desligada o espaço torna-se completamente diferente. Porém o autor enuncia que a comida é um fator que planta atividade no espaço, atraindo pessoas que atraem consequentemente mais pessoas. (Whyte, 2001, pp. 46-52)

Para o bom funcionamento de um espaço público precisamos de conjuga-lo com os vários fatores apresentados anteriormente, de forma a estimular o uso por parte das pessoas, tornando os espaços agradáveis e convidativos independentemente dos fatores atmosféricos que se revelam muito importantes. O seu estudo concentra-se nas maneiras de fazer com que os espaços públicos sejam atrativos, evidenciando os elementos que contribuem para o espaço funcionar (ou não) como um todo. A triangulação entre espaço público, pessoas e atividades/elementos faz com que o uso seja mais persistente, faz com que um determinado lugar seja mais desejado pelos seus utilizadores.

1.3. *Life Between Buildings* de Jan Gehl: a vivência do espaço público e a resposta do indivíduo

Na obra *Life Between Buildings* de Jan Gehl (n.1936) o foco foi a primeira parte onde o autor aborda as temáticas relacionadas com a vivência do espaço público, as diferentes atividades e a sua respetiva ocupação do espaço, a vida que se desenvolve entre os edifícios, os diferentes espaços públicos e a qualidade que é atribuída, assim como a situação social decorrente na contemporaneidade. O autor começa por induzir um determinado espaço público onde as interações e vivências são constantes, levantando uma questão relevante, de que maneira as atividades de carácter público são influenciadas por um conjunto de condições? O autor refere que o ambiente palpável é um fator fulcral que influencia diretamente as atividades que são praticadas, atividades públicas que serão o seu objeto de estudo.

Numa tentativa de simplificar as atividades vividas num determinado espaço público, refere que se podem considerar em três categorias distintas, que podem diferir consoante o espaço e as condições físicas, são as atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais. As atividades necessárias acontecem perante todas as condições, isto é, são

atividades de carácter obrigatório em que os indivíduos envolvidos são induzidos a participar. Geralmente tratam-se de atividades de rotina que perduram ao longo do ano e que acontecem seja em que condições, na sua maioria independentes do ambiente exterior, podem ser atividades relacionadas com deslocação, como deslocar-se para o trabalho, escola, ir às compras ou tarefas diárias também estão consideradas neste grupo. Porém as que ocorrem consoante condições exteriores favoráveis são as atividades opcionais, verificam-se quando existe o desejo de fazer, apenas quando o tempo e o espaço evocam. Esta relação que é identificada denota uma particular importância na conexão com o planeamento físico, revelando que as atividades que ocorrem são especialmente dependentes do espaço exterior público e das suas condições físicas. Dar um passeio, sentar e observar o ambiente envolvente são algumas das atividades que estão incluídas. (Gehl, 2011, pp. 9-11)



IMG. 4 – Os três tipos de atividades ao ar livre (de cima para baixo), atividades necessárias, atividades opcionais, atividades sociais. (Gehl, 2011, p.10)

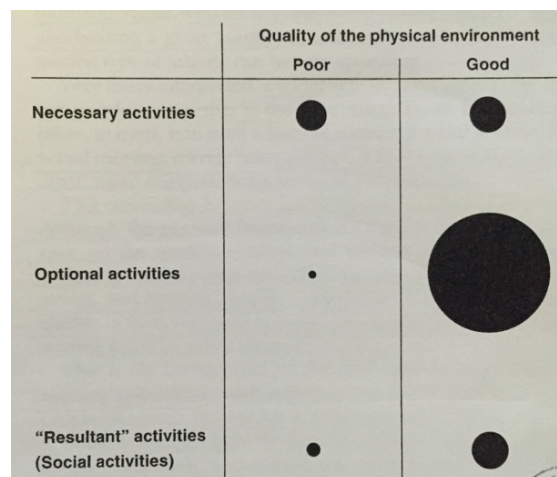
Porém as atividades sociais são as únicas que dependem da presença do outro nos espaços públicos, alimentam-se dos contactos passivos e ocorrem de forma espontânea, como consequência do movimento das pessoas e da sua permanência em certos espaços. Podem ser reconhecidas como atividades resultantes porque estão diretamente ligadas às duas atividades referidas anteriormente, porém o autor apenas denota considerável e examinável as atividades que ocorrem nos espaços públicos acessíveis. No entanto o carácter das atividades sociais pode variar consoante o contexto em que ocorrem, nos centros das cidades estas são consideradas mais superficiais, isto é, na sua maioria verificam-se contactos passivos, entre desconhecidos, que não deixam de ser

apelativos. Em zonas residenciais, escritórios e educacionais existe um número limitado de pessoas de maneira a que as atividades observadas são menos superficiais, existem encontros, conversas e discussões, levadas a cabo por pessoas que se veem diariamente nesses locais. (Gehl, 2011, pp. 12-14)

Este tipo de conexões tornam-se evidentemente importantes no planeamento do espaço físico útil, a questão que se levanta no decorrer do texto é se terá a estrutura física uma influência

direta na qualidade, conteúdo e intensidade dos contactos sociais? Poderão os arquitetos e os urbanistas intervir e afetar a possibilidade de encontro físico, visual e sonoro entre as pessoas através da conceção de espaços públicos? Estas questões tornam-se cruciais na medida em que é proposto a compreensão de um dado espaço público, de uma vida contemporânea entre os edifícios ou no espaço que os envolve. As atividades que resultam nos espaços são alvo de investigação e compreensão, a presença das pessoas e a sua permanência, bem como os elementos que estimulam o espaço e a sua utilização, a qualidade que um espaço público necessita de ter para que seja minimamente desejado pelo indivíduo. Segundo o pensamento de Jan Gehl "(...) necessary and optional activities are given better conditions in public spaces." (Gehl, 2011, p. 12)

Verifica-se que a qualidade do espaço público é um ponto chave na utilização do mesmo, especialmente para as atividades necessárias e opcionais onde este fator revela maior influência no comportamento humano. Quando a qualidade é menor apenas ocorrem as atividades necessárias, no entanto sendo a qualidade maior estas atividades ocorrem igualmente, apenas pode variar o tempo de permanência das pessoas. No caso das atividades opcionais estas apenas são visíveis porque o espaço convida à permanência, à vivência, aos encontros humanos.



IMG. 5 – Gráfico que representa a relação entre qualidade de espaços públicos e atividades praticadas nesses espaços. (Gehl, 2011, p.11)

Como sugere o título do livro, a vida entre os edifícios, o designado espaço resultante, não está meramente cingido ao movimento pedonal ou às atividades de carácter social e recreativo. Esta vida que se desenvolve e se observa nos dias de hoje é resultante de um espectro de atividades que transformam espaços em cidades com significado. A necessidade de contacto surge agregada a este tema, o pequeno gesto de ver e ouvir outras pessoas está associado o leque de atividades sociais, desde contactos simples, complexos e ainda

conexões que envolvem emoções. Assim são distinguidas em duas formas de contacto que se guiam pela intensidade do mesmo, evidentemente a baixa intensidade está relacionada com o contacto passivo – o autor define-os como contactos insignificantes e independentes; meras oportunidades de encontro, ver e ouvir o outro – e a alta intensidade estão os familiares/amigos chegado, pessoas relacionadas com a intimidade do indivíduo. Esta escala difere tendo em conta o espaço público, isto é, se não existir espaço resultante entre os edifícios o contacto de baixa intensidade desaparece por completo, pois o intervalo entre estar sozinho e estar acompanhado é nulo, apenas existem os extremos. A vida que existe nestes espaços resultantes poderá oferecer uma oportunidade de estar com o outro de uma forma desapegada e sem exigências, vivenciar o espaço com outros indivíduos proporciona impulsos e implica experiências positivas, sem especificidade, somente com o outro. Da mesma forma existe o observador passivo, aquele que observa outros de forma indireta através de tecnologias, porém o observador direto tem uma experiência mais rica e motivadora, participando no espaço de uma forma presente e física. Derivado do contacto de baixa intensidade podem crescer outras formas de contacto, um meio para existir o não planeado, o espontâneo. O autor refere o exemplo de como é que os jogos das crianças começam, exceto os jogos em aniversários ou em atividades escolares, dão-se devido ao simples facto de estarem juntas ou verem outras crianças a exercer essa atividade, evidenciando a questão crucial “The first prerequisite is being in the same space. Meeting.” (Gehl, 2011, p. 19)

Na cidade ou em áreas residenciais a oportunidade de ver e ouvir pessoas implica uma informação acerca do ambiente social circundante, que se consolida com quem vive ou trabalha nessas zonas. O autor salienta que através do contacto direto com o outro assimilamos mais e existe uma igual importância com os detalhes, como acontece na informação mundial passada pelos media diariamente. Através do conhecimento do outro, da interação, das vivências e das sensações, estabelecemos uma relação também com o mundo que nos rodeia. A oportunidade que nos é atribuída, o contacto com o outro, auxilia a fornecer ideias e inspiração para a ação, pois o ser humano é inspirado por ver outros em ação. (Gehl, 2011, p. 21)

O sujeito mais importante na vida contemporânea são as pessoas, segundo o autor, a experimentação de pessoas, a vivência direta que nos é concebida, representa uma oportunidade ambivalente para o estímulo. Ao invés de experimentar edifícios e objetos sem vida, interagir com outras pessoas que estão em constante movimento oferece uma nova variação, a necessidade de estímulo. Nenhum momento é igual a outro e desta forma o número de novas situações e novos estímulos é infundável. Quando uma cidade é concebida

de maneira a ser vivida, onde existe um leque ilimitado de ações e interações, torna-se claramente estimulante porque as pessoas são ricas em experiências. A vida existente entre os edifícios é assim salientada como mais interessante e estimulante que os próprios edifícios desenhados com efeitos arquitetónicos, como discorre o autor “Inevitably, life between buildings is richer, more stimulating, and more rewarding than any combination of architectural ideas.” (Gehl, 2011, p. 22)

As investigações realizadas, pela observação da reação das pessoas à presença de outras em espaços públicos, vêm sublinhar as possibilidades de estar no mesmo espaço bem como ver e ouvir outras pessoas. Em qualquer lugar existem pessoas, é inevitável, estas e as suas atividades atraem outras pessoas, existe uma atração natural pelo espaço onde estão pessoas em maior concentração. Novamente o exemplo das crianças vem ilustrar estes aspetos, estas preferem estar junto de outras crianças ou adultos do que num local onde só existam brinquedos, na generalidade dos casos; ou quando se questiona se é preferível estar num jardim privado ou num jardim semiprivado com vista sobre a rua, a maioria das pessoas refere que prefere o jardim de onde se possa observar mais atividades. (Gehl, 2011, pp. 23-24)

Os espaços públicos apresentam uma oportunidade de vivência e contacto direto ou indireto com o outro, revelando uma das mais importantes atrações nos centros das cidades e nas suas ruas pedonais. Através da observação *in situ* de Stroget – considerada a rua pedonal principal do centro de Copenhaga – numa análise levada a cabo pela Escola de Arquitetura da Royal Danish Academy of Fine Arts localizada na Dinamarca, procurou-se analisar onde as pessoas paravam e por que locais passavam. Foi notado um considerável número de paragens em frente a lojas e exposições que estão diretamente ligadas a outras pessoas e ao ambiente envolvente. Também as atividades realizadas na rua foram alvo de grande interesse por parte dos utilizadores da cidade, levando à conclusão que todas as atividades humanas ganharam maior interesse nesta conexão que se estabeleceu entre as pessoas e o espaço público. (Gehl, 2011, pp. 28-29)

Em suma as observações levadas a cabo pela investigação dos espaços demonstra que as pessoas e as suas atividades são o maior objeto de atenção e interesse, mesmo tratando-se de contactos modestos e indiretos como ver e ouvir os outros. Referindo o autor em conclusão “Life in buildings and between buildings seems in nearly all situations to rank as more essential and more relevant than the spaces and buildings themselves.” (Gehl, 2011, p. 29), que a vida contemporânea que se desenvolve e que se vivencia tudo tem a ver com os espaços públicos e adiciona-lhes importância e identidade.

Os textos analisados e aqui referenciados fornecem-me alguma matéria para trabalhar na minha análise do lugar, a Ribeira das Naus e o seu projeto de reconversão, assim como Kevin Lynch e Jan Gehl fazem. São referências fundamentais no processo de análise, indicam-me alguns aspetos essenciais a ter em consideração, como é o caso do tipo de atividades realizadas no espaço, de que maneira o espaço público é utilizado e também que elementos constituintes desse espaço nos dão pistas para a sua utilização.

No decorrer do texto vão surgindo algumas perguntas pertinentes, se o comportamento das pessoas varia consoante o espaço em que se localizam; se os arquitetos e urbanistas realmente conseguem induzir uma determinada vivência no espaço público e se ambicionam que isso aconteça na realidade; se os elementos naturais conseguem conduzir a uma maior permanência no lugar, de que forma influencia o indivíduo; que atividades são praticadas, serão exatamente as mesmas que foram programadas e pensadas; um universo de múltiplas questões desenvolve-se ao ler o contributo destes três autores. Todas estas inquietações levam à problemática central da dissertação, a vivência do espaço público urbano. Numa procura por respostas à questão central, estes textos denotam-se importantes na medida em que me auxiliam a encontrar hipóteses para um caminho de análise, ou a questioná-las meramente, considerando-os assim uma referência metodológica e detalhada.

Capítulo II. História e evolução dos espaços públicos

Os espaços públicos, nomeadamente as praças e jardins, surgem na maioria dos casos integrados nas cidades, fazendo com que as cidades de hoje nos ajudem a celebrar o passado. A cidade antiga concede-nos as realizações do passado que nos alimentam fortemente o futuro em termos culturais e sociais, num constante teste ao pensamento urbanístico e arquitetónico destes espaços. Desde a sua criação foram alvo de progresso enérgico, bem como de diversas mutações a nível social, político e físico. A evolução dos espaços públicos e coletivos, tendo em conta os diversos fatores que os influenciaram, verifica-se ao longo de várias épocas sendo estas: a Antiguidade Clássica; a Idade Média; a Idade Moderna e a Modernidade Contemporânea, onde se inclui o Período Industrial.

2.1. Origem das praças e jardins

Desde muito cedo existe a preocupação com o espaço público registando-se na arquitetura egípcia as primeiras imagens de jardins com uma simbologia vincada, segundo Monique Mosser (citado por Rodrigues, 1993, p.22), nomeadamente o jardim de Nebamon [Imagem 8] que cerca de 1400 a.C. já reflete uma atmosfera religiosa e uma tendência geométrica que irá registar mais tarde nas cidades clássicas. O jardim seria equivalente ao paraíso, de carácter sagrado, contendo a natureza viva que levava os povos a acreditar na ligação divina através destes espaços. A civilização egípcia transparecia uma preocupação com estes espaços, dado que as suas pequenas habitações eram geralmente dispostas à volta de um pátio



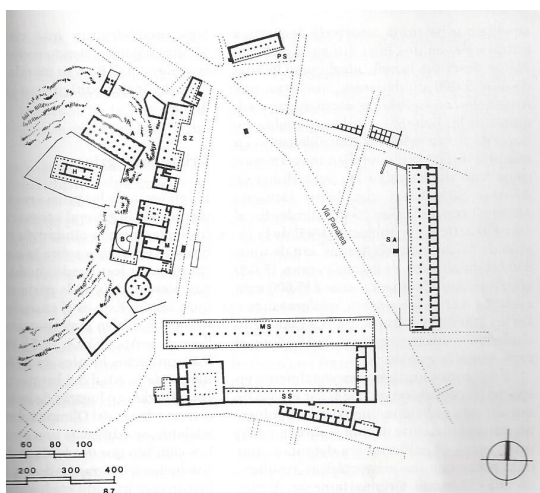
IMG. 8 – Jardim Egípcio e a forte presença da natureza. (Rodrigues, 1993, p. 23)

fechado. (Rodrigues, 1993, pp. 21-22) e (Goitia, 1982, p. 41)

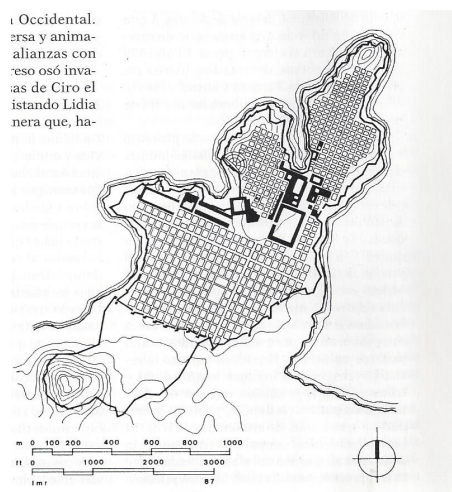
Posteriormente surgem os jardins próximo dos bosques sagrados na Grécia, dotados de força espiritual, onde segundo Xenofonte (*apud* Rodrigues, 1993, p.23) a tranquilidade envolvia o utilizador. A formação das praças remonta às cidades gregas de 500 a.C, que segundo José Lamas (1993, p. 139) no Ocidente tem origem no *Ágora* destas cidades clássicas. A sua estrutura urbana foi desenvolvida tendo em conta a necessidade de espaço, desde logo com uma frágil situação político-social das cidades-estado. Durante

este século procede-se à racionalização do espaço com especial enfoque na organização e funcionalidade das cidades, fracionando-a por zonas de atividades, sempre com o posicionamento peculiar dos edifícios de carácter público. Nas cidades existia a especial preocupação com os espaços públicos, que se tornam mais importantes quando associados ao poder democrático e à religião. A praça grega é o *Ágora* [Imagem 9], onde existem edifícios administrativos e jurídicos, reconhece-se o seu valor essencial na cidade como espaço de trocas sociais e experiências quotidianas, à semelhança do que assistimos na contemporaneidade. O autor Leland Roth (1999, p. 202) refere o *Ágora* como um espaço aberto, centro da vida comunitária da cidade grega, igualando-o a uma sala de estar ao ar livre onde se realizavam várias atividades, nomeadamente a discussão de assuntos políticos da *polis*.

A organização grega para a conceção de habitação é feita em quadrícula, exemplificada na Ásia Menor, na cidade de Mileto [Imagem 10] – traçada pelo arquiteto grego Hippodamus de Mileto – concebida em 479 a.C. em que a quadrícula ortogonal define o tecido residencial, desfazendo-se nos espaços públicos centrais embora estes sejam dotados de rigidez ortogonal e ocupem, por vezes, a dimensão de quadrículas maiores. A quadrícula é severamente cortada pelo relevo e as muralhas da cidade, também os edifícios e espaços públicos ignoram este traçado. O *Ágora* grego encontra-se representado no traçado urbano enquanto espaço público estruturante da cidade, enfatizando o eixo central da mesma. Porém segundo Morris (*apud* Lamas, 1993, p.140) a existência de referências de normas urbanísticas era diminuta, fazendo com que o planeamento urbano grego tenha sido meramente prático, verificando-se só a partir do século V a.C. o interesse pela modelação do espaço. (Lamas, 1993, pp. 140-144)



IMG. 9 – *Ágora* em Atenas, datado a 100 a.C. (Roth, 1999, p. 201)

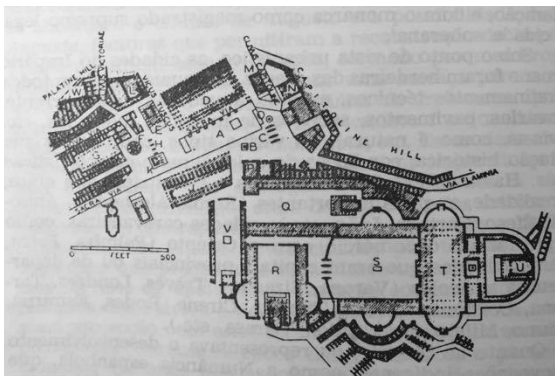


IMG. 10 – Plano de Mileto, datado a 450 a.C. na Ásia Menor. (Roth, 1999, p. 203)

São estas concepções urbanísticas e arquitetónicas iniciadas na Grécia Clássica que o povo romano vai transportar para as suas cidades monumentais, expressando o seu desejo pela integração do desenho urbano com a arquitetura. O urbanismo romano deixou uma marca evidente na Europa mediterrânica, perpetuando a sua cultura até à contemporaneidade, realçando um forte sentido religioso no traçado urbano das cidades. Segundo o autor Checa Goitia (1982, pp. 55-56) as cidades romanas desenvolviam-se perante três vertentes, sendo estas as cidades criadas através das povoações indígenas, as cidades gregas adotadas pelo povo romano e desenvolvidas sob o seu traçado, bem como as de implantação recente resultantes de antigos acampamentos militares que induziram aos romanos o traçado geométrico e regular.

A cidade é desenvolvida de acordo com a prática imperial, procede-se à construção de obras monumentais de carácter privado e público, seguindo o modelo de Hipódamo, opta-se pela implementação de um modelo de *quadra* em que se divide as novas cidades romanas em quatro frações. Com a orientação este-oeste os eixos principais são o *Decumanus maximus* (oeste-este) e o *Cardus* (norte-sul) que designavam na sua interseção o centro da cidade, um espaço de carisma religioso onde o céu e a terra se conectam, apontando a capital romana como o centro do mundo. Esse ponto de interseção deu origem a um espaço amplo, aberto, público bem como ao primeiro edifício designado de *Forum*, equivalendo ao *Ágora* grego. No coração da cidade estava localizado este espaço designado de *Forum* [Imagem 11], considerado a praça, isto é, o espaço público de excelência onde se procedia a encontros sociais e cívicos. Era à semelhança da *Ágora* grega um espaço ao ar livre, delimitado por edifícios públicos e templos, de mesmas funções, porém é alvo de uma definição arquitetónica clara e de forma retangular. (Lamas, 1993, pp. 144-148) e (Roth, 1999, pp. 231-232)

O povo romano possuía a intenção de conectar a arquitetura ao ambiente natural, de forma a que também possuíam jardins, onde era predominante o uso de pérgulas, terraços e fontes



IMG. 11 – Fórum romano, Roma. (Goitia, 1982, p. 56)

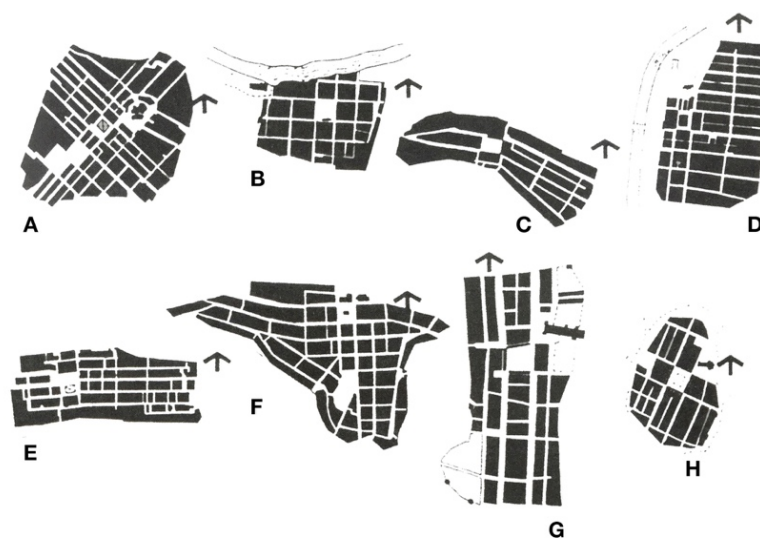


IMG. 12 – Jardins da Villa Hadriana em Tivoli, Itália. (Hadrian's Villa, 2015)

que climatizavam o espaço. A *Villa Hadriana* [Imagem 12] foi construída no século II na cidade de Tivoli sob o poder imperial de Adriano, marcada por jardins circundados de pórticos conjugava a arquitetura com a natureza de forma inegável, o poder e a monumentalidade não são postos de parte. A água é um elemento fulcral junto do qual emergem esculturas dos deuses, adicionando o culto do divino nestes espaços, simbolizando a grandiosidade do império. (Rodrigues, 1993, pp. 23-24)

Porém com a queda do Império Romano assistiu-se a um congelamento da vida urbana e do crescimento demográfico até aos séculos X e XI, modificando os núcleos urbanos das cidades europeias. Surgem dificuldades funcionais e espaciais que conduzem à utilização do pré-existente das cidades romanas antigas. A ordem religiosa e militar assume um papel importante nas cidades, por vezes conduzindo a uma sobreposição do traçado ortogonal romano com o traçado radioconcêntrico característico da Idade Média ou pela formação de novas cidades organizadas sob as regras de um traçado regulador. Procede-se ao abandono da escala monumental dando lugar a novos conceitos de conceção urbana, como a construção de cidades a uma escala mais pequena e intimista desenvolvendo-se em torno dos comerciantes, artesãos e respetivas classes sociais. Neste contexto verifica-se a necessidade iminente de defesa da cidade, determinando a imposição de muralhas no traçado urbano. (Lamas, 1993, pp. 151-152)

Segundo Fernando Goitia (1982, p. 89) o centro da cidade era marcado por uma praça onde se localizava a catedral ou igreja concedendo-lhe importância religiosa e simbólica, albergando igualmente nesse espaço o mercado. O traçado urbano medieval utiliza a rua como elemento base, referida por José Lamas (1993, p. 152) como a extensão do mercado, principal lugar de trocas e serviços, que se traduz na expansão do espaço de vivência coletiva



IMG. 13 – Planos de oito bastidas francesas. A- Ville réal; B- Lalinde; C- Castigliones; D- Eymet; E- Ville Franche du Perigord; F- Domme; G- Beaumont; H- Monlanquin. (Lamas, 1993, p. 161)

de carácter comercial. Porém a praça é alvo de acaso, com forma não regular resulta de um espaço vazio na confluência das ruas, ainda assim é um espaço com indispensáveis funções sociais e comerciais onde se promove naturalmente a interação coletiva. O urbanismo medieval planificado existe, representando-se claramente nas bastidas francesas [Imagem 13] que ilustram as variações urbanas em estruturas orgânicas com traçados regulares.

Durante este período no Ocidente une-se o sentido religioso à natureza, segundo Jacinto Rodrigues (1993, p. 25) surgem simbolizados pela rosa e pela flor de lis. Os jardins medievais surgem no interior dos claustros sendo de carácter aromático e medicinal, por vezes com grande importância no apoio hospitalar. Nestes espaços cultiva-se a funcionalidade e a simbólica, qualificados assim com diversas virtudes.

A alteração do paradigma urbano surge com o Renascimento, entre o século XV e XVIII em Itália, num retorno à ordem clássica sob os princípios vitruvianos. Implementa-se a ordem e a disciplina geométrica, integrando arquitetura com urbanismo, porém com a diferenciação de duas fases cruciais segundo José Lamas (1993, p. 170): o primeiro Renascimento com organização espacial vincada, equilíbrio perfeito de formas e limitação do espaço; e o Barroco, finais do período renascentista, onde os espaços urbanos adquirem dinamismo e movimento próprio. A composição da cidade concede importância extrema às praças, assim como em épocas anteriores, complementando-as de forma singular com o traçado ortogonal e a quadrícula que nesta época se distinguem como os elementos geradores da malha urbana. Denominadas de *piazza* ou *place* são alvo de distinção tendo em conta as suas funções que Morris (citado por Lamas, 1993, p.174) afirma serem três, sendo estes espaços de tráfego viário, tráfego pedonal e ainda espaços de acesso a zonas residenciais.

Porém as praças renascentistas, à semelhança do *Ágora* ou do *Forum*, são entendidos como espaços públicos de carácter especial onde a situação político-social, a funcionalidade, a simbologia e a arte adquirem valor estimável. Delimitadas por edifícios públicos e/ou monumentos são locais onde a conceção urbana e arquitetónica se completam, formando um cenário perfeitamente idealizado numa manifestação prestigiosa. (Lamas, 1993, pp. 175-176) No Renascimento, é notória a apropriação da natureza por parte do Homem, que vive influenciado pela ordem, onde os espaços verdes são elementos importantes na composição da cidade. Desta forma, o modelo italiano procura adaptar-se ao terreno, promovendo a menor imposição na natureza, conseguindo a articulação de vários espaços. O poder e a condição social coexistiam nos jardins renascentistas, Jacinto Rodrigues (1993, p. 29) refere que o arquiteto Giacomo Vignola elabora o jardim da *Villa Farnese* [Imagem 14] num diálogo exaltante com a arquitetura. A conjugação de elementos vegetais com elementos construídos dão origem a composições grandiosas onde o requinte está patente, assim como nos jardins

de Versailles [Imagem 15] do Plano de Le Nôtre onde a riqueza e a conjugação de elementos está perfeitamente presente.

No período Barroco, distanciando-se das cidades construídas à luz da ordem divina e do perfeccionismo, vai assistir-se a uma transformação lenta mas contínua das cidades. Não se registaram transformações profundas ao nível da estrutura urbana porém, segundo Fernando Goitia (1982, pp. 128-129) desenvolve-se o conceito de união, de Estado Nacional em que se enfatiza a expressão do todo territorial em oposição as anteriores cidades-estado. As cidades barrocas rendem-se ao absolutismo, referidas por Lewis Mumford (citado por Goitia, 1982, p.130) como cidades dominadas pela lei, ordem e uniformidade, criando uma nova forma de vida social.

Desta forma o jardim barroco é caracterizado pelo controlo dos espaços, pela complexidade formal e simbólica, nomeadamente com a elaboração dos labirintos de buxo e estátuas que se refere a um período prolongado até ao século XVIII. Exemplos deste processo existem em maior número em Itália, como é o caso do jardim integrado na *Villa Medici* em Roma. (Rodrigues, 1993, p. 31) Este período influencia diretamente a cidade burguesa em finais do século XIX bem como a urbanística da escola francesa do período Novecentos.

A praça e sua apropriação, tema em análise, começam a fazer parte do planeamento urbano das cidades, adquirindo importância continuada de forma a responder às novas lógicas sociais, políticas, económicas e culturais que surgem com os paradigmas do século XX em relação a estes espaços.

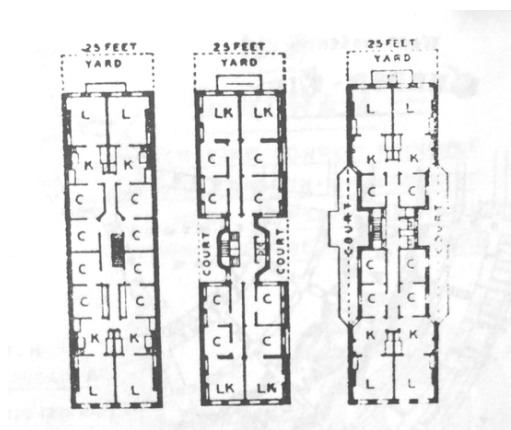


IMG. 14 – Jardins da Villa Farnese, Itália. (Rodrigues, 1993, p. 31)

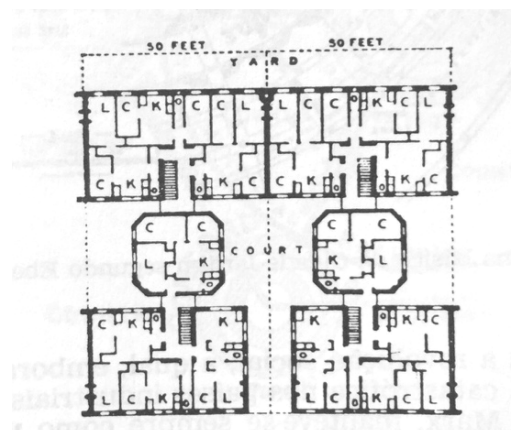


IMG. 15 – Plano do jardim de Versailles, traçado dos jardins e florestas. (Lamas, 1993, p. 195)

No período industrial, século XIX, vai assinalar o momento de charneira entre as cidades do período clássico e a cidade moderna do século XX. Na modernidade a cidade é alvo de um forte impacto por parte da industrialização, assistindo a um aumento demográfico nunca antes registado, erguendo diversos problemas e conseqüentes alterações que surgem na estrutura urbana. Neste contexto José Lamas (1993, pp. 203-204) refere que os elementos morfológicos do espaço continuam a relacionar-se, nomeadamente a praça até finais do século XIX, porém a rutura dá-se ao nível da escala, dimensão e forma das cidades. O desenvolvimento da indústria têxtil e a invenção da máquina a vapor é referida por Fernando Goitia (1982, p. 157) como o principal elemento da produção em massa de forma nunca antes presenciada. Assiste-se igualmente ao aparecimento dos meios de transporte, permitindo a expansão do mercado económico que movia estas cidades onde o desenvolvimento urbano tinha estagnado. As fábricas ocupam quase toda a extensão do solo urbano e suburbano; a suburbanização acentua-se bem como os bairros operários que surgem da necessidade inerente de alojar a mão-de-obra das cidades. Inicialmente estes bairros, denominados de *slums*, tinham condições de vida insuficientes, alvo de desenvolvimento lento onde a regularidade desumana era comum. Os primeiros *slums* surgem no ano de 1850 em Nova Iorque integrados no *Railroad Plan* [Imagem 16] com muito poucas janelas e um pátio quase inexistente, mais tarde surgem as *Dumbbell houses* [Imagem 17] que passam a ser um alívio para as condições anteriores com mais ventilação, luz e espaços verdes exteriores, não retirando a gravidade à situação. (Goitia, 1982, pp. 155-161)



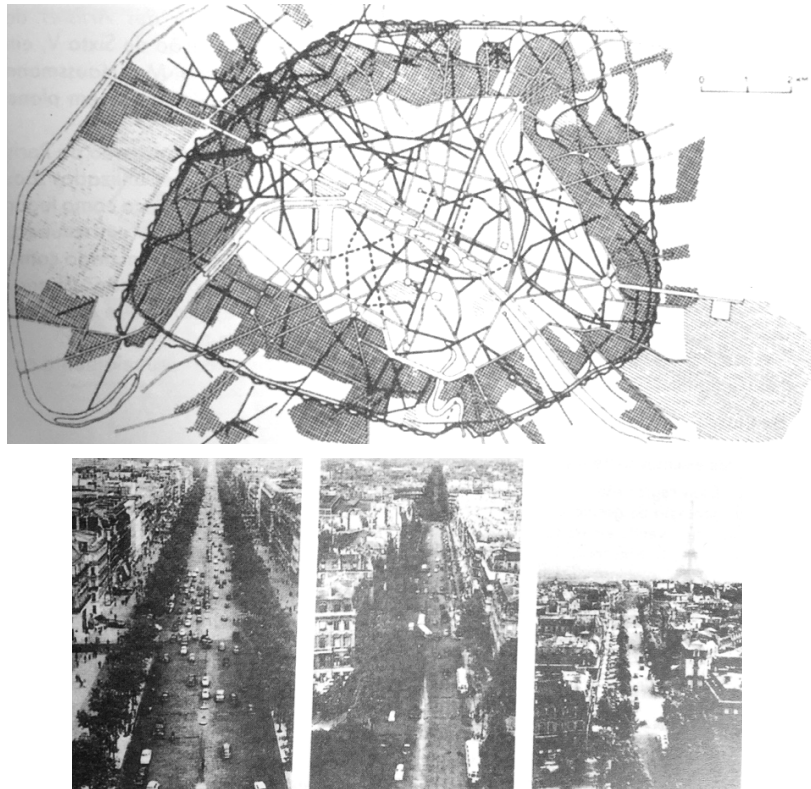
IMG. 16 – Railroad houses, Nova Iorque 1850. (Goitia, 1982, p. 161)



IMG. 17 – Dumbbell houses, Nova Iorque 1879-1887. (Goitia, 1982, p. 161)

Na Europa as tendências do período clássico marcam presença através da aplicação da malha ortogonal, traçado regular e geométrico, contando com inovações espaciais que enriquecem a estrutura urbana da cidade, sendo estas: jardins, parques, alamedas, passeios públicos, avenidas e *boulevards*. Esta inovação onde se procede também à destruição das muralhas e limites da cidade, verifica-se em cidades como Madrid, Milão, Berlim, Viena,

Barcelona no plano urbanístico de Cerdá, Paris com o plano de Haussman [Imagem 18] que posteriormente influencia o plano de Lisboa por Ressano Garcia. Conforme Lamas (1993, pp. 206-208) a praça enquanto espaço público, de encontro e de vivência social perde-se por carência de utilização, resultando assim num largo. Junto destes paradigmas surgem também a dissipação e falta de definição do perímetro urbano, levando à rutura da morfologia tradicional da modernidade contemporânea do século XX.



IMG. 18 – Plano de Haussmann em Paris. A traço cheio as ruas; a quadriculado, as novas expansões, e, a tracejado, os novos parques e jardins. (Lamas, 1993, p. 213)

A praça trata-se de um elemento morfológico que só foi implementado nas cidades ocidentais em que se distingue de outros espaços, porém nas cidades islâmicas as praças resultam de um cruzamento acidental de ruas e não de um elemento desenhado e pensado previamente. Esta tem como principal objetivo incorporar-se na estrutura urbana, conjugando o seu desenho rigoroso e os elementos morfológicos envolventes, consagrando carácter ao lugar. Segundo o autor José Lamas (1993, pp. 100-101) o traçado das ruas foi concebido para a circulação, seja ela pedonal ou viária, sendo que as praças tratam-se de um espaço urbano intencionalmente concebidas para o encontro, associando imediatamente a esta os conceitos de permanência, comunicação e vivência.

2.2. O caso Português

Neste capítulo pretende-se elaborar uma reflexão sobre os espaços públicos nas cidades portuguesas, nomeadamente focado em praças e jardins de carácter público, numa procura de definição das origens, genealogias, características morfológicas bem como a evolução urbanística desses espaços. Referindo os diversos períodos que de alguma forma contribuíram e caracterizaram o traçado português, consequentemente as cidades do País, procura-se perceber de que forma surgiram e foram utilizados os espaços urbanos, tendo em conta as suas características e funções.

Os traçados urbanos portugueses tornam-se verdadeiramente relevantes devido à importância dada, desde logo, aos espaços urbanos das cidades. A diversidade destes espaços públicos da cidade – tendo em conta as suas origens, funções, formas, processos de crescimento, estruturação e relações – passam a ser referências marcantes para a correta compreensão das diversas fases do urbanismo em Portugal, assim como para a percepção da morfologia das cidades nos seus diferentes momentos na história portuguesa. A pluralidade de praças no mesmo núcleo urbano identifica-se como uma das principais características da expressão urbana portuguesa, diferentes praças com diferentes funções que nos remetem a diversos espaços de carácter distinto, especialmente presentes no século XVII. (Manuel C. Teixeira, 2001, pp. 9-11)

Durante a idade média direccionava-se o sentido religioso aos espaços naturais, nomeadamente no Ocidente, revelando a sua expressão na simbologia e na funcionalidade. O jardim medieval surge raramente referenciado em Portugal correspondendo muitas vezes ao jardim fechado no claustro dos conventos, como acontecia no mosteiro de Santa Cruz [Imagem 19 e 20] em Coimbra. (Rodrigues, 1993, pp. 25-27)



IMG. 19 – Claustro principal do Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra. (Mosteiro de Santa Cruz, 2016)



IMG. 20 – Claustro da Manga, Coimbra. (Mosteiro de Santa Cruz, 2016)

Na época medieval não constavam nos núcleos urbanos portugueses praças estruturadas formalmente, remetendo às características geométricas do traçado das plantas bem como o seu ordenamento arquitetónico. Os espaços públicos eram o resultado de interseções de caminhos ou eram espaços aquém de estrutura e localizados na periferia da malha urbana. Porém os designados terreiros tinham uma quota parte de importância nas cidades, não pelo espaço público em si, mas pelas suas funções e edifícios que continham. Posteriormente estes espaços foram estruturados como praças, tornando-se parte integrante do crescimento da malha urbana da cidade sendo considerados como espaços urbanos centrais. No entanto é no final do século XV e inícios do século XVI que se verifica um período determinante no processo de estruturação dos espaços urbanos, estes que anteriormente estavam apenas associados aos equipamentos religiosos e civis passam a estabelecer as principais referências dos novos espaços das cidades. (Manuel C. Teixeira, 2001, p. 12)

Nas transformações urbanas já se verificavam os novos ideais renascentistas, pois as praças passam a ser consideradas espaços urbanos nobres, justificando assim a localização dos edifícios religiosos e civis nestas novas praças. Nesta transição de séculos começam a idealizar-se e construir-se praças rigidamente estruturadas, nomeadamente nos espaços religiosos onde o rigor geométrico é uma característica vincada a partir do século XV. A construção dos novos espaços urbanos tem a vertente de criação em núcleos urbanos já consolidados – onde as praças resultam da regularização do espaço existente, procurando conjugá-las com os edifícios e funções pré-estabelecidas – e a vertente do novo, associado às praças concebidas de raiz à luz do desejo da regularidade dos traçados urbanos. (Manuel C. Teixeira, 2001, p. 13)

Esta época em que se constroem cidades portuguesas à luz dos ideais renascentistas traduziu-se num contributo relevante para a história urbanística do país, onde a expansão das cidades e a sua conseqüente alteração se tornam marcos significativos. As preocupações ao nível urbano eram evidentes e, ao invés da criação de novas cidades, seguia-se o desejo de criação de normas reguladoras da vida urbana nas cidades existentes. Verifica-se a atenção sobre a valorização estética e a inovação dos traçados da cidade, debruçada sobre o planeamento dos núcleos urbanos consolidados. Como exemplo existe a cidade de Tomar, exibida a sua planta na imagem 21, em que se verifica desde logo este traçado regulador da cidade bem como a geometria e distribuição dos espaços, concebendo um valor estético e formal que se verifica até aos dias de hoje. A influência clara do desenho renascentista, concede às cidades portuguesas uma quota parte de modernidade na vida urbana, refletindo-se na reforma dos espaços públicos bem como na construção de diversos edifícios

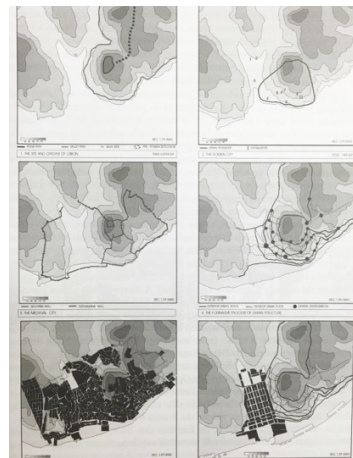
constitucionais que conferem carácter a estes novos espaços. São assim postos em prática os princípios urbanísticos de regularidade e organização, apresentando-se a conceção moderna dos diversos espaços públicos. (Madeira, 2001, pp. 50-52)

No século XVII o conceito associado à modernidade e às novas praças urbanas não se desvanece, pois assiste-se a uma maior regularidade dos traçados urbanos implementados, afirmando-se os primeiros exemplos de praças que geram traçados urbanos, isto é, que destas se desenvolve uma cidade. Desta forma a cidade é construída com uma predefinição de plano onde os elementos principais são a topografia e a localização inteligente dos edifícios, em locais visualmente dominantes. No entanto o principal elemento, que estrutura e conjuga todo o tecido urbano envolvente é uma praça regular e centralmente disposta, expandindo uma matriz ortogonal ao seu redor. Assim se torna facilmente o modelo dominante, adquirindo um papel estruturante e fundamental em todos os novos traçados urbanos. (Manuel C. Teixeira, 2001, pp. 13-15)

Porém existem duas vertentes de cidade, que se começam a salientar no século XVII, que segundo a autora Maria Guerreiro (2001, p. 18) são a cidade planeada em que o principal elemento organizador do espaço é o Homem, e a cidade orgânica onde é a natureza a principal reguladora do espaço. A cidade de cariz orgânico é essencialmente caracterizada pela coerência que se concede quando existe inteira articulação entre as partes que a compõem, a relação que os diversos espaços urbanos instituem entre si garantem a coesão da sua estrutura urbana. Este tipo de cidade não pode ser considerado informal, porque apesar da ausência de ortogonalidade têm uma geometria própria, resultante das condições do lugar que transmite um papel fundamental para a organização da cidade. A cidade de Lisboa é um exemplo claro de que a morfologia dos espaços públicos está vinculada às



IMG. 21 – Planta da transformação da cidade de Tomar, século XVI. (Manuel C. Teixeira, 2001, p. 31)



IMG. 22 – Processo de formação da estrutura urbana de Lisboa. (Manuel C. Teixeira, 2001, p. 23)

condições do seu suporte físico natural, pelo menos até ao terramoto de 1755, como se pode comprovar nas quatro primeiras plantas apresentadas na imagem 22, onde o seu desenvolvimento se faz em relação à situação topográfica e à localização do Castelo de São Jorge. Após o terramoto de 1755 que destrói grande parte da cidade, é escolhido um plano de desenvolvimento ortogonal que se impõe às logicas anteriores de crescimento natural. (Guerreiro, 2001, pp. 23-25)

A experiência desenvolvida em torno dos traçados urbanos ortogonais e regulares, ao longo do século XVII e século XVIII nas colónias portuguesas, expressa-se totalmente nos traçados pombalinos de Lisboa. Os exemplos mais vinculados são a reestruturação da Praça do Rossio e do Terreiro do Paço, em que o tratamento formal em termos urbanos e arquitetónicos, conjugação das funções com a envolvente próxima, ainda evocam a tradição urbana portuguesa. Estas praças tornam-se elementos de grande permanência na cidade, porém a construção de novas praças urbanas no século XIX é diminuta, substituídas muitas vezes por jardins ou por circulação viária, dando prioridade ao desenvolvimento dos meios de transporte e não às pessoas. Neste século que começam a surgir novos conceitos urbanísticos associados ao movimento moderno que, segundo o autor Manuel Teixeira (2001, p. 15), indicam excluir a praça dos seus planos. Assistindo-se a uma expansão crescente das cidades, o espaço urbano fragmenta-se e surge a necessidade imediata da recomposição formal, instaurando-se medidas que devolvam a vida à sociedade e é nesse sentido que as praças conseguem readquirir o seu papel fundamental na construção de uma realidade urbana na integridade. As praças da cidade contemporânea têm vindo a ser suprimidas nas últimas décadas, porém perpetuam o seu valor fundamental na vida urbana, como refere Luiz Cunha "(...) estes espaços continuam a ser extremamente importantes para a vida das cidades de hoje, justificando não apenas a sua manutenção, mas a criação de novos espaços com as características que sempre lhes foram tradicionais, inseridos na cultura urbana portuguesa." (*apud* Manuel C. Teixeira, 2001, p. 16)

As cidades portuguesas sofreram diversas alterações ao longo dos séculos inicialmente influenciadas pelos povos que lhes deram forma e conteúdo, podendo-se referir o valor intrínseco da praça na Antiguidade que era um local de debates, trocas comerciais, difusão de conhecimento e de informação. Estes espaços nos dias de hoje tornaram-se muito significativos para a vida da sociedade, refletindo o Homem na sua grandeza, conseguindo oferecer-lhe diversas vivências, tornando-se assim indispensável. Desta forma só se pode designar uma mais valia a construção de espaços públicos nas cidades de hoje e de amanhã.

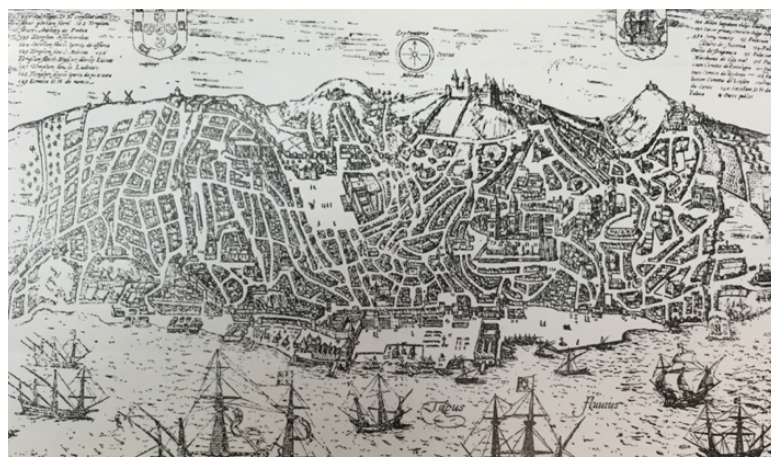
Capítulo III. Lisboa e o rio: Enquadramento histórico

A cidade de Lisboa, pela sua localização geográfica e proximidade marítima, é desde a era primitiva o palco para assentamentos de diversos povos que deixaram sinais evidentes no território. Na zona Norte erguem-se as sete colinas, denominadas por Vieira da Silva (citado por Costa, 1951, p.7) como: o Castelo, Santo André, S.Vicente, Santana, S.Roque, Santa Catarina e Chagas; que se separavam por vales com mais ou menos profundidade que confluíam no rio Tejo. As colinas a Sul acabavam no rio, porém com a intervenção humana esta característica foi-se difundindo, é na zona ribeirinha que no século XIX se começa por edificar o aterro, os cais e as docas correspondentes ao porto de Lisboa. (Costa, 1951, pp. 3-10)

3.1. Realidade urbana até ao terramoto de 1755

A frente ribeirinha começa a ganhar alguma relevância desde o momento em que, no reinado de D.Manuel I, se procedem a obras nas margens do Tejo intrinsecamente relacionadas com o porto de Lisboa e as suas infraestruturas. No início do século XVI procede-se à construção de uma doca de amplas dimensões e pavimentou-se a praia contigua ao Palácio Real, gerando desta forma uma vasta área destinada ao uso público. Promovia-se um mundo de trocas, uma afluência fluvial e marítima em crescimento bem como a multiculturalidade que se fazia sentir. A cidade lisboeta inicia sua expansão sobre o rio, por vontade do homem que acrescenta solos instáveis às margens. (2009, p. 26)

Os melhoramentos são visíveis na cidade na era manuelina, com especial enfoque na urbanização do Rossio onde, até ao terramoto de 1755, se verificava a opção da forma



IMG. 23 – Planta perspectivada de Lisboa no século XVI. Ao centro localiza-se o Terreiro do Paço e à sua esquerda o Paço da Ribeira manuelino. (Costa, 1951, p. 8)

quadrangular contendo o *forum* da cidade que segundo Costa (1951, p. 15) era o centro urbano, espaço onde se realizavam os eventos de carácter público e trocas comerciais. No século XVI, sob as ordens de D.Manuel I, urbanizou-se o extremo sul da cidade designado de Ribeira, que com a construção elegante e marcante das portas da cidade se passa a designar de Terreiro do Paço. Ao longo da zona ribeirinha localizavam-se os estaleiros navais, assim como se verifica na planta da imagem 23 apresentada anteriormente, nomeadamente na Ribeira das Naus que liga a zona do Terreiro do Paço ao Cais do Sodré. (Costa, 1951, p. 16)

O Plano Diretor para a frente ribeirinha de Lisboa, segundo refere Pedro Ressano Garcia (2009, p. 30), é produzido por Carlos Mardel por volta de 1750 e tratou-se de um plano de referência para a europa na época, propunha construir um passeio público ao longo da linha de costa, estendendo-se deste o Terreiro do Paço a Belém. Desta forma o plano é constituído por uma faixa contínua de aterros sobre toda a frente ribeirinha, bem como a construção de uma nova avenida que reformularia a imagem da cidade. Este plano, representado na imagem 24, foi referenciado anos mais tarde no âmbito da construção do porto industrial.

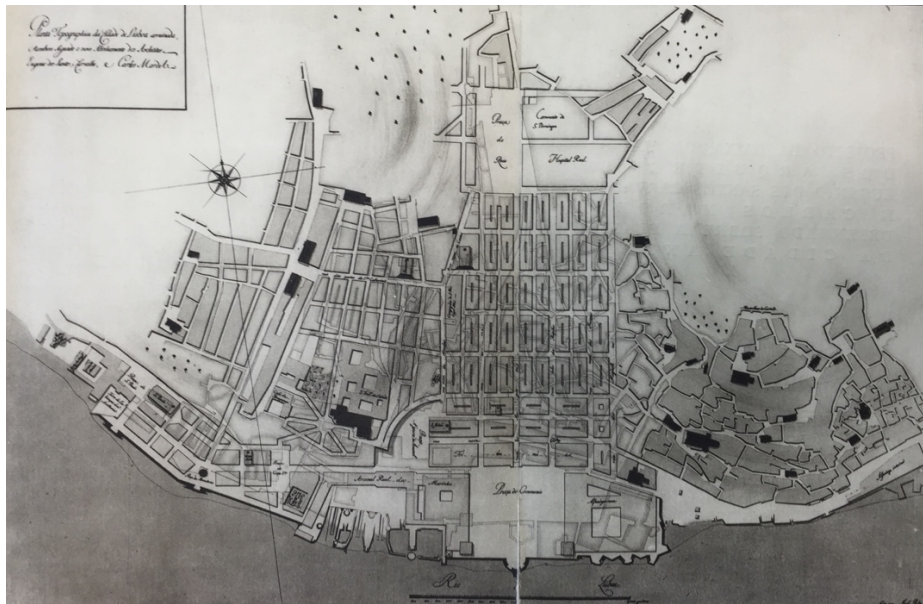


IMG. 24 – “Explicação do Caes Novo entre 1733-1763”, projeto para a frente ribeirinha, Carlos Mardel. (Garcia, 2009, p.31)

A cidade de Lisboa desempenhava uma função comercial importante a nível europeu, um grande porto, alvo de afluência de diversos países e pessoas que se reuniam em trocas comerciais. No dia 1 de Novembro de 1755 é gravemente atingida por um terramoto seguido de um impiedoso incêndio que devastou uma grande extensão da cidade, nomeadamente a zona da Baixa que foi transformada em ruínas. Após a destruição, segundo Marquês de Pombal (citado por Costa, 1951, p.21) teria que se “enterrar os mortos e cuidar dos vivos”, planeando de imediato a reconstrução rápida e lógica do núcleo lisboeta. A execução do plano abrangia a reconstrução e interligação da Baixa com o Rossio e o Terreiro do Paço, num sistema de ruas dispostas perpendicularmente, criando um eixo de ligação do núcleo urbano até ao rio Tejo. O pensamento urbanístico passa a fazer parte da conceção da cidade, revelando a sensibilidade perante os espaços urbanos e a organização dos mesmos. Segundo Costa (1951, p. 21) a reconstrução da Baixa Pombalina é alvo de princípios artísticos

e económicos, revelando uma organização vincada com a nomeação de cada arruamento como a profissão determinada. O processo de reconstrução foi lento, sendo que a total ligação entre as praças só foi efetuada em 1873 quando a rua principal, Rua Augusta, recebe o arco triunfal que abre uma ligação visual direta para o Terreiro do Paço e para o rio, transportando-nos para uma realidade paralela.

Procurava-se criar, de antemão, uma solução regularizada e programática que proibisse que esta “nova” cidade caísse na desordem urbana da cidade antiga. O engenheiro Manuel da Maia propõe segundo José França (1981, pp. 16-18) diversas opções de reconversão urbanística para Lisboa, algumas radicais desde logo excluídas, percebendo que a melhor solução passava por renovar e reedificar integralmente a parte baixa da antiga cidade. Desta forma conduzindo-nos à sua ideia de planta livremente desenhada (citado por França, 1981, p.19), ruas regularizadas, alturas pré-definidas, portas e janelas simétricas; o engenheiro concretiza o seu desejo de imposição da Baixa regular [Imagem 25]. Não esquecendo os problemas de insalubridade e conforto dos habitantes, trata de propor soluções que visam o melhoramento da cidade. O estilo pombalino que promovia a uniformidade e regularidade dos edifícios, porém desprovidos de decoração.



IMG. 25 – Projeto da renovação da Baixa Pombalina de Lisboa, por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel. Desenhado sobre a planta da cidade antiga. (Costa, 1951, p. 5)

3.2. Reconstrução da cidade: Período industrial e pós-industrial

Porém no século XIX as grandes transformações da cidade prendem-se com o desenvolvimento dos transportes, nomeadamente com o aparecimento dos caminhos-de-

ferro, inicialmente em Lisboa apenas existia a Estação de Santa Apolónia que se expande posteriormente para Alcântara e Rossio.

Na segunda metade do século XIX, após o término das guerras civis é que se verificam as mudanças de maior intensidade, realizam-se as grandes obras de caminhos de ferro, construção de novos bairros, porém com o Porto de Lisboa como alvo principal. Com o desenvolvimento virado para o Porto de Lisboa, rouba-se muito espaço ao rio para se fazer o aterro, no qual se rasgam as docas e erguem os cais. Esta reorganização e reconstrução do espaço adjacente ao rio permitiu que a extensa frente ribeirinha adquirisse a função de cais, concedendo espaço de acostagem aos navios que em séculos anteriores fundeavam no meio do rio, desenvolvendo-se a frente de água nas zonas central e ocidental. (Costa, 1951, pp. 26-27)

Estreia-se um período em que a relação com o rio é inteiramente distinta, de grande impacto a nível do espaço público, onde inicialmente a cidade vira costas ao rio porque o acesso a este é barrado pela criação de uma atmosfera e paisagem que não é aberta ou agradável ao passeio. Surgem um conjunto de novos espaços, nomeadamente teatros e jardins, de carácter lúdico e social, que segundo Costa (1951, p. 27) são direcionados para o culto da arte e da natureza adquirem destaque como espaço público de qualidade da época, como é o Passeio Público – na atual Avenida da Liberdade –, jardins de São Pedro de Alcântara, Príncipe Real, Estrela ou Santa Catarina.

No início do século XX a cidade cresce para Norte segundo ambiciona Frederico Ressano Garcia (1847-1911) no seu projeto de expansão, no qual define o novo eixo de desenvolvimento de Lisboa – com a construção da Avenida Fontes Pereira de Melo consegue-se abrir um eixo de ligação da Avenida da Liberdade ao Campo Grande – e a estrutura marcante das Avenidas Novas, desenvolvendo as ruas adjacentes ao eixo, num planeamento ortogonal e controlado de toda a malha urbana. Desta forma a cidade deixa de estar absolutamente cingida à baixa, abrindo portas a novas centralidades.

É nesta época que se começa a desenvolver a consciência de que a frente ribeirinha carece de intervenção, visto que se tratava de uma zona de impacto portuário fortemente ligada à imagem da cidade de Lisboa, porém com grandes obstáculos funcionais, operacionais e organizativos. Porém o momento de viragem e redescoberta do rio Tejo é em 1940 com a Exposição do Mundo Português [Imagem 26], sob a orientação do engenheiro Duarte Pacheco (1900-1943). (Costa, 1951, pp. 28-29)

A Exposição do Mundo Português veio exprimir um documentário da civilização, comemorando os cinco séculos de expansão portuguesa, pretendendo desde logo ter carácter universal. Referencia os feitos históricos de uma civilização atlântica ligada ao resto do mundo, desta forma é realizada em Belém junto ao rio Tejo que servia de pano de fundo, de paisagem contemplativa. Como descreve Castro (1940, p. 18) “A Exposição estender-se-á até ao Tejo e, nessa maravilhosa e evocativa paisagem, à entrada de Lisboa, poderá erguer-se a verdadeira cidade da História de Portugal (...)”. Os objetivos da exposição resumem-se à evocação do passado, à glorificação do império, à afirmação da força política e social e à crença no futuro. (Castro, 1940, pp. 65-66)



IMG. 26 – Vista aérea panorâmica sobre o espaço da Exposição do Mundo Português, 1940. (Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian, 2013)

“Tejo, rio sagrado da Humanidade, como o Ganges e como o Nilo; Tejo, eterno cavaleiro andante no céu, foste tu, desta barra, em que o sonho tomou corpo e a apoteose tomou alma, que nos ensinaste o mar e nos desvendaste o Mundo!”

(Castro, 1940, p. 63)

Toda a frente ribeirinha de Belém é revitalizada com construções maioritariamente temporárias, como era a intenção da exposição, sendo que algumas permaneceram até à atualidade como é o caso do Padrão dos Descobrimentos, o Museu de Arte Popular, o espelho de água e a Praça do Império. O espaço público desenvolvido junto ao rio Tejo, na totalidade, manteve-se na sua essência até aos dias de hoje, numa glorificação do passado e celebração do presente, oferecendo às pessoas uma relação com o rio como nunca antes tinha existido.

Surgem novos paradigmas com o desenvolvimento da atividade portuária, sendo na década de 80 que se começa a debater com maior intensidade o futuro das frentes ribeirinhas, revelando uma tomada de consciência em relação à cidade e ao rio, ambicionando-se qualificar uma nova vida urbana bem como um novo olhar sobre as potencialidades intrínsecas à recuperação e revitalização do espaço. Nos finais desta década inicia-se um

concurso de ideias para a zona ribeirinha de Lisboa¹ levado a cabo pela Associação dos Arquitectos Portugueses, promovendo uma forte consciencialização pública acerca da recriação da cidade e consequente vivência nas frentes ribeirinhas. No ano de 1990 o município de Lisboa define estratégias de planeamento que visam a necessidade de destacar a zona ribeirinha, é imprescindível a “devolução do rio à cidade, a bem da qualidade de vida dos cidadãos, (...)” como citado por Ferreira (1997, p. 154).

A nova fase de planeamento da cidade inicia-se em 1990 e 1994 quando se inclui a Zona Ribeirinha, identificando problemáticas e possíveis soluções, no Plano Estratégico de Lisboa – PEL (1992) que serviu de base ao Plano Diretor Municipal de 1994, estabelecendo quatro áreas estratégicas para a estruturação da cidade onde se propõe qualificar os espaços urbanos existentes, com foco na zona ribeirinha designada de área prioritária a reconverter. Desta forma o PDM destaca a ligação da cidade ao rio, estabelecendo um conjunto de objetivos estratégicos que permitam destacar a nova qualidade de vida junto ao rio, numa tentativa que promover um aumento qualitativo do espaço urbano direcionado para os cidadãos. Este prevê que as instalações industriais e armazéns sejam reconvertidos em unidades de habitação e comércio, acionando estratégias de revitalização do espaço bem como a constante ligação da cidade com o rio. (Ferreira, 1997, pp. 155-157)

Desta forma, visando dotar Lisboa de condições necessárias à qualidade de vida dos habitantes e proporcionando espaços urbanos renovados, estabeleceram-se alguns objetivos estratégicos por parte da Câmara Municipal de Lisboa, sendo o enquadramento do PDM:

- *“Fazer de Lisboa uma cidade atrativa para viver e trabalhar;*
- *Tornar Lisboa competitiva nos sistemas das cidades europeias;*
- *Reafirmar Lisboa como capital metrópole;*
- *Criar uma administração moderna, eficiente e participada.”*

Com características inovadoras, no Plano Estratégico de Lisboa procedeu-se à definição de “4 áreas ou unidades territoriais com alguma homogeneidade, advindo das problemáticas e potencialidades específicas”, sendo estas delimitadas pelo Relatório de Enquadramento do PDM de 1994 [Imagem 27]:

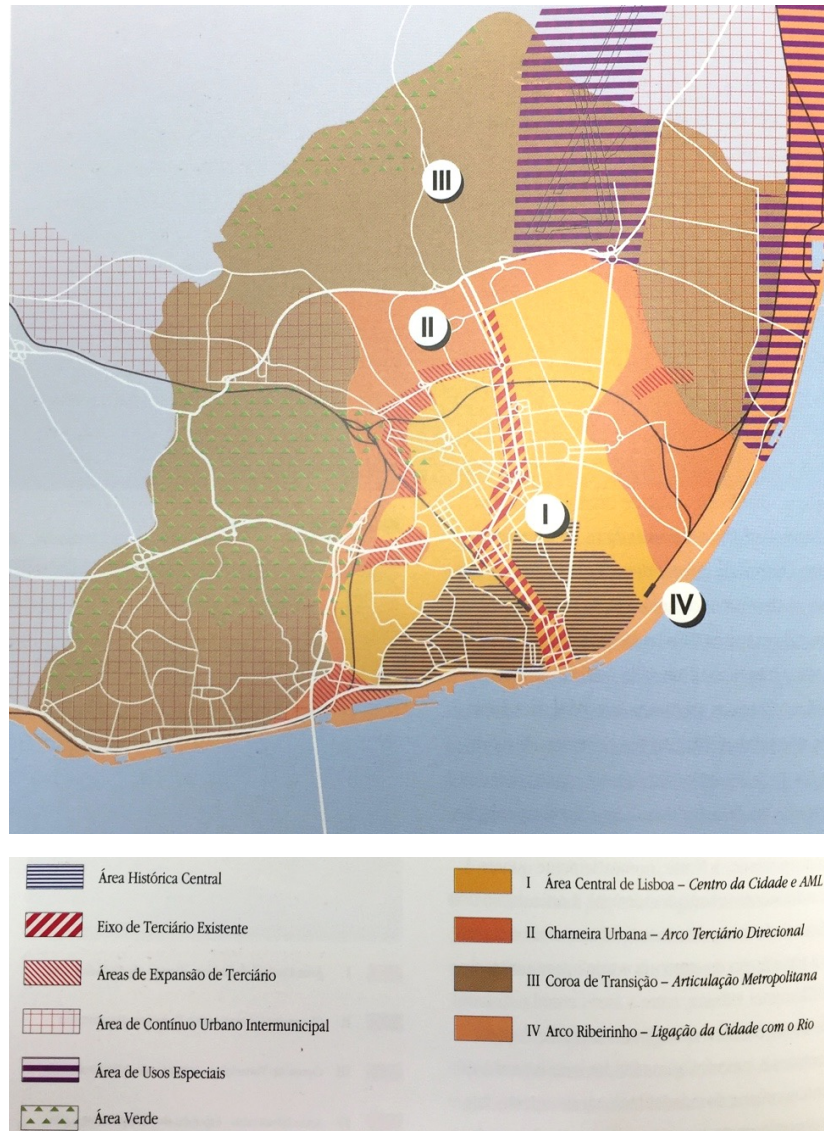
I - Área Central de Lisboa – Centro da cidade e da AML;

II - Charneira Urbana - Arco Terciário Direcional;

¹ O concurso contou com propostas desde a escala alargada do território até à escala arquitetónica. Considerado um momento fundamental de reflexão crítica abre portas a novos pensamentos sobre a reabilitação das frentes ribeirinhas de Lisboa. (Ferreira, 1997, p.156)

III - Coroa de Transição – Periferia com articulação Metropolitana;

IV - Arco Ribeirinho – Ligação da cidade ao rio sem perder o porto.



IMG. 27 – Divisão da cidade por zonas de ordenamento. Plano Estratégico de Lisboa, 1992. (Câmara Municipal de Lisboa, 1992, p. 60)

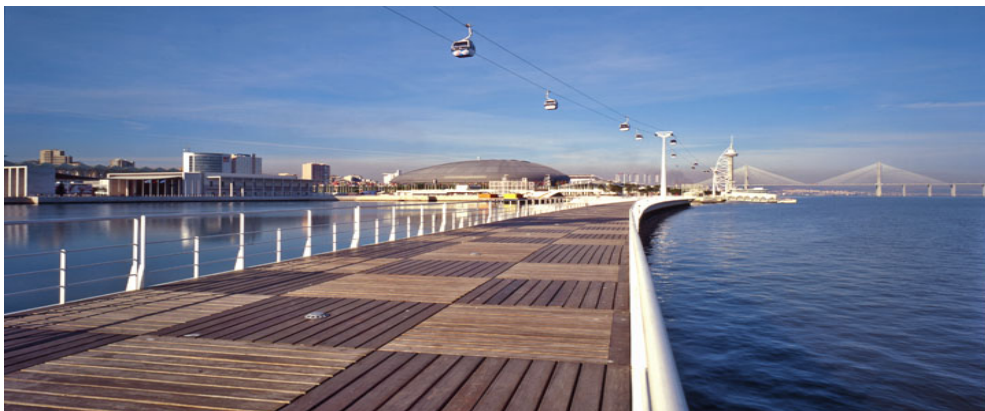
No final da década de 80 são iniciadas outras obras junto à frente ribeirinha, com o intuito de recuperação e revitalização como anteriormente foi referido. Podem-se sublinhar as intervenções realizadas do lado norte da barreira ferroviária bem como as do lado sul, sendo que estas incidem no limite de Belém e a Doca de Alcântara, nomeadamente a zona ocidental de Lisboa. Neste período também se geraram as bases de revitalização da zona oriental da

cidade, marcada essencialmente pelo período industrial, através da concretização da Exposição Mundial de 1998.

Todo o processo da Expo antecede o Plano de Ordenamento da Zona Ribeirinha (POZOR) levado a cabo pela Administração do Porto de Lisboa, onde em 1994 é realizada uma discussão pública que acaba por não ter continuidade. A Parque Expo, criada em 1993, é a empresa pública que inicia o processo de regeneração da cidade através de um Plano de Urbanização. A intervenção é marcada por duas fases bastante importantes, primeiramente o planeamento e a respetiva realização da exposição de 1998 – focado na glorificação de Portugal e do povo, em comemoração dos 500 anos dos Descobrimentos –, onde são desenvolvidos diversos edifícios e espaços públicos/zonas verdes que pretendem conceder continuidade e acesso à frente ribeirinha, implicando uma nova rede de acessibilidades. De seguida, na fase da pós-exposição, instalam-se diversos equipamentos públicos dos quais a FIL, Centro Comercial Vasco da Gama e o Oceanário.

Desta forma o processo contribuiu para a instalação de comércio, empresas e habitação que segundo Ressano Garcia (2010, p. 111) inscrevem a “reinvenção de uma nova cidade”. A reconversão da zona da Expo 98 tratou-se da maior transformação até então conseguida na relação da cidade e do porto, tendo como grande foco a construção de uma nova centralidade urbana na cidade de Lisboa. A reconversão do espaço veio proporcionar a oportunidade da cidade deixar de ter uma relação interrompida com o Rio Tejo, onde anteriormente os utilizadores não tinham acesso físico, exceto na Praça do Comércio e no Cais do Sodré.

Assim o momento de viragem do século XX é marcado pela Expo 98, assistindo-se a uma nova consciência sobre a relação da cidade e o rio, proporcionando à zona ribeirinha novas vivências, apropriações bem como futuras propostas de intervenção [Imagem 28].



IMG. 28 – Parque das Nações 2016, espaço público junto ao rio Tejo. (RISCO, 2016)

3.3. A cidade contemporânea: o retorno ao Rio

A cidade lisboeta entra no novo século com a criação da nova área a oriente, denominada de nova centralidade, clarificando a tendência de ligação entre a cidade e o rio, procurando levantar questões e respostas que vão acompanhando a cidade ao longo dos anos.

Na maioria das cidades portuárias, com início na industrialização até ao século XX, foi negado aos cidadãos o direito de contacto direto com as frentes de água, levando de certa forma ao esquecimento. O espaço público deve ser considerado como o objeto principal, visando oferecer usos e vivências distintas aos seus utilizadores proporcionando qualidade espacial e conforto, isto é, privilegiar a presença das pessoas no espaço. Torna-se importante embarcar numa tentativa de relacionar diretamente a cidade e o rio, procurando que a sua história não seja apagada do território nem esta impeça o processo de regeneração urbana de avançar, ficando preso ao passado. (Garcia, 2010, pp. 117-132)

Na sequência da Expo 98, é constituída em 2008 a Sociedade Frente Tejo que apresenta como objetivo estratégico a requalificação e reabilitação urbana da frente ribeirinha de Lisboa, valorizando essencialmente o espaço urbano. Através do Decreto-Lei nº117/2008 de 9 de Julho:

A Resolução do Conselho de Ministros nº 78/2008, de 15 de Maio, estabelece os objectivos e as principais linhas de orientação da requalificação e reabilitação urbana da frente ribeirinha de Lisboa, inscritos no documento estratégico Frente Tejo, tendo como objectivo a valorização daquele espaço urbano.

A requalificação e reabilitação urbana da frente ribeirinha de Lisboa, articulada com a intervenção já realizada no Parque das Nações, na sequência da EXPO 98, vem dar resposta às necessidades de ordenamento daquele espaço urbano, permitindo recuperar a centralidade em função dos novos usos que lhe vão ser dados, das infra-estruturas a implantar, bem como das actividades culturais e de lazer que aí vão ser dinamizadas. A requalificação e a reabilitação urbanas da frente ribeirinha de Lisboa permitirão ainda uma alteração na estrutura de mobilidades, alcançando-se um relacionamento mais estreito entre aquela e o restante espaço urbano de Lisboa. (Assembleia da República, 2009)

Um vasto conjunto de intervenções são enquadradas nesta estratégia de renovação e reconversão de áreas ribeirinhas, visto que esta apresenta em toda a sua extensão diversos problemas de ligação com a malha urbana de Lisboa que precisam de forte intervenção, de forma a garantir um melhoramento da qualidade de vida destas áreas. As zonas destacadas

pela Sociedade Frente Tejo de importância predominante são as da frente ribeirinha pombalina, nomeadamente o eixo Belém-Ajuda e do aterro da Boavista à Estação de Santa Apolónia.

O prolongamento da linha verde do metropolitano de Lisboa até ao Cais do Sodré é datado em 1998, como das primeiras intervenções no espaço histórico da frente ribeirinha pombalina. A inauguração do terminal fluvial do Cais do Sodré e as estações de metropolitano do Terreiro do Paço e Santa Apolónia na linha azul realizam-se posteriormente, num período de três anos, entre 2004 e 2007. É notória uma preocupação com o sistema de acessibilidades, multiplicando-se a oferta de transportes públicos, conduzindo as pessoas da malha urbana ao rio de forma mais fácil e direta, estabelecendo-se também a ligação dos transportes fluviais e ferroviários. O espaço urbano é desenvolvido de forma a garantir a qualidade de vida pública, por isso Claude Chaline (citado por Garcia, 2009, p.44) descreve que o “imaginário colectivo desempenha um papel que influencia as transformações nas frentes ribeirinhas (...)”.

Posteriormente iniciam-se intervenções ao nível do ordenamento do espaço público e do tráfego viário. O Terreiro do Paço, intervenção iniciada em 1998 mas apenas consolidada em 2012, conta com a reorganização da praça, uma nova pavimentação e um sistema viário novo, melhorando de forma significativa a circulação tanto viária como, essencialmente, pedonal; estabelecem-se também novos espaços culturais, de restauração e lazer. Mais recentemente, escolhido como caso de estudo da presente dissertação, é o projeto de reconversão da Ribeira das Naus inaugurado em 2014 que tenta articular a beleza histórica do local à experiência ribeirinha em primeira mão, que antigamente era negada aos cidadãos lisboetas, descrito detalhadamente no capítulo seguinte da presente dissertação. Paralelamente foram lançados concursos para o Terminal de Cruzeiros de Lisboa e para a renovação do Campo das Cebolas que hoje se encontra em processo de desenvolvimento.

O foco das novas intervenções é a utilização por parte das pessoas, localizando as preocupações para a utilização dos espaços urbanos da cidade, dando prioridade aos peões



IMG. 29 – Ribeira das Naus, ao fundo o Terreiro do Paço. Junho 2016. Captado pela autora da dissertação.

ao invés do automóvel, como é de salientar no Terreiro do Paço e na Ribeira das Naus [Imagem 29]. A imagem da cidade sofre uma mudança de paradigma devido às intervenções realizadas com um olhar refrescante sobre o que poderia ou não ser o espaço público urbano, procurando incansavelmente a apropriação do espaço por parte dos utilizadores, construindo a cidade para o cidadão e não o inverso.

Capítulo IV. Ribeira das Naus: Vivências e apropriação do espaço

O seguinte capítulo debruça-se sobre o caso de estudo no qual se constituiu a análise dos modos de apropriação e vivência do espaço público, a Ribeira das Naus. Primeiramente é realizada uma introdução ao objeto de estudo bem como à escolha do tema, substanciado pelos objetivos delimitados. Num segundo momento apresenta-se a metodologia delineada e seguida em toda a extensão do processo de trabalho. O trabalho de campo é descrito e decomposto num terceiro momento, implicando a referência ao processo de mapeamento das atividades e percursos, seguido da interpretação dos dados recolhidos aquando a observação *in loco* bem como o registo fotográfico/vídeo/som. Por fim menciona-se o processo de análise do inquérito, através do tratamento dos dados recolhidos será permitido caracterizar as vivências e apropriação da Ribeira das Naus.

4.1. Introdução do caso de estudo

A Ribeira das Naus é o presente caso de estudo, onde a evocação da história portuguesa está evidenciada e sempre presente. É possível, desde a planta mais antiga da cidade de Lisboa datada a 1650 por João Nunes Tinoco [Imagem 30], identificar este espaço ribeirinho de características inigualáveis, porém só na planta de Eugénio dos Santos em 1760 é que se podem identificar os espaços destinados à construção naval naquele local, nomeadamente estruturas, molhes e as docas secas, bem como a dita doca da caldeira, que já existiam com a forma que hoje conhecemos. A zona do Cais do Sodré foi reconstruída após o terramoto com um novo traçado urbano, denominando-se esta nova praça pombalina de Remolares² que segundo Hélder Carita (1994, p. 12) evoca a época dos descobrimentos, zona que surge diretamente ligada à Ribeira das Naus onde se localizavam os estaleiros navais [Imagem 31].

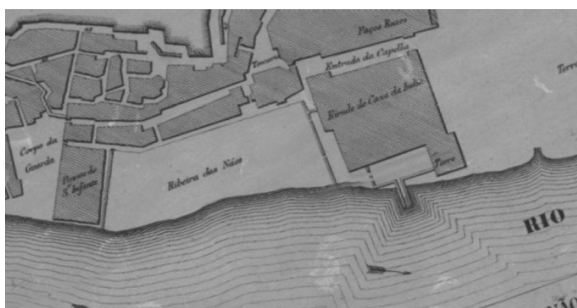
Este é um local onde a memória perdura ao longo dos séculos, um espaço onde outrora se chegava e partia, ponto de reunião multicultural frequente. Porém as vivências do espaço parecem não se alterar segundo Carita, mesmo após o terramoto que devastou a cidade por completo.

O Plano Pombalino vem radicalizar o espaço urbano, tornando-se numa solução urbanística crucial ao rápido desenvolvimento de Lisboa e toda a zona ribeirinha. A presença do Arsenal

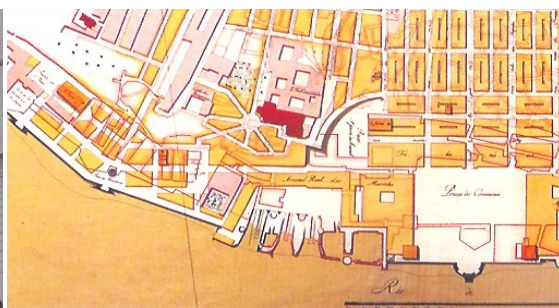
² No século XVI significava, etimologicamente, os carpinteiros especializados na fabricação de remos. (Carita, 1994, p.12)

da Marinha torna-se vincada, assim como é possível observar nas imagens 32 e 33 onde é notória alguma evolução do espaço, onde este era cingido às atividades navais como a reparação de navios nas docas secas bem como a atracagem e saída dos oficiais para o Arsenal através da *Doca da Caldeira*, tratando-se de um local de culto militar e marítimo. A cidade de Lisboa esteve desde sempre vinculada à água, segundo o engenheiro Baldaque da Silva³ citado por (Garcia, 2009, p.35) revelam-se preocupações ao nível do território e do equilíbrio ambiental, nomeadamente com a construção dos aterros entre o século XIX e inícios do século XX que modificam drasticamente o rio. Desta forma os aterros construídos em função do porto de Lisboa vão diminuindo a situação privilegiada que existe sobre as margens do Tejo e a ligação destas com os espaços públicos adjacentes. (Carita, 1994, p. 13)

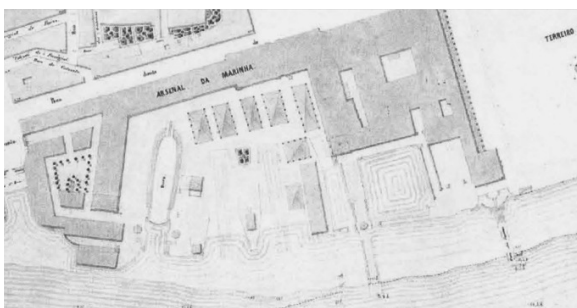
Porém é produzido por Baldaque um estudo crítico no qual propõe um novo traçado para o porto industrial [Imagem 34], denominado de *novas obras*, visando valorizar os valores naturais e culturais da cidade, rompendo a relação física entre a cidade e o rio que se tinha



IMG. 30 – Aproximação da zona da Ribeira das Naus. Planta mais antiga da cidade de Lisboa, por João Nunes Tinoco em 1650. (Câmara Municipal de Lisboa, 2016)



IMG. 31 – Aproximação da zona da Ribeira das Naus. Planta da cidade de Lisboa, por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel em 1758. (Garcia, 2009, p. 64)



(IMG. 32 – Aproximação da zona da Ribeira das Naus. Planta da cidade de Lisboa, por Filipe Folque em 1856, nº50. (Biblioteca Nacional de Portugal)

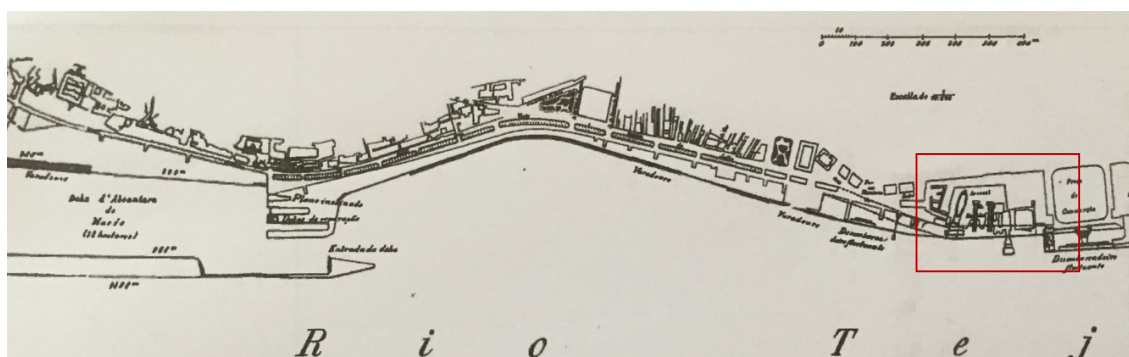


IMG. 33 – Aproximação da zona da Ribeira das Naus. Planta da cidade de Lisboa, levantamento de 1911 por Silva Pinto, nº11 E. (Oliveira, 2012, p.44)

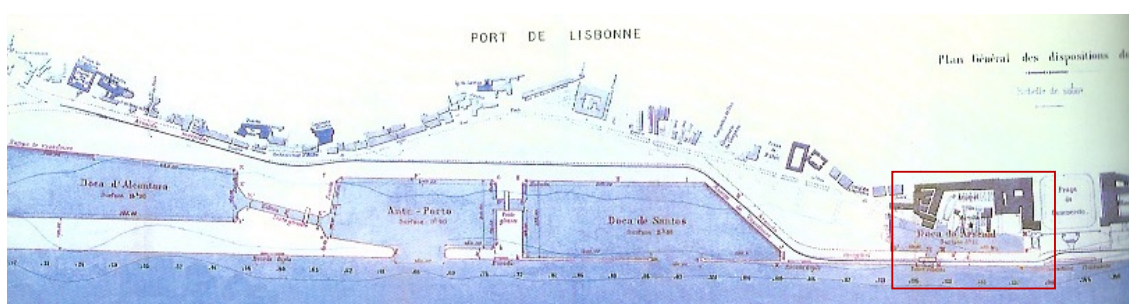
³ Notável engenheiro militar e estudioso de várias áreas (1852-1915), trabalhou na Administração do Porto de Lisboa e publicou o livro mais completo sobre o Porto intitulado de *“Estudo histórico – hidrográfico sobre a barra e o Porto de Lisboa”* de 1895.

estabelecido ao longo dos séculos, de tal forma que “separar a cidade do rio representaria uma mudança irreversível que, por sua vez, resultaria em transformações imprevisíveis”.

Com o porto industrial ainda por concluir realiza-se um concurso a nível internacional com o objetivo de elaborar um Plano Geral de Melhoramentos do Porto de Lisboa, do qual surgiram diversas propostas, a vencedora foi a do engenheiro francês Pierre Hersent (s.d.) que propunha um Porto moderno e eficaz. No plano aprovado, apresentado na planta da imagem 35 com a identificação da Ribeira das Naus, observa-se uma continuidade de terra reclamada ao rio Tejo estendendo-se ao longo da frente ribeirinha da cidade, assim como a linha férrea que acompanha esse mesmo desenvolvimento. O plano não foi totalmente concretizado devido a divergências administrativas, removendo a construção da linha férrea que atravessaria a frente da cidade e passaria entre o Terreiro do Paço e o Arsenal, os aterros previstos entre o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço e ainda as três docas projetadas: Alcântara, Santos e do Arsenal. (Garcia, 2009, pp. 41-44)



IMG. 34 – Projeto de alterações para a construção do porto de Lisboa. Desenho de 1891 de Baldaque da Silva. (Garcia, 2009, p. 36)



IMG. 35 – Plano de melhoramentos do porto de Lisboa. Desenho de 1888 de Pierre Hersent. (Garcia, 2009, p. 36)

São identificadas algumas dificuldades técnicas nas obras de execução e em 1907 altera-se a Administração do Porto de Lisboa, promovendo o contacto com as atividades portuárias, com o comércio, com a indústria e com as acessibilidades, nomeadamente os caminhos de ferro. A construção do porto de Lisboa precedeu a maioria dos portos mundiais como é o caso do *Port of London Authority* em Londres que só é concebido em 1909, desta forma o progresso

de construção do Porto é consequentemente marcado pela prosperidade e pelo sucesso da nação. (Administração do Porto de Lisboa, 2011)

Nos anos 40 surge uma decisão autoritária, sob o regime da ditadura em que se encontrava Portugal, para a construção de um novo aterro e uma ligação viária que ligaria Santa Apolónia ao Cais do Sodré, denominada de Rua do Arsenal pois quebrava o acesso do Arsenal ao rio, fragmentando imediatamente a relação da cidade com o rio. A estrada foi concebida para ser o primeiro anel de ligação rodoviário ribeirinho, porém transforma a morfologia da frente de água e impede a relação da cidade com o rio que era tão ambicionada. (Garcia, 2009, p. 45) A sua forte localização prende-se com o núcleo central de grande escala que é o Terreiro do Paço, o espaço urbano no qual se desvanecia a malha ortogonal da Baixa Pombalina, assim como se pode verificar na imagem 36.

O espaço da Ribeira das Naus era cortado pela estrada e tratava-se do único troço da linha de costa de Lisboa que não estava revestido a pedra, era apenas um enrocamento de pedra não contendo o paredão que se começou a construir no final do século XIX ao longo de toda a costa, excetuando aquele troço. Tratava-se de um espaço desqualificado, desprovido de qualquer função, quebrado pela circulação automóvel, continha uma bomba de gasolina e uma escultura “*Pórtico*” (1995) do escultor João Charters de Almeida (n.1935) que posteriormente foi movida para a Alameda da Universidade de Lisboa; este espaço acaba por perder o seu carácter histórico que em tempos foi determinante para a construção da imagem da cidade lisboeta.



IMG. 36 – Vista aérea do Arsenal, do lado direito o Terreiro do Paço. Datada aproximadamente a 1945. (Garcia, 2009, p. 57)

Mais tarde a Sociedade Frente Tejo, como referida no capítulo anterior, identifica a necessidade de requalificação da frente ribeirinha de Lisboa, nomeadamente ao nível da qualidade do espaço urbano, e no eixo de Belém-Terreiro do Paço incluído claramente a zona da Ribeira das Naus. Esta instituição pública, em conformidade com a Câmara Municipal de Lisboa, convoca um concurso em 2009 para a renovação da Ribeira das Naus de enfoque

nas vivências do local, da devolução da frente ribeirinha aos cidadãos, a forte ligação com o rio e a perfeita integração de espaços verdes qualificados. São apresentadas várias propostas, no entanto a proposta escolhida é a dos Arquitetos João Gomes da Silva (GLOBAL, Arquitectura Paisagista) e João Ferreira Nunes (PROAP) que propõem a requalificação do espaço público da Ribeira das Naus. Um projeto inspirado pela mística do local, retornando e evidenciando algumas das suas origens, originam o espaço público da Ribeira das Naus como hoje conhecemos.

A Ribeira das Naus encontra-se delimitada a Nascente pelo Terreiro do Paço, ao qual se liga diretamente através da passagem feita sob a boca da *Doca da Caldeira*, a Poente pela Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA), e a Norte pelo edifício que contém o Tribunal da Relação de Lisboa e o Ministério da Defesa Nacional da Marinha que abrange toda a parte posterior, de área restrita, da zona de relvado, sendo este o limite. A proposta para a requalificação passou pela junção de diversas áreas e atividades, através da forte relação com o rio; organizando o tráfego pedonal e automóvel assim como dando continuidade ao novo sistema de ciclovias da cidade; relacionando o espaço com o edifício da Marinha que ocupa aquele espaço desde “sempre” e revelando os elementos históricos escondidos pelas diversas camadas temporais. Pretende-se criar uma atmosfera contemplativa, desde a grande rampa transbordada pelo rio de 12 em 12 horas, aos espaços verdes, às rampas, à zona de esplanada e à presença dos elementos históricos, sendo estes a *Doca Seca* e a *Doca da Caldeira* que continua cheia para simular a memória do passado.

A parte principal ou a de maior dimensão é a zona rampeada até ao rio Tejo [Imagem 37], numa extensão de mais de 300 metros, ocupa toda a extensão de costa anteriormente inexistente e contém duas escadas nos muros ou bancos de 45 cm que remata o início da



IMG. 37– Ribeira das Naus, do lado esquerdo a presença do edifício da Marinha e no limite o Terreiro do Paço. (Junho de 2016)

rampa, oferecendo um espaço de perfeita contemplação da paisagem envolvente. A intenção, segundo refere o arquiteto João Gomes da Silva [Apêndice 1], passa por construir num primeiro momento, uma relação com a água do rio perfeitamente estabilizada com o objetivo de proporcionar diversas formas de apropriação pelas pessoas através da criação de vários desníveis que conduzem ao limite final que é o rio. Neste espaço é notória presença de betão e pedra de lioz branca, sendo que a restante pavimentação deste espaço, até ao limite da zona de relvado, é em basalto, proporcionando uma diferenciação de espaços e de possíveis ocupações. Existe a presença pontual de árvores que acompanha toda a extensão do eixo entre o início e o fim da rampa, espaço de forte transição e movimento de pessoas.

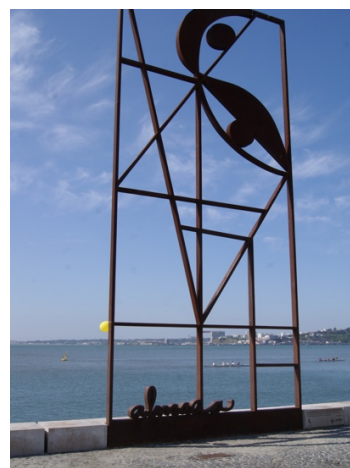
Este é um espaço ao qual não se quis adicionar regras, isto é, distinção física de áreas, sejam elas pedonais, automóvel ou ciclovias. Desta forma a intenção dos arquitetos foi, desde sempre, não limitar o espaço e fazê-lo o mais ambivalente possível para que a apropriação fosse livre. Assim o pavimento de toda a área é em basalto, tratado de forma especial para a correta utilização por parte de todos os utilizadores, não diferenciando assim as ciclovias, a estrada e o passeio; estes elementos de circulação apenas estão diferenciados pela existência de sinalética, como é o caso das passadeiras marcadas no pavimento, de carácter obrigatório, e as ciclovias com um pequeno símbolo inscrito.

A imposição de espaços verdes era algo mencionado na fase de concurso e estes foram colocados estrategicamente, ocupando uma vasta área da zona posterior da rampa, “rompida” pela estrada, que ao mesmo tempo que proporciona diversas apropriações e vivências, devido à sua dimensão e sombreamento dado por um grande conjunto de árvores, delimita a área militar restrita. Porém esta área é delimitada por grades pivotantes, o que permite, em qualquer ocasião que se pretenda, o livre acesso a todo aquele espaço, quase como uma ligação percorrível entre o Tejo e o núcleo urbano da cidade. As rampas de relvado fazem parte da zona de relvado posterior que têm exatamente o mesmo posicionamento e dimensões que as rampas de varadouro, de geometria e volumetria aproximadas. A *Doca Seca* [Imagem 38], que não foi totalmente posta à vista devido a fatores temporais e orçamentais, e a *Doca da Caldeira* que se trata de um tanque de marés, surgem evidenciadas, evocando a memória e adicionando riqueza ao local, onde a contemplação é implícita e necessária para a compreensão do espaço como um todo. Junto ao edifício da Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA) existe também uma zona de relvado com grande sombreamento devido à existência de árvores bem como a presença de bancos com a altura do muro que limita a rampa da zona de circulação, diferenciando-se apenas pelo seu comprimento, proporciona um espaço de descanso e conforto com o limite visual do Terreiro do Paço.

A zona de limite entre o EMSA e o início da rampa junto ao rio, todo o espaço quadrangular que contém um banco nos seus limites semelhante ao da rampa onde é possível sentar-se com facilidade e o espaço cingido à zona de esplanada de forma circular, trata-se de um pontão segundo João Gomes da Silva [Apêndice 1] onde existe a possibilidade de contemplação em toda a sua extensão, bem como a outra margem do rio, simbolizada pela escultura comemorativa do artista Almada Negreiros (1893-1970) que transmite o olhar sobre a paisagem e a visão da cidade de Almada a partir daquele local, colocada perfeitamente direcionada para a cidade [Imagem 39].



IMG. 38 – Doca Seca. Espaço restrito da Marinha na zona posterior. (Junho de 2016)



IMG. 39 – Escultura de Almada Negreiros com a cidade de Almada como plano de fundo. (Junho de 2016)

A permanência foi bastante induzida ou pelas características das superfícies bem como pela construção de elementos de definição do espaço, os limites de planos e desníveis, formando no fundo as permanências. Desta forma a permanência e a circulação são os grandes impulsionadores do espaço e das suas vivências. No conjunto, a materialidade do espaço restringe-se: ao pavimento em basalto das zonas de circulação pedonal e automóvel, o basalto que é a natureza geológica da cidade e que constrói todo o pavimento do Porto de Lisboa; ao calcário que forma o lioz na pavimentação da zona rampeada junto ao rio, bem como os bancos/muros de toda a área da Ribeira das Naus; vidro para os elementos verticais de iluminação e alguns elementos em betão branco.

Importa referir que do ponto de vista da apropriação do espaço e da sua centralidade, a Ribeira das Naus beneficia de diversas iniciativas promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa e outras entidades, sendo alvo da realização de diversas atividades e iniciativas, nomeadamente exposições, eventos e feiras, contribuindo para a constante dinamização da vida daquele espaço público. As frentes ribeirinhas estão hoje associadas a espaços de

acentuado significado cultural e histórico, numa junção de diversas atividades de lazer e marítimas redefinem uma nova imagem urbana.

A centralidade deste espaço público na cidade introduz a relação de proximidade com outros espaços públicos sejam estes largos, praças ou jardins, tratam-se dos principais elementos urbanos que desafiam utilizadores e despertam tipos de apropriação idênticos aos do caso de estudo, pretendendo-se fazer aqui a identificação dos mesmos num raio de ação de aproximadamente 2 quilómetros [Imagem 40].



IMG. 40 – Ortofotomapa da cidade de Lisboa. Relação de proximidade com outros espaços públicos. (Google Earth, 2016)



IMG. 41 – Planta da Ribeira das Naus, Lisboa. (Desenho Silva, J.G. e Nunes, J.F., Adaptada, Julho de 2016)

4.2. Metodologia de análise e programação

O trabalho de campo é composto por vários momentos, relativamente ao mapeamento dos modos de vida e apropriação do espaço da Ribeira das Naus referencia-se substancialmente na metodologia descrita no livro *The Social Life of Small Urban Spaces* (2011) de William Whyte e o respetivo filme de 1979, bem como na obra bibliográfica de Jan Gehl, *Life Between Buildings – Using Public Space* (2011), duas obras que proporcionaram uma perspetiva de análise composta sobre os diferentes usos do espaço público, auxiliando de certa forma a estruturar e sintetizar a presente análise. Foram identificadas três ferramentas para a análise, das quais o mapeamento das atividades e fluxos, através da observação direta no local e com recurso ao registo gráfico e escrito em papel; a fotografia e vídeo, realizado de forma individual e independente, adicionando uma componente experimental forte; e o inquérito de forma a complementar as ferramentas anteriores, numa procura incisiva e descritiva da experiência dos utilizadores deste espaço público.

Após a definição do método de análise, da programação e calendarização do mapeamento e dos inquéritos, consoante os dias da semana e fins de semana mais adequados. O arranque do processo foi apontado para o início de Junho de 2016, altura em que para a maioria dos jovens o ano letivo já foi finalizado, bem como o início do período de férias para os respetivos parentes, dada a afluência ao local nesta altura do ano devido aos fatores externos que influenciam substancialmente a utilização deste espaço. Desta forma, foi definida uma janela temporal de análise *in loco* e estudo apontando para o mês de Junho e inícios de Julho de 2016, tendo em conta a observação, mapeamento e simultaneamente os inquéritos que foram realizados no final do mês de Junho.

A fase de ensaio ficou apontada para o final do mês de Junho nos dias 18 e 20, realizando duas ações de observação e mapeamento das atividades, nomeadamente registo fotográfico e desenhado, com intuito de identificar os períodos e dias da semana que mostrassem relevância do ponto de vista da utilização e apropriação do espaço, de forma que se optou por não efetuar registos noturnos ou em períodos semelhantes em que as atividades no espaço são evidentemente menores ou até nulas. Assim sendo, optou-se por: dois dias da semana, respetivamente Terça-feira e Quinta-feira, ambos em dois períodos, o primeiro de manhã entre as 10:00h e as 12:00h, e o segundo período no final da tarde entre as 16:00h e as 18:00h, com dois registos correspondentes a cada meia hora em ambos os períodos; e um dia de fim-de-semana, respetivamente Sábado, apenas com um período de análise, entre as 10:00h e as 12:00h, igualmente efetuando dois registos a cada meia hora.

Na realização da fase de análise seguiu-se a estrutura geral delineada na fase de ensaio, mantendo assim os dias da semana e os correspondentes períodos estipulados. As frequências de registo verificaram-se eficazes e de forma contínua, sendo nos períodos estipulados de trinta em trinta minutos. Desta forma a programação e calendarização foram apontadas para as primeiras horas do dia de forma a recolher informação das atividades em hora de ponta, realizando a observação em dois períodos: o primeiro durante as Terças-feiras e Quintas-feiras das 10:00h às 12:00h, nos dias 21, 23, 28 e 30 de Junho; o segundo, correspondente ao final da tarde, também nos mesmos dias de Terças-feiras e Quintas-feiras entre as 16:00h e as 18:00h; porém ao sábado, escolhido um dia de fim-de-semana com intenção de captar as atividades de famílias e grupos, apenas se realiza o período da manhã igualmente aos dias úteis, entre as 10:00h e as 12:00h, nos dias 25 de Junho e 2 de Julho.

Em relação à elaboração do inquérito procedeu-se à investigação em termos de estrutura e de definição de perguntas de forma a evidenciar da melhor maneira os objetivos da análise posterior dos dados, bem como da adequação das perguntas ao local em estudo. Foram consultados dois inquéritos de dissertações de mestrado também em arquitetura, nomeadamente: a de Gonçalo Bento que tem como tema o *Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras. Apropriação e vida do espaço público* (2014); a outra de Luís Gonçalves que trata o tema *Praça da Liberdade, Almada. Apropriação e vida da praça no século XXI* (2015). Ambas as dissertações estão enquadradas na mesma temática de investigação e considerou-se essencial investigar e retirar a linha estrutural do inquérito, bem como algumas questões genéricas relevantes que se enquadrassem com o caso de estudo. As questões abertas foram evitadas, bastante utilizadas na primeira dissertação referida, porém em alguns momentos consideraram-se necessárias; as questões fechadas, utilizadas frequentemente na dissertação de Luís Gonçalves, revelaram a forma mais eficaz e rápida de resposta por parte dos inquéritos, sendo estas utilizadas com maior frequência no inquérito realizado. A experiência própria nas ações de observação e mapeamento iniciais proporcionou uma objetividade acrescida na elaboração das questões do inquérito, procurando minimizar o tempo de realização do mesmo, pois as respostas resultavam da observação direta momentânea; estas ações também determinaram a necessidade de existência de inquéritos em português e em inglês, devido à observação sistemática do público estrangeiro em constante afluência ao local.

A programação e calendarização da realização do inquérito aos utilizadores da Ribeira das Naus ficou determinado que se realizaria durante o final do mês de Junho e início de Julho, ao longo dos restantes dias da semana em que não se faria o mapeamento da análise, excetuando o dia de Domingo, de forma a garantir que o preenchimento dos mesmos numa

amostra de cinquenta pessoas, distribuindo entre utilizadores de nacionalidade portuguesa e nacionalidade estrangeira. A amostra de cinquenta testemunhos deve-se ao tempo útil de realização da presente dissertação bem como a razoabilidade para a obtenção e análise dos dados que complementa a observação *in loco*, demonstrando aspetos essenciais para a compreensão de uma atmosfera de apropriações e vivências naquele espaço público. Estimou-se um tempo de aproximadamente cinco minutos para a realização do mesmo, procurando captar a atenção dos inquiridos, mencionando ser algo atrativo e breve, tentando minimizar o possível transtorno dos utilizadores. Desta forma procurou-se utilizadores que possam dar o seu contributo na primeira pessoa, traduzindo a sua experiência pessoal e intransmissível, opiniões, sugestões e descrição, nem que em primeiro contacto como se verificou em muitos dos casos, da Ribeira das Naus.

Devido à forte observação por parte dos utilizadores, muitos deles presenciando e vivenciando o anterior espaço, sentiram a necessidade de transmitir algumas considerações, ideias e sugestões em relação ao anterior e ao atual projeto. Estas observações por parte dos inquiridos, muitas vezes não enquadradas nos campos de preenchimento do inquérito, foram registadas e são potencialmente enriquecedoras, adquirindo importância para o conteúdo de análise do caso de estudo, abrindo diferentes perspetivas acerca do local. A análise dos resultados sucede a ação de inquérito, através do registo textual e descritivo, de elementos gráficos e fotográficos de forma a complementar e ilustrar os dados obtidos no trabalho de campo. Desta forma deseja-se obter um padrão de apropriação e caracterização da Ribeira das Naus, entender qual a visão dos utilizadores do espaço mesmo que seja a primeira impressão, retirar também desta ação os elementos espaciais que determinam a atividade e permanência do indivíduo.

4.3. Ensaio do mapeamento da apropriação do espaço e percursos

A fase de ensaio do mapeamento e apropriação foi realizada conforme a programação definida anteriormente, visando a preparação do trabalho de ação que se seguiu na fase de análise. Devido ao mês escolhido para a realização de ambas as fases as condições meteorológicas foram particularmente favoráveis, do ponto de vista prático da observação e registo como também da apropriação por parte dos utilizadores, fator que determina evidentemente a permanência na Ribeira das Naus, como se vai comprovar numa fase posterior. Nesta fase procurou-se perceber se os períodos de tempo estabelecidos eram adequados, tendo em conta a frequência e a variabilidade de utilização do espaço. O registo fotográfico foi utilizado para captar a variação e o movimento no espaço, ajudando a identificar

os locais determinantes para a observação da fase de análise, isto é, a definição dos pontos de observação.

O registo gráfico foi elaborado em suporte de papel A4, sob uma planta do caso de estudo à escala 1:500, com quatro pontos de observação delimitados tendo em conta as determinadas zonas daquele espaço, bem como a boa visão sobre toda a envolvente. Este processo foi determinante para entender a diversidade decorrida nos períodos de tempo de trinta minutos, o que despertou a necessidade de criação de uma legenda ou simbologia – linhas de fluxos, setas, cores, identificação de presença feminina ou masculina, numeração de atividades e respetiva nomenclatura – que estivesse agregada ao grafismo, por forma a identificar rapidamente quais os fluxos e/ou atividades praticadas.

Em relação à vivência e apropriação, no período da manhã observou-se que o movimento é constante, nomeadamente ao nível do trânsito automóvel que devido a obras junto ao nó do Cais do Sodré se torna intenso no sentido Terreiro do Paço – Cais do Sodré, o que perturba um pouco a utilização da parte posterior de relvado. O movimento de travessia, em ambos os sentidos Cais do Sodré – Terreiro do Paço e Terreiro do Paço – Cais do Sodré, no início do período da manhã é regular, isto é, corresponde às atividades necessárias enunciadas pelo autor Jan Gehl (2011, p. 9) como a primeira do grupo das três atividades praticadas ao ar livre, sendo esta de uma atividade relacionada com a rotina diária; observa-se no espaço os percursos de deslocação correspondentes a casa-trabalho, casa-escola e transportes-trabalho/escola. Porém o apropriação do espaço é notório, especialmente por parte dos utilizadores que praticam desporto, contando com a presença vincada de ciclismo e corrida, ao longo de todo o período da manhã. Algumas outras atividades são evidenciadas como o passeio matinal de pessoas idosas e descanso na zona sombreada, o passeio com o cão e a contemplação da paisagem na zona da rampa para o Tejo.

No período de final da tarde a travessia tornara-se mais intensa, mas do ponto de vista da apropriação e permanência no espaço observou-se um misto de atividades ao ar livre consideradas por Gehl (2011, p. 9) como as atividades sociais e opcionais, sendo estas as que se realizando tendo em conta a atmosfera do espaço público, relacionando-se com a afluência de pessoas, com as condições meteorológicas e a envolvência do espaço. Num dia solarengo com temperaturas a rondar os 25°C a apropriação começou a evidenciar-se na Ribeira das Naus, tal como: vários grupos de jovens sentados à sombra das árvores na zona de relvado junto à *Doca Seca*, muitos deles a jogar futebol ou apenas a confraternizar e contemplar a paisagem; idosos e casais sentados nos bancos debaixo da orla das árvores na zona de relvado junto ao edifício da EMSA, ou até jovens deitados no relvado; esplanada do quiosque repleta de pessoas a apreciar a paisagem; assim como a zona da rampa que se

observou gerar imensas formas de apropriação, desde deitar, sentar com os pés na água [Imagem 42], reunir com outras pessoas, contemplar a paisagem, etc. Estas e outras atividades desenrolam-se ao longo do final da tarde, com uma maior afluência, devido às condições favoráveis oferecidas pelo espaço aos seus utilizadores, confirmando a relevância de se realizar a análise de mapeamento neste período dos dias úteis.

O ensaio de fim-de-semana, no sábado dia 18 de Junho no período de início da manhã, é marcado pelo movimento constante de utilizadores a fazer desporto, em ambos os sentidos, em grupos pequenos e grandes de ciclistas e outros atletas. O som do barulho dos carros no pavimento de basalto, verificou-se um fluxo moderado de circulação automóvel, também se torna algo marcante. Neste dia as famílias escolhem o local para o passeio, principalmente para no percurso entre o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço, bem como a circulação pela zona das rampas sob o rio, onde algumas crianças brincam com a água. Prevalece a permanência no espaço, nomeadamente na zona à beira rio e na esplanada do quiosque; os espaços de relvado durante a manhã ainda permanecem ao sol daí existir pouco registo de permanências.

Em suma estes são os períodos dos dias que revelam mais movimento, de forma que um único ponto de observação, como se tinha pensado inicialmente, é insuficiente para o registo legítimo de todo o conjunto de atividades praticadas e de todos os tipos de apropriação que o espaço proporciona. Desta forma foram identificados quatro pontos estratégicos dos quais se observa o espaço no seu todo mas mais detalhadamente em cada zona mais próxima, estes



IMG. 42 – Duas mulheres sentadas no limite entre a rampa e o rio, a contemplar a paisagem. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

são: dois junto à rampa sob o rio Tejo, um em cada extremidade; um junto à zona de relvado ao lado do edifício da EMSA e um quarto na zona de relvado junto à *Doca Seca*. Após o ensaio considerou-se que todas as atividades relacionadas ou desenvolvidas no espaço da esplanada fossem postas de parte, por serem de difícil identificação e que representam um espaço semi-privado, desta forma serão deduzidas apenas na percentagem de ocupação desse mesmo espaço, indicada nas plantas de mapeamento de atividades e apropriações.

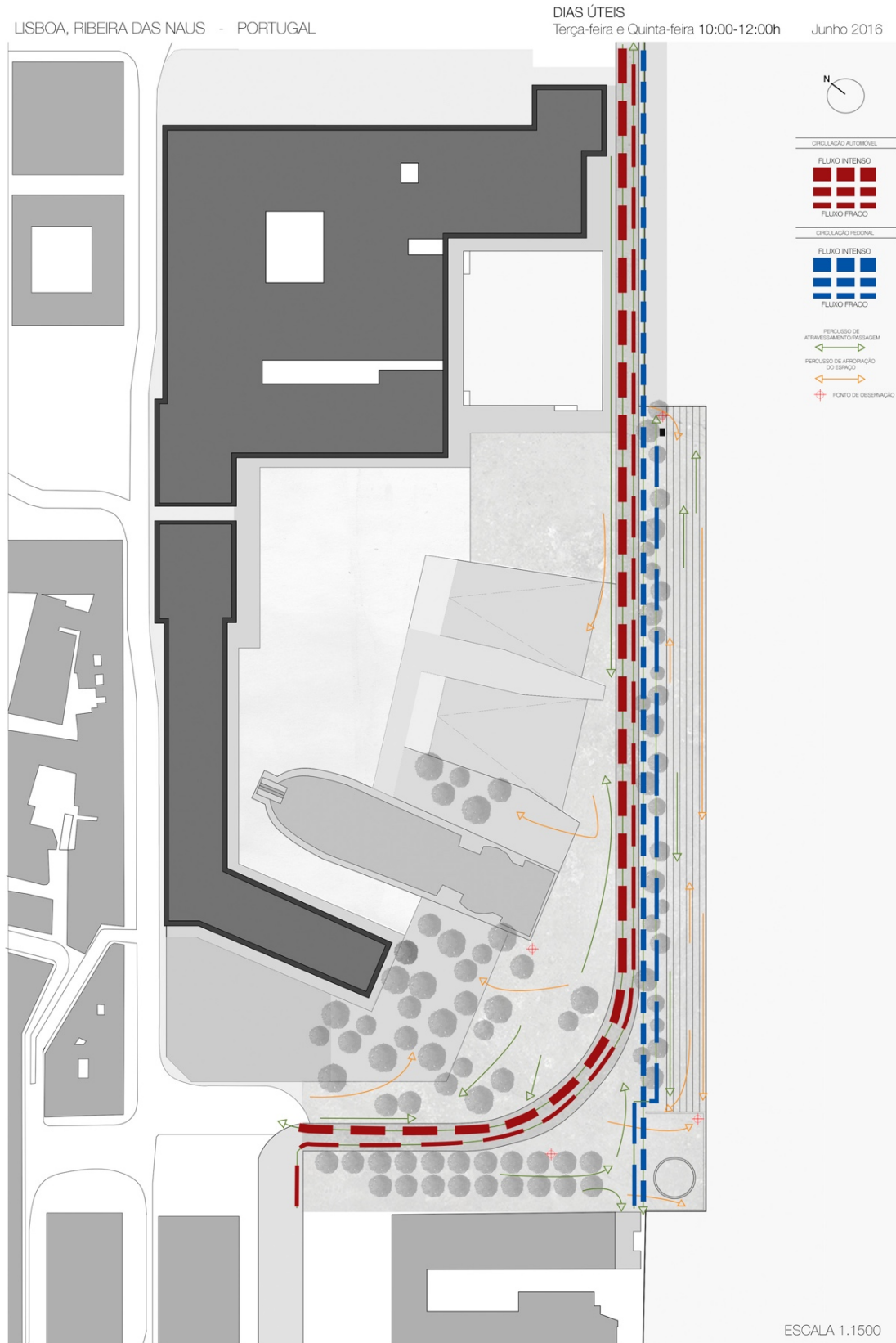
4.4. Síntese do mapeamento da apropriação do espaço e percursos

A síntese do mapeamento de percursos e atividades/apropriações realizada na Ribeira das Naus exprime-se através da sobreposição de cada uma das plantas de mapeamento realizadas diariamente por observação do caso de estudo [Apêndices 3.3., 3.4. e 3.5.], reunidas segundo o respetivo período de análise. Desta forma, podem-se sintetizar os seguintes períodos: o primeiro corresponde a seis registos em planta, sendo dois registos por cada meia hora, um de percursos e outro de atividades e formas de apropriação, relativo às manhãs de terça-feira e de quinta-feira, dias úteis, entre as 10:00h e as 12:00h; o segundo igualmente com seis registos, dois por cada meia hora, nos mesmos dias úteis, porém realizados ao final da tarde entre as 16:00h e as 18:00h; o terceiro período com seis registos, dois por cada período de trinta minutos, em dia de fim-de-semana, relativo às manhãs de sábado entre as 10:00h e as 12:00h. Na totalidade existem 12 plantas diárias de registo de mapeamento que dão origem a duas plantas síntese diárias correspondentes a cada período de análise [Apêndice 3.2.]. Para uma leitura mais clara e sucinta da análise as sínteses diárias decompõem-se em duas plantas – uma de percursos e outra de atividades -, nos dias úteis são quatro plantas síntese, respetivamente duas ao período da manhã e duas ao período da tarde; e outras duas plantas síntese correspondentes aos fim-de-semana, no período da manhã. Em suma a síntese de mapeamento encontra-se registada em seis plantas que resumem o dia e período correspondente.

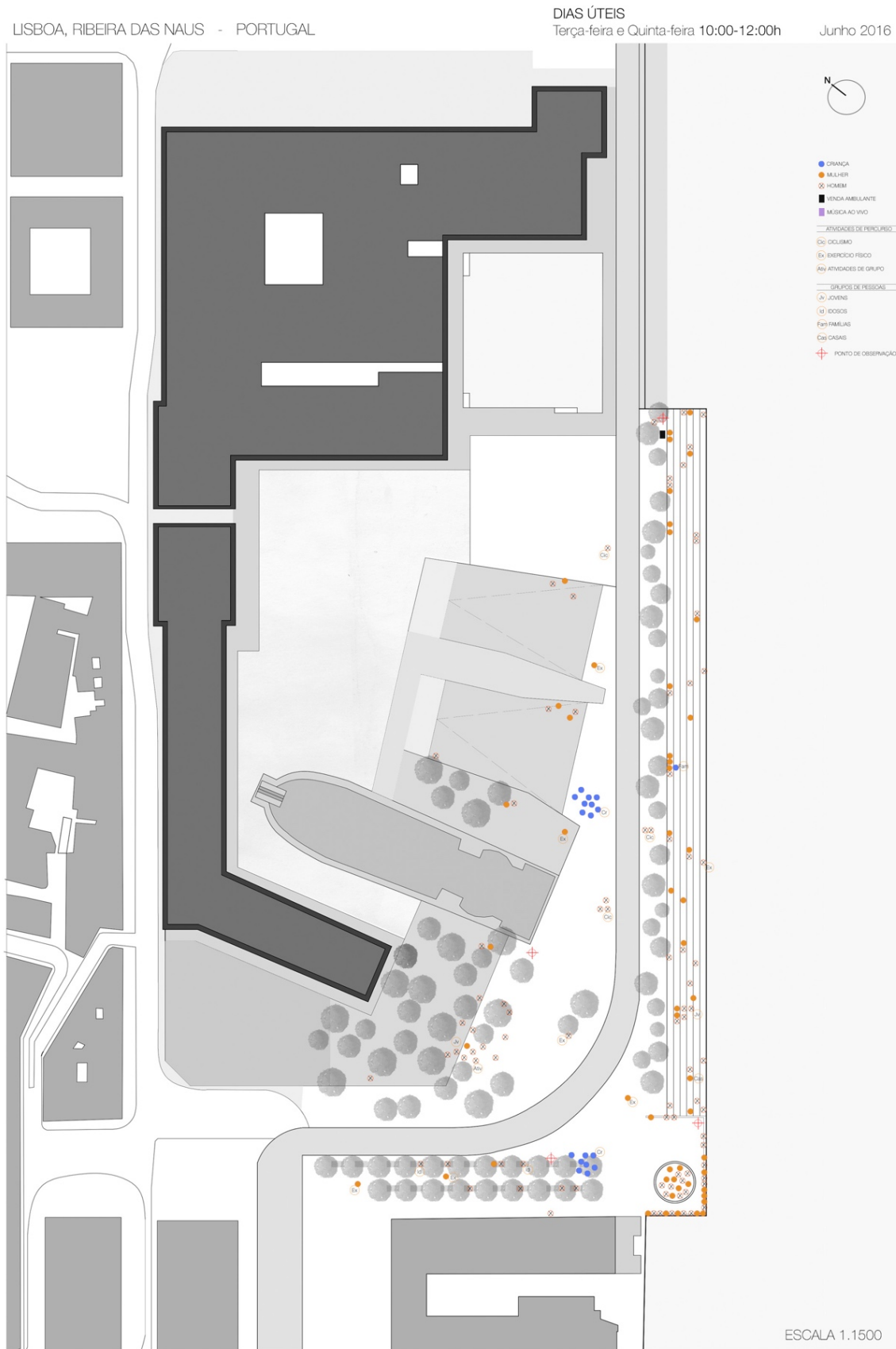
Em termos introdutórios para favorecer a clara leitura das plantas síntese, procedeu-se à conceção de uma legenda com símbolos destinada a cada planta síntese, uma para a apropriação e atividades e outra para os percursos/fluxos, porém com alguns símbolos em comum. Pretende-se que exista uma leitura simplificada das plantas, nomeadamente ao nível das atividades praticadas e aos percursos tomados pelos utilizadores, evidenciando os locais de maior concentração de pessoas e a afluência dos percursos de transição e apropriação. A legenda encontra-se identificada em todas as plantas síntese apresentadas seguidamente.

Em relação às atividades e apropriações do espaço destacou-se a frequência, a localização das atividades, o tipo de atividades, o sexo masculino ou feminino, os grupos sociais ou etários como os idosos, as crianças, os jovens e os praticantes de atividade física. É relevante referir que durante toda a fase de ações de mapeamento as condições meteorológicas foram especialmente favoráveis, com sol e temperaturas a rondar os 24°C e os 25°C, excetuando uma manhã que por aproximadamente 15 minutos esteve ligeiramente nublado, com temperatura mais baixa. Desta forma o trabalho realizado foi favorecido devido a estas condições, ficando determinado e enquadrado neste tipo de condições meteorológicas, ficando por observar e conhecer o espaço em condições adversas.

4.4.1. Síntese dos Dias Úteis – período da Manhã



IMG. 43 – Planta síntese de percursos. dias úteis de manhã. (Julho de 2016)



IMG. 44 – Planta síntese de atividades, dias úteis de manhã. (Julho de 2016)

A análise traduz-se nas plantas de síntese de mapeamento dos percursos e das atividades, respetivamente imagem 43 e 44, no período da manhã nos dias úteis da semana. A observação local e o mapeamento traduzem que os fluxos de travessia têm maior frequência contrariamente aos fluxos de atravessamento que se revelam pontuais em toda a extensão da Ribeira das Naus. Neste período os percursos automóveis e pedonais [Imagem 43] são os mais evidentes, verificando-se que o fluxo automóvel é intenso, devido a obras no local e a uma grande afluência de circulação, no sentido Terreiro do Paço – Cais do Sodré e fraco/pontual no sentido oposto, designadamente Cais do Sodré – Terreiro do Paço. Os fluxos pedonais distribuem-se maioritariamente de nascente para poente, sentido Terreiro do Paço – Cais do Sodré, revelando uma circulação moderada de utilizadores, enquanto que no sentido oposto a circulação é fraca e muitas das vezes é feita pela zona de rampa. O acesso pedonal é marcado pela utilização sistemática da zona de rampa junto ao rio, influenciada diretamente pela subida e descida do nível da água do rio, sem limitar o espaço e os percursos nessa mesma zona, sendo que o percurso paralelo ao rio Tejo é bastante forte e afluente por parte dos utilizadores.

Alguns dos utilizadores deste espaço público traduzem percursos de rotina, nomeadamente de deslocação casa-trabalho ou apenas de ligação à rede de transportes públicos que se encontram nos limites nascente – estação metropolitana e terminal fluvial do Terreiro do Paço – e poente – terminal fluvial e ferroviário do Cais do Sodré – do espaço público da Ribeira das Naus. Estes percursos normalmente identificam-se na parte pedonal junto à rampa sob o rio que faz esta ligação direta entre os limites do espaço, tornando o percurso dos utentes contínuo e sem obstáculos. O percurso casa-escola não é visível neste espaço, possivelmente porque o horário de observação já é tardio em relação ao horário normal de início das aulas, e também porque nos dias em que se fez o registo do mapeamento muitas crianças e jovens já se encontram no período de férias, de modo que esse tipo de percurso não foi observado.

Desta forma o maior fluxo de utilizadores estabelece percursos de carácter social/lazer, como se pode observar nas direções indicadas com a cor laranja [Imagem 43], predominantemente no sentido nascente-poente, na zona de rampa junto ao rio, onde o contacto com a água transmite serenidade e onde se pode contemplar a paisagem ao mesmo tempo que se circula. Verifica-se também nas zonas de relvado uma regular movimentação de utilizadores na zona junto ao edifício da EMSA, circulando no espaço existente entre das duas linhas de bancos em direção à zona ribeirinha; e na zona junto à *Doca Seca* onde os percursos são irregulares e simulam a deslocação das pessoas para o local onde irão permanecer, nesta zona de relvado o desenvolvimento de atividades de grupo é mais propícia devido ao sombreamento

existente. Outros percursos de travessia têm menor expressão, como o passeio com o cão na zona de relvado junto à *Doca Seca*. Os restantes percursos traduzem os movimentos pontuais que se vão registando no espaço ao longo do período da manhã dos dias úteis, transmitindo percursos alternativos principalmente na zona de esplanada e de quiosque, onde muitas vezes as pessoas se desviam do seu percurso para observar a envolvência, cujo campo de visão é amplo e ilimitado.

Do ponto de vista das vivências e apropriação do espaço [Imagem 44], bem como das atividades, observou-se que os utilizadores percorrem o espaço de forma tranquila e contemplativa, mesmo aqueles que fazem percursos de ligação e travessia de uma extremidade a outra, porém a atmosfera em que se inserem transmite-lhes serenidade e calma. Não se registaram pessoas em atravessamento apressado, sem revelarem um contacto visual e contemplativo ao espaço físico, possivelmente porque os percursos de lazer são predominantes. As pessoas passeiam frequentemente junto à água, onde o ruído das ondas é constante e a brisa é refrescante nos dias de calor em que se efetuaram os registos de mapeamento. As atividades de permanência registaram-se de forma acentuada, nomeadamente na rampa junto ao rio onde as pessoas se sentam a olhar para a paisagem e deitam a apanhar sol [Imagem 45]. Registou-se a existência de muitos grupos de jovens, na sua maioria estrangeiros, que permanecem naquela zona como se estivessem na praia, banhados pela água do rio e pelo bom tempo que se faz sentir; a permanência de casais naquela zona é também muito frequente, espalhados ao longo de todo o espaço, tanto na parte



IMG. 45 – Homem deitado na rampa junto ao rio a apanhar sol, como se estivesse na praia. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

superior como inferior junto ao rio; registou-se a existência de poucas famílias, ainda que algumas, que permanecem por pouco tempo no mesmo.

Na zona de relvado junto ao EMSA a permanência é pontual, porém traduz-se no espaço de maior concentração de pessoas idosas, pelo seu sombreamento parcial no período de tempo analisado, como pela presença de vários bancos por baixo da orla das árvores tratando-se de uma zona fresca e mais recatada. Registou-se a existência de grupos de crianças que passeavam com um ou dois adultos e se sentam a descansar nos bancos mais próximos do quiosque, onde a sombra é existente. Esta zona é predominantemente utilizada por homens, geralmente adultos e idosos, que escolhem a zona de relvado inclinado e sombreado para estarem deitados no chão ou sentados nos bancos a descansar. Na zona de relvado junto à *Doca Seca* a apropriação já se regista de forma distinta, as atividades em grupo são predominantes, nomeadamente grupos de jovens na maioria rapazes que jogam à bola ou se encontram sentados em círculos sob a orla das árvores, registando-se uma maior concentração na parte central desse espaço. São também identificadas pontualmente algumas pessoas a praticar exercício físico, nomeadamente ciclismo – nessa zona existe a marcação de uma ciclovia no pavimento – e corrida; porém os desportistas são mais frequentes na zona junto ao rio, onde se regista um maior número de ocupação e de percurso dos mesmos. Na zona das rampas de relvado é bastante pontual a presença de pessoas sentadas, a ler e deitadas a apanhar sol. O posicionamento privilegiado da esplanada do quiosque em relação ao rio e à paisagem ampla envolvente, traduz um pormenor de apropriação interessante pois os utilizadores, por forma a tomarem um refresco ou algo para



IMG. 46 – Pessoas sentadas nas cadeiras junto ao limite da esplanada, contemplando a paisagem envolvente, ao fundo a Ponte 25 de Abril e a margem sul do Tejo. Ribeira das Naus, Lisboa. (Julho de 2016)

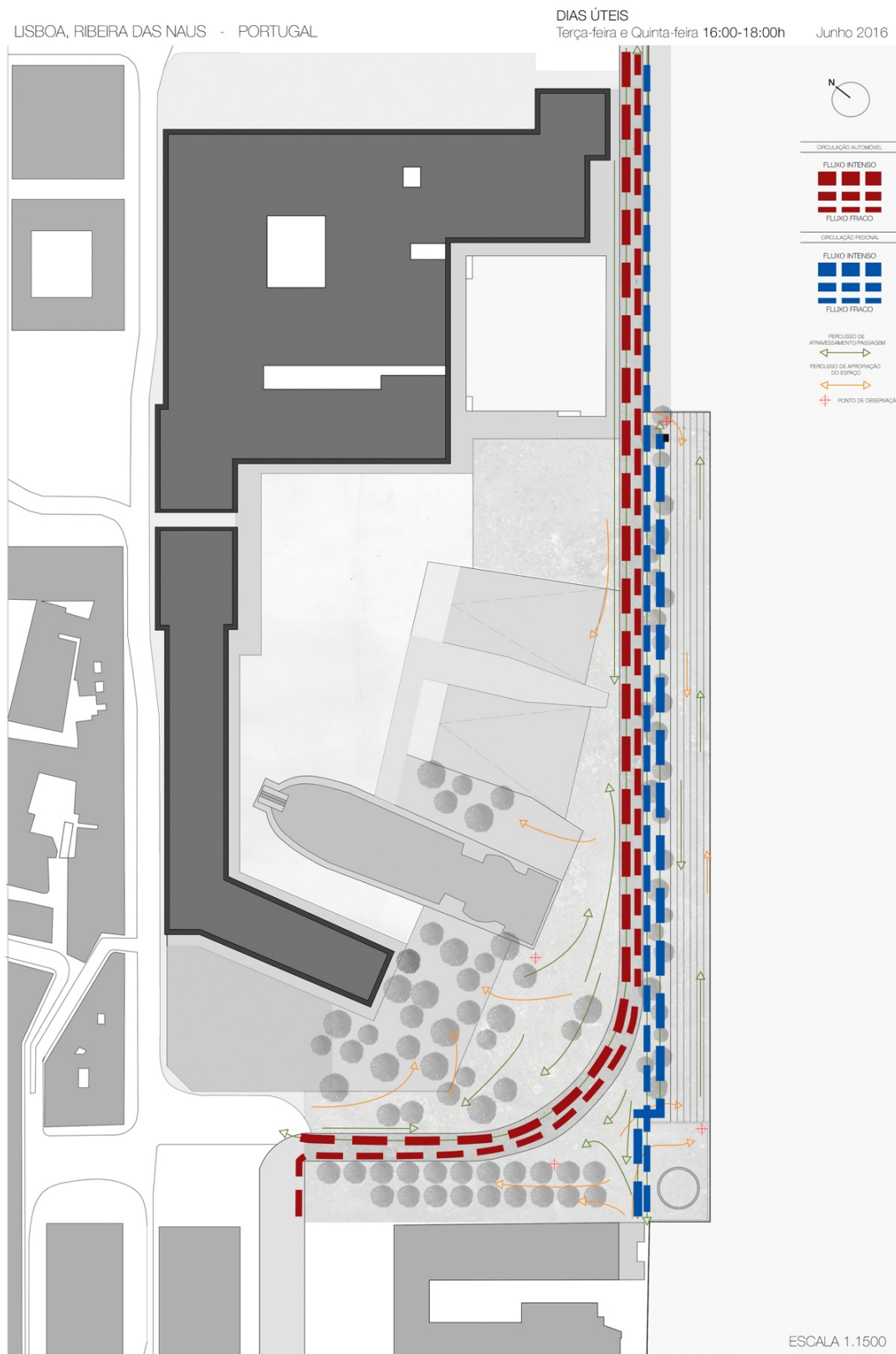
comer, sentam-se de costas para todo o espaço público e ficam cingidas ao campo visual abrangente [Imagem 46], uma paisagem geral sobre a zona ribeirinha de Lisboa a nascente e poente, bem como a margem sul do Tejo que oferece uma paisagem de fundo com a Serra da Arrábida longínqua. Esta esplanada por especialmente concebida, devido à sua localização privilegiada e à direção das cadeiras no limite do muro, como palco de contemplação e serenidade, onde o barulho da rebentação é insistente e contínuo, tratando-se talvez do pormenor de apropriação mais interessante.

Verificou-se, por outro lado, a presença de uma roulotte de venda ambulante com bebidas refrescantes [Imagem 47] no limite nascente da zona de rampa, na parte superior onde a circulação dos utilizadores é realizada de forma mais intensa. Esta situa-se, talvez, num local estratégico porque qualquer pessoa que circule de forma a ultrapassar os limites da Ribeira das Naus, terá que passar por este elemento de venda. Este pequeno espaço de venda ambulante encontrou-se naquele preciso local todos os dias em que foram efetuadas as ações de mapeamento e verificou-se que atrai um conjunto de utilizadores em seu redor, William Whyte (2001, p. 52) defende que estes elementos de venda de comida/bebida atraem pessoas, que por sua vez atraem mais pessoas.

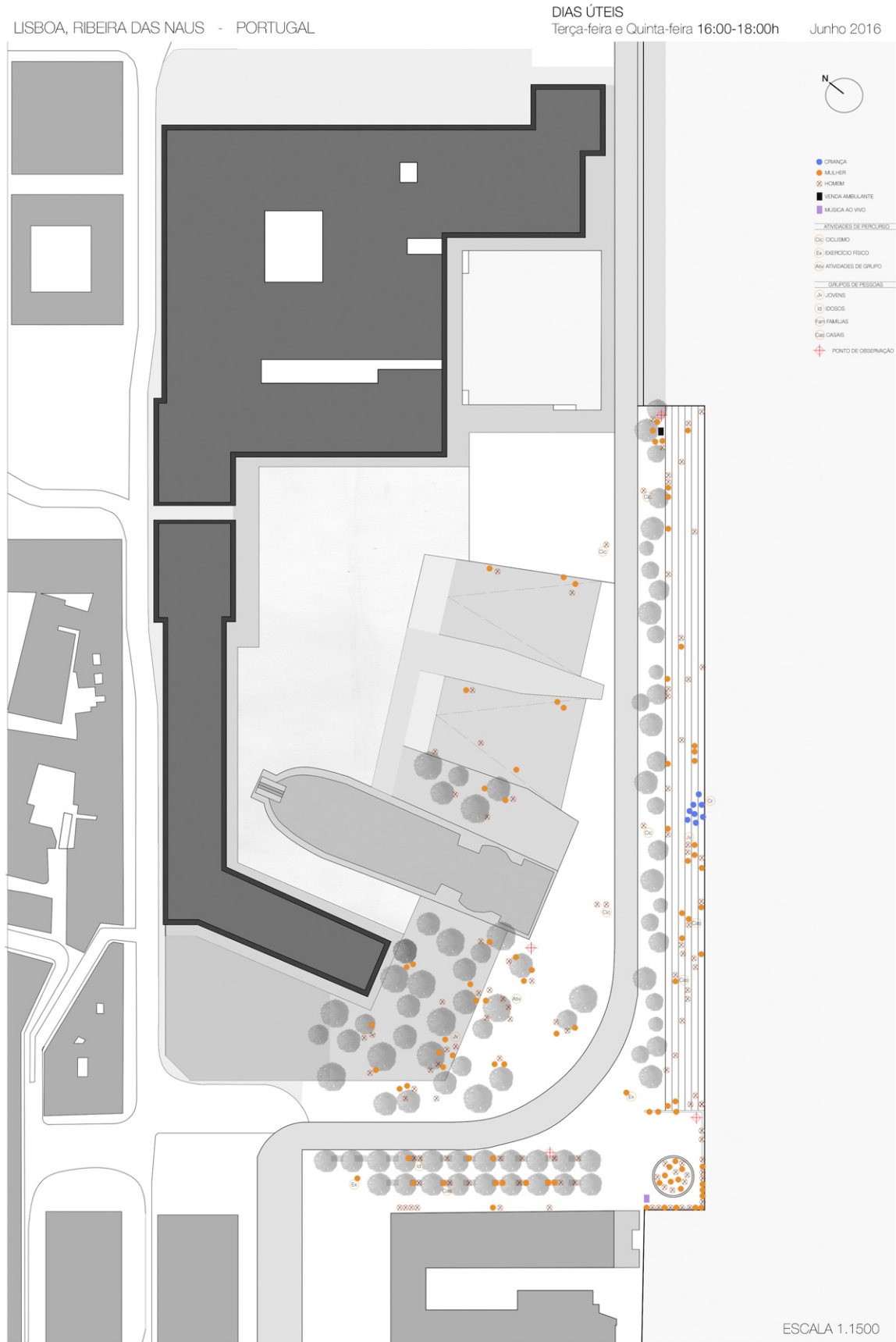


IMG. 47 – Pessoas agrupadas junto à roulotte de venda de bebidas. Ribeira das Naus, Lisboa. (Julho de 2016)

4.4.2. Síntese dos Dias Úteis – período da Tarde



IMG. 48 – Planta síntese de percursos, dias úteis no período da tarde. (Julho de 2016)



IMG. 49 – Planta síntese de atividades, dias úteis no período da tarde. (Julho de 2016)

Relativamente ao período do final da tarde [Imagem 48 e 49], nos dias úteis da semana, analisa-se primeiramente os fluxos e movimentos de transição dos utilizadores, que em comparação com o período da manhã referido anteriormente ganham uma intensidade visível. Continua a existir um fluxo automóvel intenso no sentido Terreiro do Paço – Cais do Sodré e um aumento significativo no sentido oposto, Cais do Sodré – Terreiro do Paço, passando de fraco a um fluxo moderado, devido à hora de ponta em que se realizam as ações de mapeamento. Os movimentos de travessia sofrem um ligeiro aumento, sendo que estes não são considerados os mais fortes neste espaço, devido à circulação ser feita preferencialmente na zona junto à rampa sob o rio ou na parte posterior junto à zona de relvado. Verifica-se um conflito entre a estrada e as zonas pedonais, esta serve quase como uma fragmentação dos espaços, não visível porque o pavimento é exatamente o mesmo, mas em termos visuais e auditivos.

Quanto aos percursos de transição, identificados na Imagem 48, verifica-se um aumento bastante significativo no sentido ponte-nascente, isto é Cais do Sodré – Terreiro do Paço, passando de fraco a intenso, enquanto que no sentido oposto, Terreiro do Paço – Cais do Sodré, a frequência continua moderada. Os percursos, no geral, sofreram um aumento significativo, tanto nos de passagem e circulação como nos de apropriação, revelando um equilíbrio de movimento que não acontecia nas manhãs dos dias úteis. Denota-se que este percurso já não é tanto de transição mas de passeio/lazer, isto é, relaciona-se não com as atividades necessárias mas sim com as atividades sociais. A rampa junto ao rio é essencialmente alvo de apropriação, porém a circulação é bastante evidente, as pessoas



IMG. 50 – Deslocação das pessoas na zona junto ao rio e na água. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

desviam o seu caminho para caminharem junto à água [Imagem 50], por vezes param observam a paisagem e molham os pés, geralmente acontece individualmente ou em pares, com maior intensidade no sentido poente-nascente. Observou-se uma maior diversidade de percursos em todo o espaço, junto à zona de esplanada também existiam algumas pessoas a interromper o seu caminho para contemplar a paisagem durante uns escassos minutos; na parte posterior junto ao relvado e às rampas, registaram-se movimentos de passagem com maior força, variáveis, essencialmente por parte de utilizadores jovens e adultos, em muitas situações desportistas que procuram um caminho mais desimpedido, visto que junto ao rio se encontra significativamente congestionado e teriam que estar constantemente a mudar de direção. Ainda se registam alguns percursos aparentemente pouco objetivos, tomados por pessoas com postura despreocupada e livre, especialmente na zona junto à *Doca Seca*. Verifica-se uma relação entre os percursos de apropriação e os movimentos oscilatórios, especialmente na zona sombreada junto ao edifício da EMSA, onde muitas vezes se verifica existirem pessoas a deambular e que finalmente se sentam ou simplesmente continuam o seu caminho, procurando este espaço como zona de estar e socialização, como sugere Gehl (2011, pp. 9-11) nas designadas atividades sociais.

Do ponto de vista dos modos de apropriação e das atividades, registadas pela observação neste período de final do dia, ficam marcados pela forte afluência de jovens e adultos que se estabelecem no espaço por lazer, pontualmente observam-se rotinas de passagem por parte de adultos e idosos, que neste período de tempo já não circulam com grande intensidade. Porém a população idosa, já bastante reduzida em termos de utilizadores do espaço entre as 16:00h e as 18:00h, permanecem essencialmente na zona de bancos sob a orla das árvores



IMG. 51 – Pessoas sentadas à sombra das árvores, ao fundo a esplanada. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

junto ao edifício da EMSA [Imagem 51], pois esta área encontra-se completamente sombreada sendo este um espaço bastante suscetível à utilização e permanência de pessoas idosas, caracterizado pelo ambiente fresco e confortável. Neste espaço os bancos vão tendo alguma variabilidade de utilizadores, seja por adultos ou jovens, porém identifica-se uma maior apropriação por parte de idosos que se deslocam isoladamente ou acompanhados, tratando-se do principal local de ocorrências por parte deste grupo etário. As atividades registadas oscilam entre sentar ou deitar em toda a zona de relva; os bancos, a sombra e a vista ampla sobre todo o espaço que se tem deste lugar parecem cativar a permanência das pessoas.

Na zona posterior, junto à *Doca Seca*, sob a orla das árvores existe uma afluência e permanência muito intensa neste período de análise, verificando-se que são poucas as sombras desocupadas nessa área. Os utilizadores são preferencialmente jovens e alguns adultos, que se encontram sentados ou deitados na sombra existente, registando-se a utilização por parte de grandes grupos que se estabelecem e alguns casais. As atividades praticadas são essencialmente de grupo, como jogar à bola, reunir e conversar, apreciar a paisagem e desfrutar do ambiente refrescante que se faz sentir nesta zona de relvado sombreado. À margem destas atividades observou-se, por diversas vezes, a paragem naquele local por pessoas que faziam exercício físico, para procederem a alongamentos ou para refrescar à sombra, depois continuavam o seu percurso. A zona de rampas de relva, situada mais a frente na direção do Terreiro do Paço, é palco de permanência pontual e dispersa, no entanto mais acentuada que no período da manhã dos dias úteis, onde as pessoas se sentam a observar a paisagem de fundo e deitam a apanhar sol num piso mais confortável que na zona de rampa sob o rio, preferencialmente isoladas ou acompanhadas apenas por uma pessoa.

A apropriação verifica-se com a maior intensidade na zona de rampa junto ao rio, onde existe uma maior concentração de pessoas em permanente utilização do espaço, em períodos de tempo mais prolongados [Imagem 52]. Trata-se do principal espaço de registo de vivências, alvo de perfeita integração com a água e com a paisagem envolvente quando se vira costas à cidade. O que se observou com maior intensidade, em toda a extensão da rampa junto ao rio e independentemente da subida do nível da água, os utilizadores sentados a observar a paisagem, a ler um livro e ouvir música, deitados em todos os níveis das rampas a apanhar sol; a existência de grupos de jovens que utilizam o local para descansar e apanhar sol é bastante intensa, concentrando-se o mais próximo possível da água, muitas vezes trazem toalhas e protetores solares como se estivessem numa praia. A presença de casais e famílias



IMG. 52 – Pessoas sentadas e deitadas junto ao rio. Junto à esplanada algumas pessoas observam o navio a passar. Do lado direito as pessoas sentadas na esplanada. Ribeira das Naus, Lisboa. (Julho de 2016)

é grande, porém as famílias permanecem por pouco tempo neste espaço, aproveitando para descansar do seu passeio e refrescar os pés na água, visto que a temperatura rondava os 25°C nos finais de tarde em que se procedeu a observação, daí a sua breve permanência. À semelhança destas atividades também se registou a existência de alguns ciclistas que paravam o seu percurso na zona superior junto à esplanada para fotografar a paisagem e, pontualmente, refrescaram as faces do rosto com a água fresca do rio.

A zona de esplanada regista também uma grande concentração de pessoas [Imagem 52], nomeadamente nas cadeiras colocadas no limite junto ao muro onde os utilizadores comem e bebem despreocupadamente com uma vista panorâmica sobre o rio e a margem sul do Tejo, assim como os que se sentam na esplanada contida no espaço circular, voltando as costas à cidade e abrindo horizontes sobre a paisagem. Existe, porém, um elemento que não se registou no período da manhã, a presença de um senhor a tocar guitarra e a cantar, num tom tão alto que o som da rebentação deixa de ser ouvido, quase como se houvesse um desprezo pelo ambiente que a Ribeira das Naus nos envolve. Os utilizadores não se mostraram preocupados nem incomodados com o mesmo, sentam-se, fazem os seus pedidos e ficam envoltos naquele ambiente observando a paisagem, sem que se perceba qualquer tipo de desconforto. Porém as atividades desenvolvem-se com normalidade, sem inibição das relações de socialização que se vão estabelecendo, registando uma naturalidade e tranquilidade no rosto de quem frequenta este espaço, revelando um bem-estar único. As atividades que vão para além de permanecer deitado, sentado ou em pé, como ouvir música e falar ao telemóvel, registam-se com normalidade junto à esplanada ou na zona de relvado por trás do quiosque.

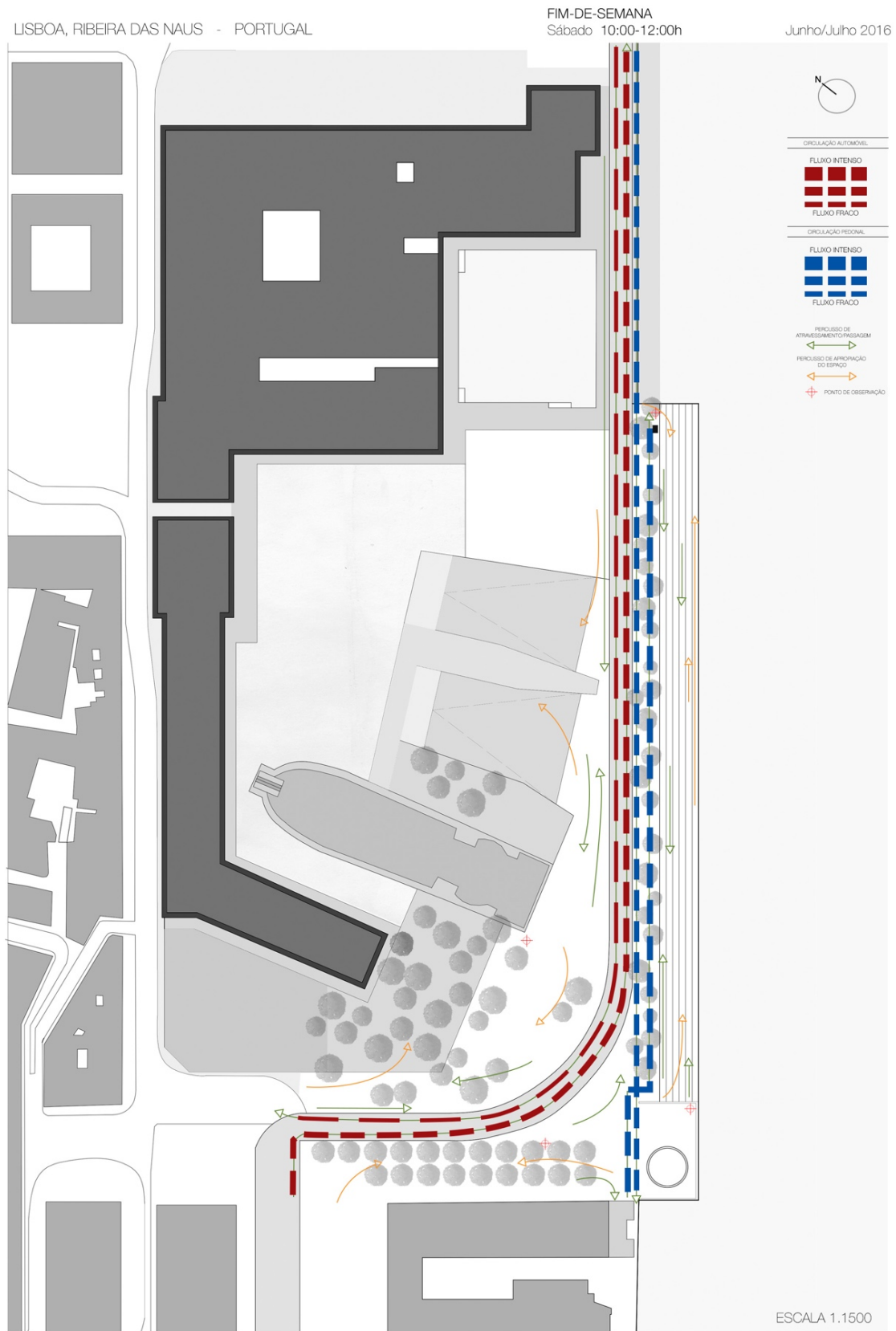
A venda ambulante é novamente identificada, criando uma maior concentração de pessoas em seu redor devido à grande afluência do local nestas horas do dia. A permanência de

pessoas sentadas em grupos ou individualmente é bastante frequente no espaço de rampa junto à roulotte de bebidas, porém não é determinante e as pessoas que ali se localizam apenas consomem o produto e voltam ao seu percurso normal. A zona de passagem que faz a ligação entre o limite da Ribeira das Naus e o Cais das Colunas regista pontuais utilizadores a pararem para se debruçarem sobre a guarda e observarem o rio e a paisagem de fundo, assim como na parte oposta da guarda onde algumas pessoas param para observar o nível da água da *Doca da Caldeira* [Imagem 53].

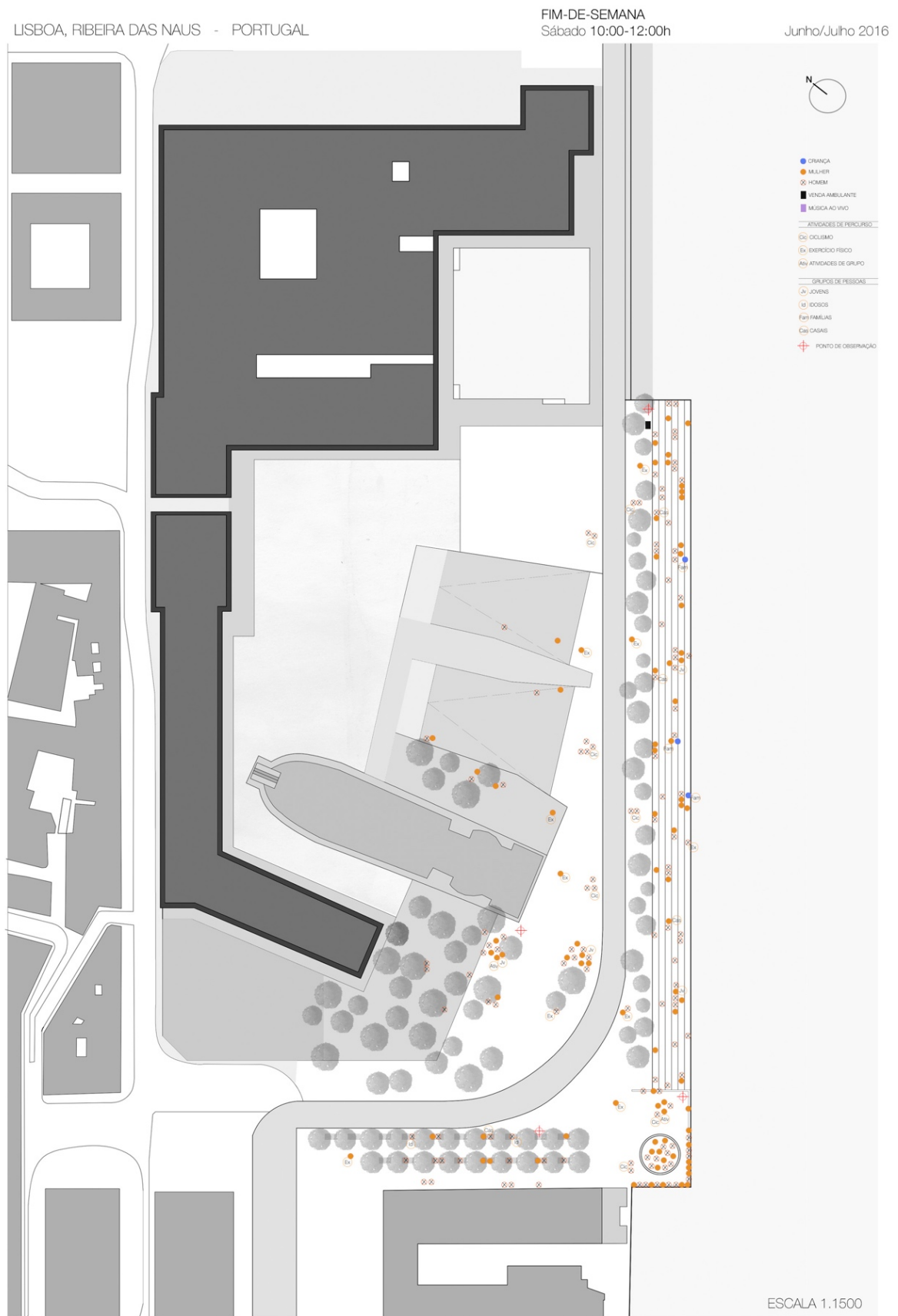


IMG. 53 – Homem parou o seu percurso para observar a *Doca da Caldeira*. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

4.4.3. Síntese dos Fim-de-Semana – período da Manhã



IMG. 54 – Planta síntese de percursos, fim-de-semana no período da manhã. (Julho de 2016)



IMG. 55 – Planta síntese de atividades, fim-de-semana no período da manhã. (Julho de 2016)

A presente análise tem como foco as plantas síntese dos dias de fim-de-semana [Imagem 54 e 55], no período do início do dia entre as 10:00h e as 12:00h, correspondendo a duas ações de mapeamento no último sábado de Junho e o primeiro de Julho de 2016. Verificou-se na observação que os fluxos se alteraram de forma significativa, principalmente o fluxo automóvel que nos dias úteis era intenso, em ambos os períodos de análise no sentido Terreiro do Paço – Cais do Sodré, passa observar-se fraco nos dias de fim-de-semana; no sentido Cais do Sodré – Terreiro do Paço verifica-se moderado, igualmente aos dias úteis durante o período do final da tarde. Estas alterações em relação à circulação de automóveis naquele local podem relacionar-se com o facto de as famílias saírem à rua, frequentemente visível aos sábados de manhã, para procurarem espaços ribeirinhos na cidade para passear, daí a direção com maior afluência ser a poente-nascente, direcionando-se para o sentido do Parque das Nações.

Quanto aos percursos de transição/passagem verifica-se uma maior intensidade, identificando como fluxo moderado em ambos os sentidos de passagem, Terreiro do Paço – Cais do Sodré e Cais do Sodré – Terreiro do Paço, dada a exclusão da maioria dos percursos de rotina oferecendo percursos de lazer e de passagem mais demorada e mais observadora, induzida pelos utilizadores [Imagem 54]. Os percursos de passagem foram, à semelhança dos dias úteis, observados moderadamente na zona de rampa junto ao rio, local de maior incidência dos mesmos, e onde as pessoas parecem fragmentar o seu caminho para sentirem proximidade com a água, principalmente os jovens, os adultos e as famílias que tenham crianças com idade superior a 3 anos; as restantes famílias optam pela circulação na zona superior de basalto, onde os carrinhos de bebé podem circular com maior facilidade. Os percursos, tanto de passagem como de apropriação, verificam-se equilibrados neste período de análise, porém a existência de percursos efetuados por desportistas marca sem dúvida estas manhãs de sábado, altura em que a afluência destes é desmedida em relação aos dias úteis no mesmo período.

Os desportistas marcam a grande maioria dos fluxos registados na Ribeira das Naus neste período de observação [Imagem 56], registando porém uma homogeneidade nos seus percursos pois cingiam-se a utilizar o passeio de basalto do lado da rampa junto ao rio e do lado posterior da zona de relvado, pontualmente verificaram-se algumas mulheres que paravam a sua corrida ou ciclismo na zona sombreada junto ao edifício da EMSA para fazer alongamentos após o exercício físico, proporcionando fluxos diversos nessa zona. Registaram-se também alguns percursos de apropriação da zona posterior junto à *Doca Seca*

por parte de utilizadores que vagueavam pelo espaço ou que passeavam o cão junto à zona de rampas de relvado.

Quanto aos modos de apropriação e vivência do espaço [Imagem 55], observou-se uma grande concentração de pessoas em toda a extensão da zona de rampa junto ao rio, porém a apropriação aumenta conforme passam as horas, registando o seu auge às 12:00h da manhã. Nesta grande extensão junto ao rio a apropriação é variada, porém homogénea, contando com a presença de muitas famílias que corta o seu percurso para circular com as crianças junto à água, por vezes param e sentam-se por breves minutos, permanecendo pouco tempo mas com uma frequência forte neste período. Os utilizadores observam-se espalhados por toda a área, isolados ou acompanhados, verificando a presença de casais e grupos de jovens em grande parte, sentados a observar a paisagem, a ler e a ouvir música; deitados a apanhar sol, a conversar e a desfrutar do bom tempo que se faz sentir nos dias de ação de mapeamento. Existe uma pequena concentração de pessoas no limite nascente da rampa devido à existência da roulotte de venda ambulante, que sem exceção localiza-se no mesmo sítio a vender bebidas refrescantes, levando as pessoas a fazerem uma fila para a compra e posteriormente a sentarem-se e deitarem-se na rampa a consumir e a desfrutar da atmosfera existente.

O período da manhã dos fim-de-semana é evidentemente marcado pela prática de desporto, observando-se a aderência em grande massa por parte destes utilizadores, praticando



IMG. 56 – Um par de ciclistas e um senhor, do lado esquerdo, a correr. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

essencialmente ciclismo e corrida, isoladamente, aos pares ou em grupos, muitas vezes com mais de três pessoas [Imagem 56]. Por observação procedeu-se a uma contagem, em cada período de 30 minutos, juntamente ao mapeamento para ser perceber a quantidade de desportistas que percorriam o espaço e que muitas vezes paravam para observar o mesmo ou até descansar à sombra. Na totalidade dos dois sábados de análise, o último sábado de Junho e o primeiro sábado de Julho, captou-se a utilização de 249 pessoas a praticarem ciclismo e 94 pessoas a praticarem corrida, tratam-se de números bastante consideráveis que determinam o espaço como um espaço atrativo e adequado para a prática de atividade física, nomeadamente no período da manhã. Estes utilizadores observam-se essencialmente a realizar o percurso na zona pavimentada a basalto entre a estrada e o muro da rampa junto ao rio, em ambos os sentidos, Terreiro do Paço – Cais do Sodré e Cais do Sodré – Terreiro do Paço, sendo que este último é o de maior afluência.

Na parte posterior de relvado, após o atravessamento da estrada, a zona de rampas de relvado tem pontualmente a presença de utilizadores que, durante este período, aproveitam para estar sentados a ler e a observar a paisagem, isoladamente. Existem também alguns casais que, do lado direito da *Doca Seca* passeiam os seus cães e conversam entre si, apreciando o espaço e aproveitando a sombra das árvores pontuais que aí existem. Porém observa-se um maior movimento na zona esquerda da *Doca Seca*, onde permanecem alguns grupos de jovens, nomeadamente registou-se a presença de um grande grupo de jovens escuteiros a praticar atividades relacionadas com a prática do escutismo. Os grupos de jovens registam-se na área arborizada, tentando aproveitar os pedaços de relva sombreados para se sentarem a conversar; outros jogam futebol nessa mesma zona, em grupos grandes, predominantemente do sexo masculino. Verificam-se ainda algumas pessoas isoladas e casais sentados na sombra das árvores, a conversar, ler e ouvir música. Do lado oposto da estrada, na zona de relvado junto ao edifício da EMSA, a sombra neste período ainda não é



IMG. 57 – Algumas pessoas deitadas na rampa, outras com os pés na água. Do lado direito uma jovem a ler e outra a ouvir música e a contemplar a paisagem. Ribeira das Naus, Lisboa. (Junho de 2016)

muito intensa em toda a extensão, porém os bancos encontram-se ocupados na sua grande maioria por pessoas idosas, isoladas ou acompanhadas, predominantemente casais. Observaram-se ainda utilizadores, ainda que pontualmente, a praticar atividade física, sendo apenas do sexo feminino; e alguns homens deitados na parte posterior dos bancos, na zona de relva inclinada, a descansar e dormir.

O espaço de esplanada é predominantemente utilizado, com uma aderência forte devido às suas características únicas, principalmente as cadeiras viradas para o rio são as que mais depressa “esgotam”, só depois é escolhida pelos utilizadores a esplanada dentro do muro em círculo, um espaço mais contido que revela a mesma paisagem inspiradora. Neste espaço a predominância é dos casais, existindo, porém, pontuais grupos de amigos que enquanto comem e bebem conversam e contemplam o espaço envolvente. Fora do espaço de esplanada existe ainda a paragem e permanência de algumas pessoas, principalmente sozinhas, que se sentam no muro a ler, ouvir música e contemplar a paisagem [Imagem 57]; são pontuais, mas existentes, os grupos de utilizadores que param neste local para tirar fotografias, como é o caso da observação de uma excursão feita de bicicleta, em que aquele é um local de paragem assinalada no seu percurso pela cidade de Lisboa, onde a guia explica tranquilamente o carácter histórico e contemplativo do espaço [Imagem 58].



IMG. 58 – Paragem de uma excursão em bicicleta, a guia explica as diferentes zonas do espaço e a paisagem de fundo. Ribeira das Naus, Lisboa. (Julho de 2016)

4.5. Inquérito

A ação de realização de inquérito aos utilizadores da Ribeira das Naus desenvolveu-se entre os dias 20 de Junho e 2 de Julho no local do caso de estudo e de forma presencial, no período de tempo determinado para esta fase. A seleção dos inquiridos foi meramente aleatória, porém pensou-se necessário existirem igualmente testemunhos portugueses e estrangeiros, dada multiculturalidade presente neste local. Desta forma foi elaborado um inquérito em português e outro em inglês, de forma a facilitar o questionamento aos inquiridos, agilizando todo o processo. O procedimento delimitado consistiu na leitura das questões junto dos inquiridos e o preenchimento das respostas pelo inquiridor, simplificando e sumariando o processo. Existia uma abordagem inicial para o enquadramento do inquérito e a sua rápida duração – aproximadamente cinco minutos – bem como a referência à génese académica da investigação, de modo geral as pessoas foram bastante recetivas nomeadamente os turistas inquiridos, respondendo com entusiasmo e mais detalhadamente do que aquilo que era questionado.

4.5.1. Estrutura dos inquéritos

Na apresentação do inquérito realizado indica-se seguidamente a sua estrutura bem como as respetivas questões e o propósito/objetivo a que se pretendia chegar com as mesmas.

Cabeçalho do inquérito

Insere-se a data no campo de registo para efeito de orientação e ordenação dos dados. Como fase inicial existe o grupo de identificação e caracterização do inquirido, solicitando-se o nome, idade, sexo, nacionalidade e profissão com o propósito de obter um enquadramento a nível sociológico.

Questão 1. Reside no concelho de Lisboa?

Primeiramente pretende-se apurar qual é a freguesia onde o inquirido reside, caso a resposta seja negativa, qual a sua zona de residência. Através da identificação da freguesia de residência automaticamente se estabelece uma relação de distância.

Questão 2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus?

Trata-se de uma questão relacionada com a anterior, mas especificamente tentando perceber se o inquirido estabelece uma relação de proximidade do local, mesmo que a sua freguesia de residência não seja considerada “próxima” deste espaço.

Questão 3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus?

Questão 3.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, qual a frequência?

Questão 3.2. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, quais os motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

Questão 3.3. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus?

Tendo em conta a apropriação do espaço, nestas perguntas procura-se uma caracterização do tipo de vivências que os utilizadores estabelecem conforme a sua frequência e os respetivos motivos, conseguindo uma síntese dos padrões de utilização. A identificação do tipo de atividades praticadas, aquando a vivência da mesma, sejam estas de permanência ou de passagem. Foram delineadas várias possibilidades de resposta tanto na frequência, motivos e atividades, escolhidas por influência da observação das vivências e apropriação do espaço, apontando apenas as mais importantes para a compreensão e contextualização do trabalho de campo. Nos motivos de frequência a primeira coluna configura-se em vivências do espaço transitórias ou apenas de passagem, enquanto que a segunda coluna refere elementos do espaço que poderão ser um motivo determinante para a frequência no mesmo. A última questão debruça-se sobre a categorização das atividades que podem ser praticadas ao ar livre, conforme Jan Gehl (*Life Between Buildings: Using public space*, 2011) determina na sua análise, referida no primeiro capítulo desta dissertação, as *atividades necessárias, opcionais e sociais*. Esta trata-se de uma pergunta de âmbito aberto, com possibilidades de escolha por parte do inquiridor, funcionando quase como um guião, no caso do inquirido não conseguir desde logo identificar as diversas atividades que pratica no espaço.

Questão 3.4. Se respondeu “NÃO” à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

Tenciona-se perceber/conhecer as razões e motivos apresentados pelos inquiridos que se encontram pela primeira vez ou isoladamente na Ribeira das Naus, abrindo opções de compreensão da perceção breve que estes possuem do espaço.

Questão 4. Identifica-se com a Ribeira das Naus?

Questão 4.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

Trata-se de uma questão mais fechada, no âmbito da procura de emoções e sensações do inquirido, debruça-se essencialmente sobre a experiência que têm deste espaço. Procura-se perceber o tipo de impacto que o espaço transmite às pessoas que o utilizam, seja em curto ou longo contacto, de atravessamento ou permanência. Na segunda questão pretende-se apurar quais as zonas mais ou menos valorizadas.

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação?

6.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes/importantes?

Pretende-se entender se os inquiridos se sentem confortáveis e rendidos a este espaço, se a renovação é notória e satisfatória ou não, procurando perceber as suas considerações acerca da Ribeira das Naus, mesmo que em alguns casos seja a primeira vez que visitam. Porém é importante evidenciar o fator temporal e histórico, em busca de ideias daquilo que foi alterado no espaço de forma mais evidente, transmitindo desde logo as preferências dos inquiridos em termos dos elementos do espaço, proporcionando-se o levantamento de questões estéticas e espaciais.

7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda “SIM” ou “NÃO” a cada elemento.

Nesta questão procura-se perceber quais os elementos que caracterizam o espaço e que para os inquiridos são decisivos para a sua permanência no mesmo. O inquiridor menciona todas as hipóteses e pede-se que o inquirido responda afirmativo ou negativo acerca de cada elemento enunciado, de forma a levar o inquirido a pensar no espaço e nas suas diversas áreas/elementos. Assim como William Whyte em *The social life of small urban spaces* (2001), referenciado no primeiro capítulo desta dissertação, expõe os elementos determinantes na vivência do espaço público – água, árvores, luz, sombra, mobiliário urbano, condições meteorológicas e comida/venda ambulante – para a sua análise, considerou-se necessária a referência a estes bem como a adição de outros que poderão ser imprescindíveis no local de estudo.

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

Tenciona-se identificar uma opinião fechada sobre o mobiliário urbano, no seu conjunto, quanto à suficiência ou insuficiência e utilidade ou inutilidade, visando apurar a eficácia de cada elemento bem como o agrado das necessidades do utilizador.

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus?

9.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 9, refira o que melhoraria neste espaço.

Trata-se de uma questão aberta na qual se procura perceber as carências e valências do espaço, dando a oportunidade ao utilizador de expressar a sua opinião sobre o carácter funcional e formal da Ribeira das Naus, apresentando medidas que possam ser determinantes na melhoria da qualidade de utilização e manutenção da vida pública deste. De outro modo poderá ser essencial para alertar sobre algum ponto de vivência e apropriação do espaço que não tenha sido observado anteriormente pelo inquiridor.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximos da Ribeira das Naus?

10.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicos que utiliza nas proximidades?

Esta questão é determinante para conhecer os hábitos de experimentação de outros espaços públicos, revelando a sua disponibilidade de vivência e apropriação dos mesmos. A proximidade também é importante de referir pois existem espaços públicos de diferentes características nas imediações, indicando as preferências ou afinidades do utilizador. Porém pode identificar-se um completo desinteresse pela vivência do espaço público urbano.

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

Pretende-se que seja uma pergunta de carácter aberto, totalmente desprovida de regras, indicações ou pistas sobre o local, como anteriormente foi imposto noutras questões. Assim procura-se chegar aos sentimentos e percepções do inquirido, mesmo que seja uma primeira impressão do espaço, numa procura sobre a envolvimento total entre o indivíduo e o espaço, evidenciando uma imagem de grupo sobre o espaço e as suas características mais vincadas.

4.5.2. Análise dos inquéritos

O inquérito apresentado em análise foi realizado para uma amostra de cinquenta pessoas, procurando um misto de nacionalidades dadas as características do local. Os resultados foram decompostos e submetidos a uma tabela de cálculo de forma a obter um conjunto significativo de resultados e percentagens, permitindo desta forma uma interpretação e leitura dos dados obtidos junto dos utilizadores da Ribeira das Naus. Os resultados percentuais apresentados são brutos e desprovidos de métodos estatísticos.

Primeiramente procurou caracterizar-se a amostra de utilizadores inquiridos verificando-se uma maioria quanto ao género feminino [Gráfico 1], distribuindo-se pelos vários grupos etários, evidenciando-se no grupo dos indivíduos adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos que correspondem a mais de metade dos inquiridos. De seguida o grupo com maior expressão, ainda que baixa em relação ao anterior, é o dos jovens entre os 15 e os 24 anos, representando 24% dos inquiridos. Os inquiridos idosos, com idade igual ou superior a 65 anos, representam o terceiro lugar das faixas etárias com 10% de inquiridos. Ainda com 6% dos inquiridos existem os utilizadores de meia idade, entre os 55 e os 64 anos, representando a percentagem mais baixa. As crianças e pré-adolescentes com idades compreendidas entre os 0 e os 15 anos não foram compatibilizadas porque não se realizaram inquéritos às mesmas, geralmente os inquiridos eram seus familiares ou amigos com idades do grupo etário superior [Gráfico 2].

Género
 ■ Masculino ■ Feminino

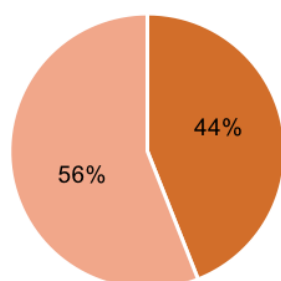


Gráfico 1 – Género dos inquiridos.

Faixas Etárias
 ■ 15-24 ■ 25-54 ■ 55-64 ■ > 65

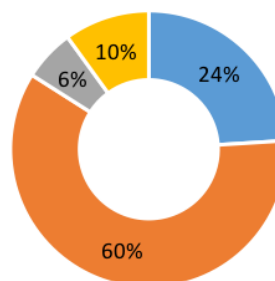


Gráfico 2 – Faixas etárias dos inquiridos.

Em relação à nacionalidade dos inquiridos é metade portuguesa, identificando-se um segundo grupo que corresponde aos utilizadores de nacionalidade alemã, correspondentes a 18% dos inquiridos, seguido dos indivíduos de origem inglesa com uma percentagem de 6%. Os utilizadores de nacionalidade brasileira, americana, espanhola, austríaca e finlandesa representam, em completa igualdade, 4% do universo de inquiridos. Ainda com 2%, representando a menor percentagem de utilizadores, encontram-se os indivíduos de nacionalidade sueca, polaca e cipriota [Gráfico 3].

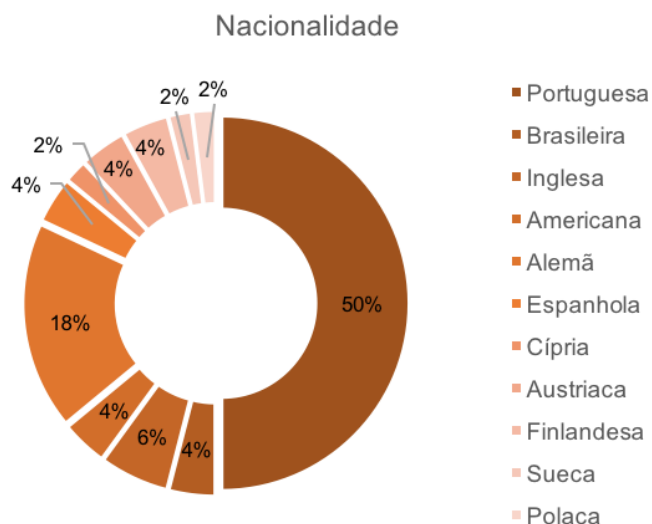


Gráfico 3 – Nacionalidade dos inquiridos.

Questão 1. Reside no concelho de Lisboa?

Na amostra de utilizadores que respondeu a esta questão, verificou-se que 86% não são residentes do concelho de Lisboa e que apenas 14% são residentes [Gráfico 4], correspondendo a moradores de freguesias com proximidade da Ribeira das Naus, sendo estas Santa Maria Maior com a maioria de 43% dos utilizadores, seguida da freguesia da Misericórdia com 29%, as freguesias de Alcântara e Olivais com a menor percentagem, correspondendo a 14%. Em relação à maior percentagem, 86% de não residentes no concelho Lisboa, identificou-se a localidade destes utilizadores, porém excluiu-se os estrangeiros que não vivem em Portugal [Gráfico 5]. Identificou-se em maior número utilizadores da margem Sul do Tejo, residentes de Almada, seguidos dos residentes de Odivelas que marcam com 11% a segunda maior percentagem. As regiões como Setúbal,

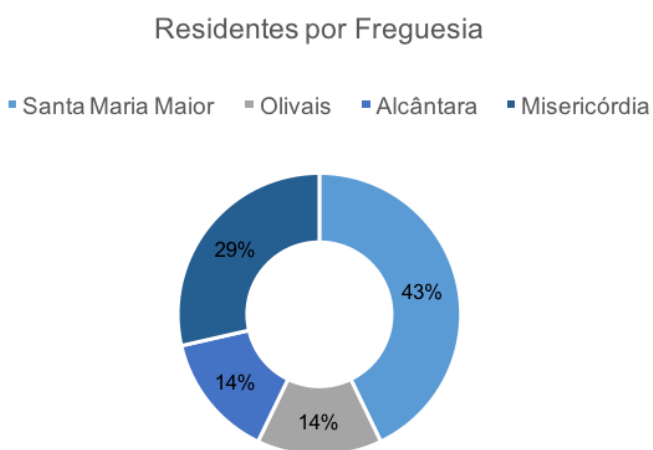


Gráfico 4 – Residentes por Freguesia.

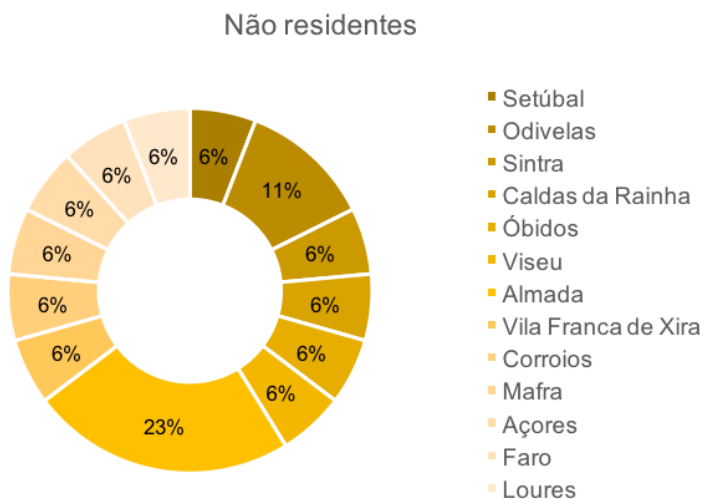


Gráfico 5 – Utilizadores não residentes em Lisboa.

Sintra, Caldas da Rainha, Óbidos, Viseu, Vila Franca de Xira, Corroios, Mafra, Açores, Faro e Loures contam com 6% dos inquiridos.

Questão 2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus?

Nesta questão 88% não residem nas proximidades e apenas 12% residem. Esta é questão uma meramente ilustrativa, visto que na questão 1 são já contabilizados os residentes que vivem essencialmente entre a freguesia de Santa Maria Maior, Misericórdia, Alcântara e Olivais; os não residentes são identificados pelas diversas zonas em que vivem, não sendo estes moradores, daí não residirem nas proximidades, fazendo parte da esmagadora maioria.

Questão 3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus?

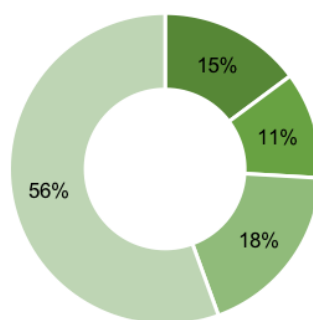
Questão 3.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, qual a frequência?

Em relação à frequência 56% dos inquiridos frequenta a Ribeira das Naus, revelando a grande maioria, enquanto que 44% não o faz, representado assim o grande número de utilizadores estrangeiros que se encontravam pela primeira vez no local. Dos inquiridos que frequentam o espaço é registado que mais de metade, 56% respetivamente, apenas frequentam ocasionalmente, enquanto que outros dois grupos com proporção idêntica de periodicidade diária e mensal representam 15% e 18% respetivamente. Ainda, com a menor incidência de utilizadores, registam-se 11% os inquiridos que frequentam semanalmente o espaço [Gráfico 6].

Questão 3.2. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, quais os motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

Os principais motivos ou razões que levam os utilizadores a frequentar a Ribeira das Naus são diversos, revelando desde logo a importância do espaço enquanto palco de apropriação e vivências. Desta forma verificou-se a sua distribuição por vários aspetos essenciais: os espaços verdes com 26% constituem a maior razão para a utilização e frequência; a zona ribeirinha, a vista sobre o rio e o ambiente são referenciados como outras opções por 23% dos inquiridos, revelando o segundo maior grupo percentual; a proximidade da habitação/trabalho/escola conta 21% das respostas, a proximidade do Cais dos Sodré/Baixa e dos acessos pedonais/viários ambos com o menor valor, ambas com 15% das razões de frequência do espaço [Gráfico 7].

Frequência



■ Diária ■ Semanal ■ Mensal ■ Ocasional

Gráfico 6 – Frequência de utilização da Ribeira das Naus.

Razões de frequência

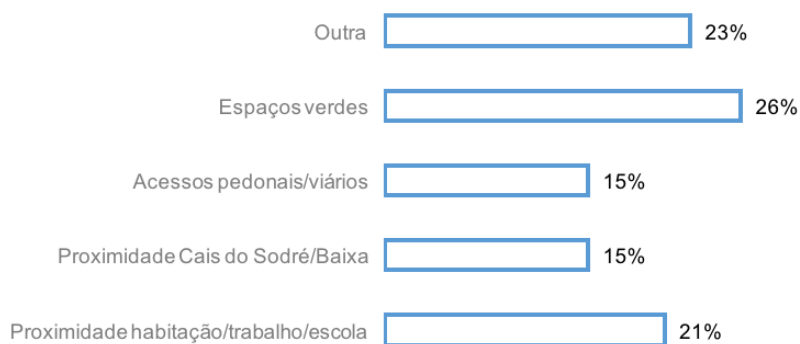


Gráfico 7 – Razões ou motivos que levam à frequência do espaço.

Questão 3.3. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus?

Como referido na estrutura do inquérito as atividades sugeridas partiram das ações de observação e mapeamento das vivências na Ribeira das Naus, de forma a que os utilizadores pudessem indicar o leque de atividades realizadas, como se pretendia apurar. As atividades que mais utilizadores referem são caminhar e passear [Gráfico 8], com valores semelhantes e mais significativos, respetivamente 20% e 16%, promovendo as atividades necessárias e sociais referidas pelo autor Jan Gehl (2011, pp. 9-11), bem como contemplar a paisagem que conta com 13% das preferências dos inquiridos indicando a existência de atividades opcionais referidas pelo mesmo autor; conversar atinge um valor mais baixo, de 10%, contribuindo para as atividades sociais. Seguem-se cinco atividades com valores muito próximos, tirar fotografias regista-se em 8% dos utilizadores, apanhar sol e sentar nos bancos/degraus com

7%, reunir com colegas/amigos/familiares com 6%, e ainda estar na esplanada atinge os 4% dos inquiridos. Com menor referência de atividades praticadas encontra-se um grupo de quatro atividades, nomeadamente: falar ao telemóvel, sentar/deitar na relva, fazer desporto e descansar/dormir que disputam 2% entre si. Por último revela-se a atividade de assistir/participar em eventos, com apenas 1%, revelando-se um resultado pouco expressivo possivelmente pela abordagem dos inquiridos não ter sido realizada em nenhum dia em que se tivesse concretizado um evento naquele espaço.

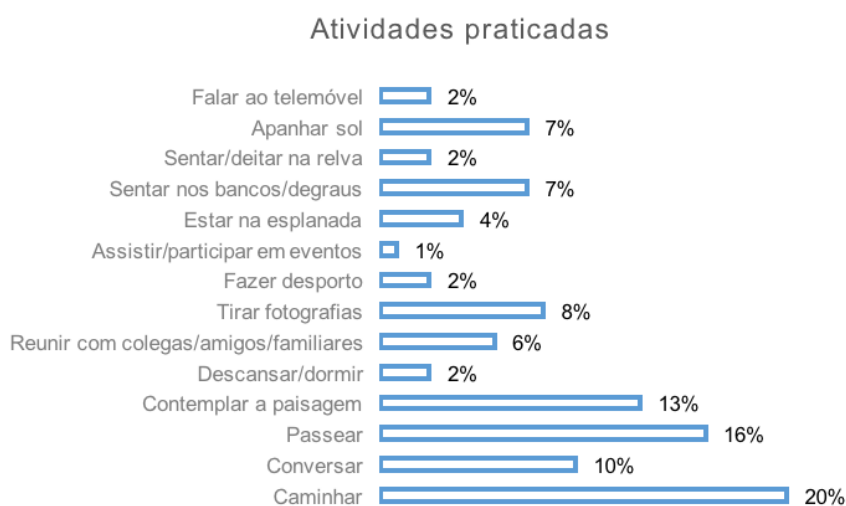


Gráfico 8 – Atividades praticadas pelos utilizadores da Ribeira das Naus.

Questão 3.4. Se respondeu “NÃO” à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

O universo de inquiridos que não frequenta a praça traduz-se em 44%, em que as principais razões apontadas se prendem com o facto de ser a primeira vez no local, para o caso do público estrangeiro, e não viver em Lisboa para os utilizadores portugueses que indicaram não frequentar a Ribeira das Naus. Ainda se registaram três pessoas que, individualmente, responderam não ter conhecimento do local, ter falta de tempo ou ainda um idoso ter referido que não frequenta por ter dificuldade a andar, caso contrario constituiria frequência diária.

Questão 4. Identifica-se com a Ribeira das Naus?

Durante as ações de realização do inquérito quando se abordava esta questão, alguns inquiridos não sabiam responder de imediato, deixando transparecer uma certa hesitação, porém verificou-se que apenas 8% destes não se identificam com o espaço, traduzindo, ainda que em diminuta parte, aqueles que não o frequentam. No entanto foi possível verificar que a

esmagadora maioria revela identificar-se com a Ribeira das Naus, alcançando os 92% dos utilizadores, evidenciando a relação que se constitui entre o individuo e o caso de estudo, revelando desde logo a preferência de utilização deste espaço urbano.

Questão 4.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

De forma a ter uma ideia mais concreta e centralizada sobre a apreciação e apropriação do espaço, foi questionado qual a zona que os utilizadores mais gostam, que irá traduzir preferencialmente a zona que estes mais utilizam [Gráfico 9]. Verificou-se que a maioria dos inquiridos identifica os degraus junto ao rio como o lugar mais aprazível, contando com 58% dos resultados que são verificáveis aquando o processo de observação e mapeamento, registando a apropriação essencialmente nesta zona da Ribeira das Naus, pela sua proximidade com o rio e pela sua extensão em larga escala. Seguidamente com 27% existe a nomeação de todas as zonas como as que os utilizadores mais gostam, revelando uma certa indiferença perante o espaço, ao mesmo tempo transmitindo a ideia do conjunto como um espaço bem conseguido e agradável em todas as suas zonas, percebendo que estes utilizadores traduzem a utilização de todas as zonas. As zonas verdes ocupam a terceira zona preferencial, correspondendo a 10% da resposta dos inquiridos. Disputando o valor mais baixo de 2% estão as rampas de relvado e o muro junto ao rio onde, a partir da observação, se verificou que são as zonas menos utilizadas.

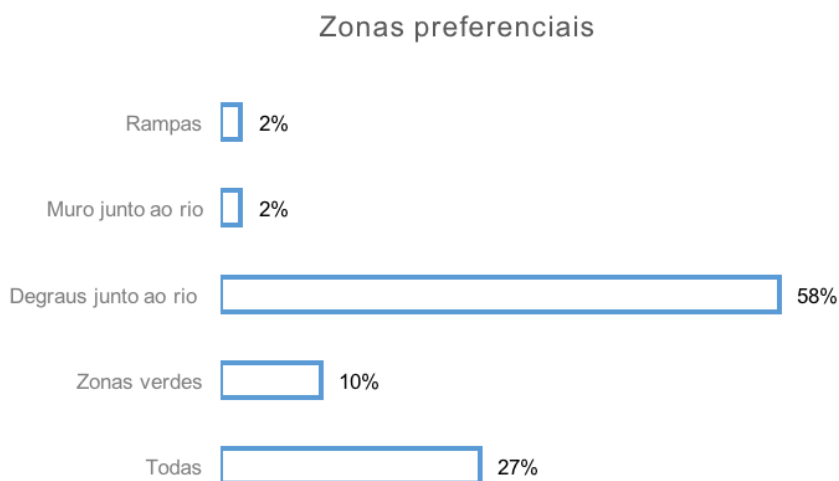


Gráfico 9 – Zonas preferenciais para os utilizadores da Ribeira das Naus.

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

Na amostra dos inquiridos a requalificação da Ribeira das Naus é referida como muito boa [Gráfico 10], alcançando os 47% que traduzem a maioria do olhar dos utilizadores sobre o

espaço, mesmo que a sua utilização não seja evidente e esteja cingida à primeira impressão, traduz desde logo a imagem pública do meio ambiente, numa relação constante entre o observador e o espaço como refere Kevin Lynch (2014, pp. 14-16). A categoria de excelente e bom revelam-se bastante renhidas, respetivamente com 25% e 26%. Não se registou nenhum inquirido que revela-se que a requalificação fosse considerada má, porém com 2%, um valor diminuto e insignificante, existe a referência à razoabilidade da requalificação do espaço.

Requalificação do espaço

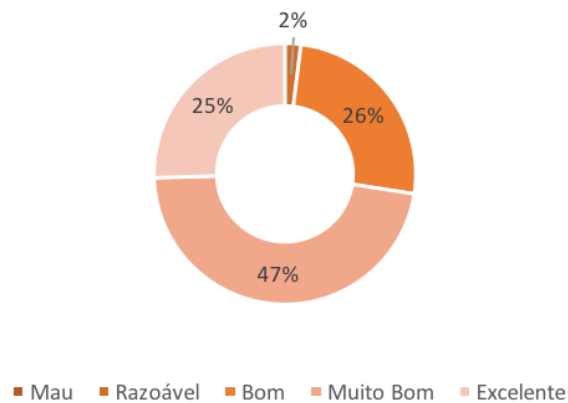


Gráfico 10 – Nível de apreciação da requalificação da Ribeira das Naus.

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação?

6.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes/importantes?

O espaço anteriormente à requalificação era utilizado por poucos dos inquiridos, revelando a sua não utilização em grande maioria com 64% e em 36% os inquiridos que utilizavam o espaço, os quais referiram as alterações mais evidentes/importantes que o espaço sofreu após a sua reconversão. Mais de metade dos inquiridos, atingindo os 55%, respondeu que as alterações mais evidentes foram ao nível na zona ribeirinha, revelando e devolvendo o rio aos utilizadores, identificando a zona de intervenção que traduz a maior extensão da requalificação [Gráfico 11]. Os espaços verdes, respetivamente a presença de mais árvores, zona de relvado e as rampas de relvado, traduziram 18% da resposta dos inquiridos; com um valor mais baixo, com 9%, os utilizadores referem que o espaço se tornou mais acolhedor, revelando uma maior utilização por parte dos mesmos, atribuindo uma nova qualidade. Outras respostas como a estrada, o passeio e os espaços pedonais foram apenas referenciadas em 5% dos casos, assim como os utilizadores que utilizavam o espaço mas que não se recordam das alterações feitas, revelando talvez um olhar pouco atento sobre o espaço público.

Alterações evidentes no espaço

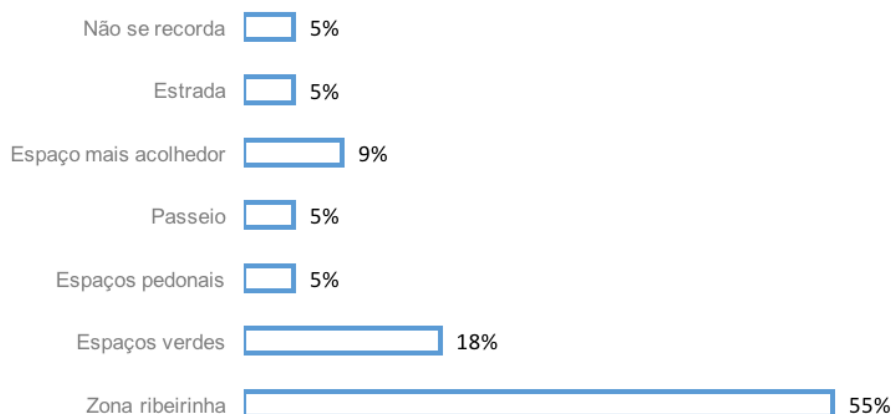


Gráfico 11 – Alterações evidentes/importantes após a requalificação da Ribeira das Naus.

Elementos imprescindíveis no espaço

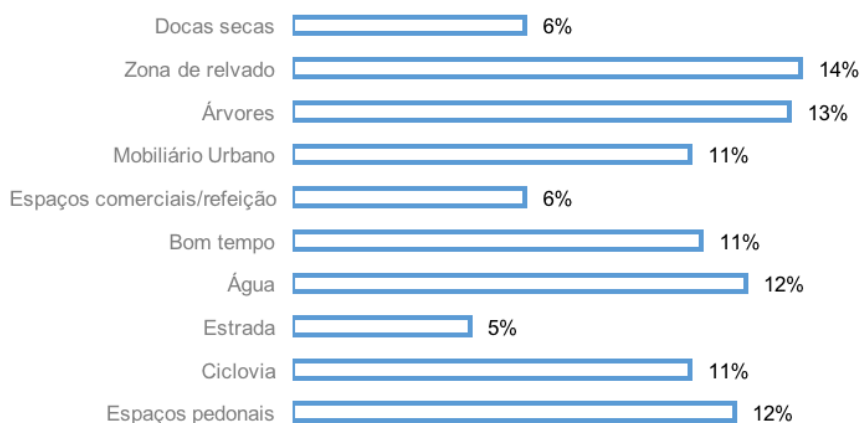


Gráfico 11 – Alterações evidentes/importantes após a requalificação da Ribeira das Naus.

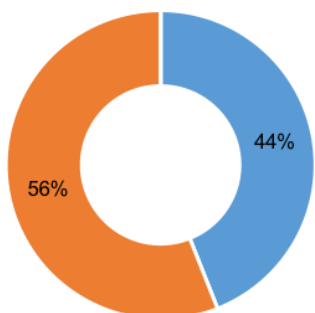
7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda “SIM” ou “NÃO” a cada elemento.

Tendo em conta o universo de inquiridos não se conseguiu verificar uma maioria de distinção de um elemento, pois a questão indicava a possibilidade de identificação de vários elementos e não se cingia apenas a um, determinando a semelhança ao nível das percentagens. Foi possível identificar a zona de relvado como o elemento imprescindível no espaço de maior percentagem, contando com 14%, seguindo-se a indicação de árvores por 13% dos inquiridos; com 12% está a água e os espaços pedonais, seguidos pelo mobiliário urbano e a ciclovia que contam com a identificação de 11% dos utilizadores. Os elementos menos referenciados como imprescindíveis foram os espaços comerciais/refeição e as docas secas, com 6% e com 5% a estrada, identificada por pontuais inquiridos como elemento de quebra do espaço público como um todo.

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

Quanto à quantidade [Gráfico 12] verifica-se que em 56% dos inquiridos, correspondendo à maioria, considera que o mobiliário urbano, dos quais degraus, bancos e cadeiras, são suficientes, no entanto em 44% a opinião altera-se substancialmente referindo que estes elementos são insuficientes no espaço em questão, identificando em conversa com os inquiridos a necessidade de mais mobiliário urbano no melhoramento da Ribeira das Naus, referido na questão 9.1. que surge seguidamente. Não foram registados dados que façam referência à excessividade de mobiliário urbano. Relativamente à utilidade [Gráfico 13] a grande maioria, 92% dos utilizadores, indica que o mobiliário urbano é útil e adequado ao espaço, havendo porém 8% que não transparecem a mesma opinião.

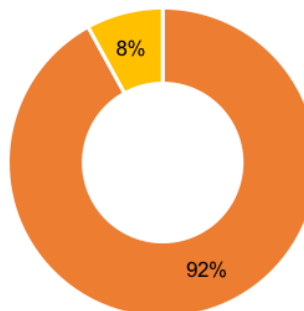
Quantidade de Mobiliário Urbano



■ Insuficiente ■ Suficiente ■ Excessiva

Gráfico 12 – Classificação do mobiliário urbano da Ribeira das Naus quanto à quantidade.

Utilidade de Mobiliário Urbano



■ SIM ■ NÃO

Gráfico 13 – Classificação do mobiliário urbano da Ribeira das Naus quanto à utilidade.

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus?

9.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 9, refira o que melhoraria neste espaço.

Relativamente ao melhoramento do espaço da Ribeira das Naus 64% dos inquiridos responderam afirmativamente, enquanto que 36% referiram que não existia nada que pudesse ser melhorado, agradando-lhes o espaço público existente. A grande maioria identifica aspetos diferenciados para o melhoramento do espaço, revelando uma certa sensibilidade ao nível da observação. Foram identificadas propostas isoladas e ideias comuns no conjunto das respostas dos utilizadores, indicando o número de circunstâncias entre a amostra de inquiridos. As sugestões denotam a preocupação do indivíduo perante a utilização

e apropriação do espaço público, ajudando a qualificar o espaço e compreender as diferentes formas de apropriação [Gráfico 14].

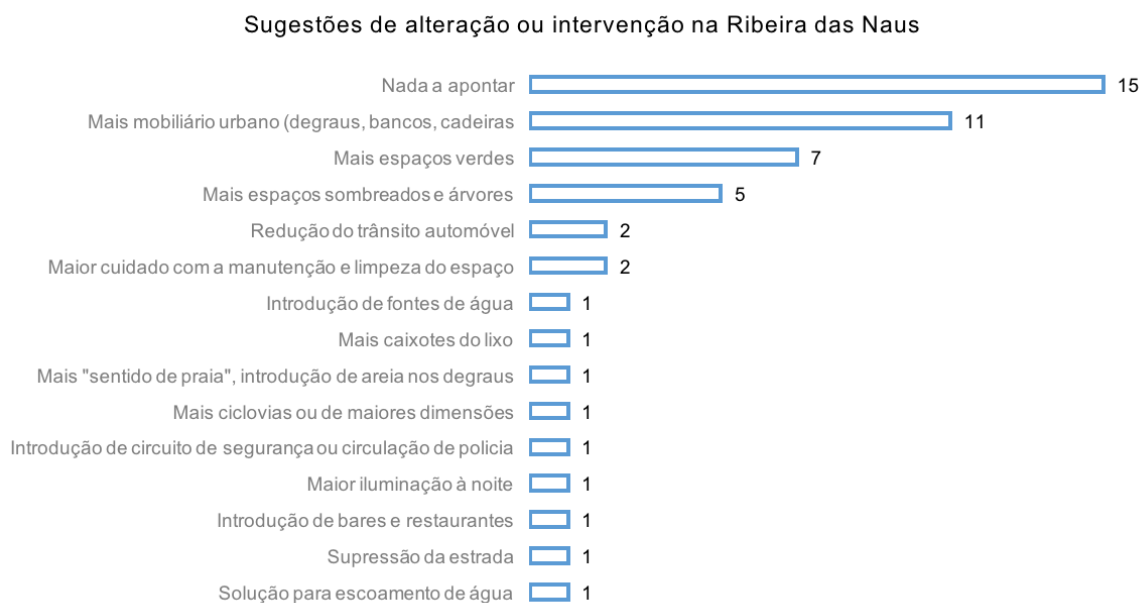


Gráfico 14 – Sugestões de alteração ou intervenção na Ribeira das Naus, por parte dos inquiridos.

A questão aberta à crítica dos inquiridos quanto a possíveis alterações e intervenções na Ribeira das Naus revelou a indiferença ou satisfação com a realidade existente por parte de quinze utilizadores que referiram não ter nada a apontar, não modificando nada do que o espaço contém, destacando em certa medida esta resposta em relação a todas as outras. Seguidamente e com bastante recorrência, foi apontada por onze utilizadores a implementação de mais mobiliário urbano, nomeadamente ao nível de bancos que permitam a ampliação do espaço para sentar/dormir, que se relacionam possivelmente com o apontamento por sete utilizadores da necessidade de espaços verdes e de maior sombreamento e árvores por parte de cinco inquiridos. A preocupação com o ruído sonoro e visual do trânsito automóvel é identificado por duas pessoas, que referem simultaneamente a supressão desta via de acesso, bastante movimentada como se pode observar nas sínteses de mapeamento. Por fim e com apenas uma identificação são registadas nove sugestões que se traduzem em: fontes de água, introdução de areia nos degraus junto ao rio, ciclovias maiores, presença de segurança, iluminação noturna, construção de estabelecimentos de comércio e solução para o escoamento de água.

Face às respostas dos inquiridos notou-se uma grande satisfação em relação aos elementos constituintes do espaço, proporcionando um enquadramento de referência na cidade de Lisboa. Porém existe a identificação de sinais de desagrado em relação à circulação

automóvel, por exemplo, ou à necessidade de existência de maior número de bancos e de sombreamento visto que toda a área de circulação pedonal carece de sombra, principalmente nesta altura do ano em que foram realizadas as ações de inquéritos, o desconforto sugere a colocação de mais alguma vegetação complementando a existente. Desta forma se comprova que os indivíduos inseridos num determinado espaço público revelam perceções e vivências diferentes, revelando um olhar distinto sobre cada pormenor, captando sensações e formando opiniões acerca do espaço tendo em conta a sensibilidade própria.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximos da Ribeira das Naus?

10.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicos que utiliza nas proximidades?

Quanto à utilização de outros espaços públicos semelhantes à Ribeira das Naus, praças ou jardins públicos, o universo de inquiridos respondeu com 64% de maioria absoluta, que frequenta outros locais, sendo estes considerados ou não próximos do caso de estudo; enquanto que 36% responderam negativamente de forma a evidenciar a preferência apenas pela Ribeira das Naus, representando também os inquiridos que se apropriavam do espaço pela primeira vez e não tinham tido a oportunidade de visitar outros espaços públicos nas imediações. Este dado aponta a importância de outros espaços públicos no tecido urbano da cidade, sendo estes semelhantes ou não ao espaço em análise. Verificou-se que a maioria dos inquiridos frequentam o Cais do Sodré em 23% [Gráfico 15] possivelmente pela sua proximidade com o rio, enquanto que 14% frequentam a zona da Baixa, representando exatamente os dois pontos que limitam o espaço da Ribeira das Naus. Com uma igualdade de 9% existe a frequência ao Jardim da Estrela e ao Terreiro do Paço, porém com o valor

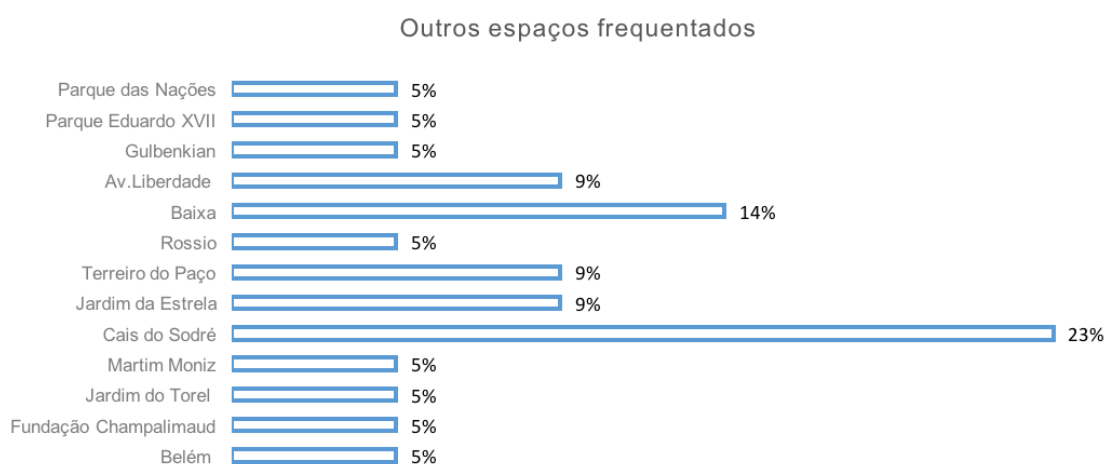


Gráfico 15 – Outras praças ou jardins frequentados pelos utilizadores da Ribeira das Naus.

mais baixo de 5% verificou-se a aderência a espaços como o Parque das Nações, Parque Eduardo XVII, Gulbenkian, Rossio, Praça do Martim Moniz, Jardim do Torel, Fundação Champalimaud e ainda Belém.

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

Nesta questão a resposta é livre, procura-se que os inquiridos caracterizem o espaço em três palavras, traduzindo imediatamente o gosto e o carácter pessoal dos utilizadores para com a Ribeira das Naus, assim como as suas perceções e vivências individuais. As principais caracterizações, as que mais inquiridos referem, têm a ver diretamente com a experiência pessoal assim como a imagem pública, dotando o espaço de adjetivos positivos, nomeadamente: agradável, bonito, espetacular, relaxante, soalheiro, acolhedor e saudável. Outros referem diretamente as vivências proporcionadas pelos espaços prediletos, como: som do rio, paisagem, água, luminosa, passeio, trânsito e histórico. Pontuais utilizadores referem ainda que o espaço poderia fazer parte de um postal temático ou ser um cartão de visita para a cidade. Os sentimentos que o espaço transmite são também referidos de forma intensa: refrescante, nostalgia, serenidade, contemplação, relaxante, calma e inspirador [Gráfico 16].



Gráfico 16 – Nuvem de palavras caracterizando o espaço da Ribeira das Naus, pelos inquiridos. (Elaborado pelo autor, Julho de 2016)

Conclusão

Desde que o homem se originou como espécie tem deixado marcas evidentes no território, refletindo as suas necessidades ao nível da criação de abrigo, erigindo edificações que dariam suporte ao seu modo de vida. É notório desde logo o seu conhecimento e apropriação do território, a humanização que leva ao nascimento dos espaços públicos, nomeadamente dos jardins e praças.

O jardim encontra a sua génese na arte egípcia manifestando a ligação com o meio divino, no entanto na Antiguidade Clássica a praça possui a sua origem no *Ágora* como uma forma vazia no traçado da cidade. Este é um espaço configurado pela convergência de edifícios e equipamentos que suportavam as funções cívicas da cidade grega, local de convergência dos principais acessos, trocas sociais, reunião e realização das atividades de vida cívica. O conjunto de elementos urbanos forma uma combinação que se revelou determinante na ativação da vida pública, concedendo centralidade e importância a este lugar, intitulando-se como principal ponto de encontro e afirmação do povo, equivalendo a uma sala de estar ao ar livre. A noção de espaço público altera-se, assistindo-se a uma alteração de paradigma na estrutura urbana das cidades relacionada com fatores sociológicos determinados pela formação da democracia, passando a admitir o direito de cidadania ao indivíduo anónimo, apelando à participação na vida cívica das comunidades. O planeamento urbano e arquitetónico desenvolvido por Hipódamo concede ao *Ágora* um estatuto de centralidade enquanto espaço público estruturante da malha urbana das cidades, dotado de valor estético e simbólico.

O povo romano transporta os princípios urbanísticos e arquitetónicos iniciado por Hipódamo, desenvolvendo a cidade de acordo com a prática imperial, implementando um sistema de orientação segundo os pontos cardeais determinado pelo modelo de *quadra*, que marcava o centro e dividia a cidade em quatro partes. O ponto de interseção dos eixos aponta o centro da cidade onde se implementou o Fórum, espaço amplo e aberto, equivalente ao *Ágora*, que agrega funções religiosas, cívicas e sociais. A consolidação deste período delineou uma forte contribuição na evolução do planeamento urbano, evidenciando os princípios para a constituição da praça como elemento fulcral na organização do espaço público.

O processo de evolução da praça relaciona-se com pelo menos um dos três principais fatores sociológicos atribuídos ao espaço público urbano, sendo estes: o poder, a religião e o mercado, atentos às dinâmicas geradas pelo espaço público. No período Medieval a praça ao invés de ser o elemento centralizador da malha urbana era o espaço onde se localizava a catedral, simbolizando a religião e o poder, bem como o mercado. A rua assume um papel

estruturante na cidade, onde se disputavam as atividades públicas, lugar de trocas e serviços traduzindo-se na expansão do espaço de vivência coletiva. No entanto neste período a localização da praça ou terreiro – quando não era alvo de acaso e resultante do espaço vazio de confluência das ruas – seria junto a uma das portas da cidade, estabelecendo-se desde logo um lugar simbólico de transição entre o interior e o exterior. Um espaço que assumia um papel de passagem e excluía, evidentemente, o carácter de centralidade na malha urbana.

Uma alteração de paradigma verifica-se no Renascimento, procurando o retorno à ordem clássica enunciada por Vitruvius, na procura de uma nova interpretação da cidade implementa novamente a praça como elemento urbano essencial. De acordo com uma nova ordem que seguia ao pormenor a disciplina geométrica e a perspetiva na conceção espacial, a praça adquire importância extrema e centralidade, surgindo num novo enquadramento urbano. Além dos fatores sociológicos inerentes à praça anteriormente identificados, passam também a possuir fatores de origem simbólica, artística e paisagística, respondendo às novas lógicas exaltadas pelo período renascentista. Porém denota-se importante salientar que a praça está sujeita a uma disseminação quando se identifica uma grande diversidade de usos e funções, revelando novas apropriações do espaço, dissipando-se em três tipos de espaços, segundo Morris (citado por Lamas, 1993) espaço de tráfego viário, de tráfego pedonal e espaço residencial. Este processo de planeamento urbano estende-se até à revolução industrial e vai romper com a estruturação do tecido urbano, restringindo e distanciando a praça da importância adquirida até então.

A praça trata-se do espaço público de excelência, principal gerador de diversos acontecimentos, proporciona aos utilizadores um leque diversificado de apropriações e usos, com especial enfoque no conjunto de fatores e qualidades espaciais que estão subjacentes e que de certa forma determinam a sua relevância na estruturação da cidade, traduzida pelas formas de apropriação e frequência dos utilizadores observada. Desta forma foram recolhidas diferentes abordagens e perspetivas de autores que se debruçam sobre o tema em estudo, destacando-se alguns dos pontos mais pertinentes.

No campo das emoções e dos estímulos o espaço público reclama um certo grau de habitabilidade, conferindo equilíbrio e bem-estar, tendo em consideração que os vários elementos que constituem a cidade podem induzir sensações diversificadas, diferindo de utilizador para utilizador, construindo uma imagem individualizada da cidade, objeto da perceção do indivíduo. A constante interação entre o espaço público e o utilizador provoca ações e comportamentos que podem rapidamente traduzir, através da observação, a qualidade do espaço face aos modos de socialização. É referido por Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade* (1960) que um determinado elemento urbano, como a praça, é

diretamente influenciado em termos quantitativos pela sua escala, numa relação espacial e estrutural, induz um determinado efeito comportamental ao utilizador, podendo gerar comportamentos contrários quando a sua escala emerge desenquadrada.

A observação direta e sem bastidores dos vários elementos que constituem e coabitam no espaço público urbano efetuada por William Whyte (1980) é um dos pontos mais relevantes desta pesquisa, tendo introduzindo uma visão mais atenta e aprofundada na abordagem do caso de estudo, segundo a análise de diversos fatores que se revelam importantes como: a luz e sombra, a água, a sensação térmica, as árvores, a arquitetura e os espaços de permanência. O espaço público necessita de uma boa administração de forma a conseguir criar estímulos, fornecer percursos e locais de paragem no dia-a-dia dos seus utilizadores, devendo-se ao nível de agradabilidade, conduzindo uma nova vida à cidade. Porém as pessoas deslocaram-se para onde existem mais pessoas, introduzindo uma dinâmica de seletividade, gerando comportamentos e apropriações diversas. O espaço vivo é aquele que conjuga um maior número de fatores externos, gerando estímulos, usos e atividades ao indivíduo, criando uma triangulação entre espaço, pessoas e atividades/elementos.

As atividades ao ar livre vivenciadas num determinado espaço público, igualmente importantes para a compreensão e constituição de uma análise para o caso de estudo, dividem-se em três categorias distintas: as necessárias, as opcionais e as sociais. A estruturação destas atividades pode ser verificada através do seu desempenho nos modos de apropriação num determinado espaço público, apontando para um índice de utilização positivo quando reconhecidos os três tipos de atividades. A categorização destas atividades denotou-se importante, potenciadas pelos elementos urbanos, equipamentos atrativos e pela descontinuidade do espaço público, criando lugares de encontro e de forte utilização no meio urbano. Trata-se da organização de atividades defendida por Jan Gehl em *Life Between Buildings* (2006).

A Ribeira das Naus, no contexto da cidade de Lisboa, identifica-se como um projeto de renovação que vem devolver o contacto direto entre os cidadãos e o rio Tejo – espaço este se caracterizava pela restrição do acesso ao rio através de barreiras físicas, até à data da sua inauguração – proporcionando a recuperação do espaço entre ao Cais das Colunas e Cais do Sodré. A frente ribeirinha surge intrinsecamente ligada ao porto, palco de trocas comerciais, multiculturalidade e forte socialização desde a época dos descobrimentos, provocando a necessidade de expansão da cidade sobre o rio. O pensamento urbanístico altera-se após o terramoto de 1755, despertando novas preocupações económicas e sociais, cria-se uma nova ordem urbana que, no início do século XX, dá começo ao processo de urbanização e requalificação das frentes de água.

Assistimos a um crescimento acentuado dos núcleos urbanos que conduz à mudança de hábitos e usos, independentemente da instabilidade social, a necessidade de reverter e reabilitar espaços torna-se gradualmente, não só urgente, como necessária. Estas iniciativas deverão ser caracterizadas pela multidisciplinariedade, tendo em conta as diversas áreas de intervenção, de forma a garantir um projeto final eficaz e coerente. Surge uma ferramenta indispensável para garantir a correta avaliação do sucesso e/ou insucesso destas intervenções, relativo à adequação das funções a que pretender dar resposta, determinando-se como análise do objeto intervencionado onde se designa de fundamental a participação dos próprios utilizadores do espaço.

Tratando-se de um espaço de grande utilidade pública no contexto em que se insere, a Ribeira das Naus adquire o carácter de espaço público revestindo-se das vivências e dos usos dos utentes. A diversidade de ambientes permite a coexistência de áreas com características próprias, verificando-se que o espaço consegue proporcionar ao conjunto variado de utilizadores momentos de convívio, lazer e relaxamento – tendo em conta as preferências e escolhas de cada um, mais ou menos semelhantes dentro das várias faixas etárias – constituindo-se num espaço aprazível a quem dele se apropria, identificado como uma mais valia no coração da cidade de Lisboa.

De acordo com o estudo de mapeamento de percursos e a apropriação do espaço, bem como os resultados do inquérito aos utilizadores, pode referir-se que a Ribeira das Naus apresenta condições de circulação favoráveis nos percursos de atravessamento, reconhecendo a rampa junto ao rio, a zona de relvado e o enquadramento paisagístico ribeirinho, os principais componentes qualitativos do espaço essenciais ao desenvolvimento de atividades relacionadas com este tipo de percurso. Verificou-se uma evidência imediata das diferentes atividades ao ar livre, fragmentadas em categorias por Jan Gehl (2011, pp. 9-11) como atividades necessárias, opcionais e sociais. Estas destacam-se perfeitamente na Ribeira das Naus: as atividades necessárias traduzem-se nos percursos rotineiros como ir para o trabalho, escola ou um percurso intermediário para os transportes públicos; as atividades opcionais, sendo de lazer, como passear, sentar no relvado, contemplar a paisagem, fazer desporto; as atividades sociais ou resultantes desenvolvem-se a partir das anteriores, relacionadas com a vivência entre as pessoas, onde se verifica maior concentração de utilizadores é onde terceiros utilizadores irão permanecer. A qualidade do espaço físico proporciona a ocorrência destes três tipos de atividades, sendo que quanto mais se verificar a ocorrência de atividades opcionais, mais se verificam as atividades sociais. Do ponto de vista do registo dos percursos verificou-se uma maior incidência, em geral, na zona de transição entre o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço, e vice-versa, contrariamente às zonas de atravessamento/ligação entre a

zona de relvado e a zona de rampa junto ao rio Tejo, rampas estas que se traduzem no principal elemento polarizador do fluxo de utilizadores.

Neste contexto a população adulta ocupa a grande maioria da presença ao nível dos modos de apropriação, apresentando frequência regular na travessia e na apropriação, optando maioritariamente por conversar, caminhar, sentar e contemplar a paisagem, frequentar a esplanada do quiosque e fazer desporto. O grupo etário dos jovens disputa as mesmas atividades e percursos que os adultos, adicionando a afluência destes em grande número na zona de relvado. Os idosos, por outro lado, tomam preferencialmente posição na zona sombreada junto ao edifício da EMSA onde permanecem sentados a observar o espaço envolvente, porém pontualmente e apenas de manhã verifica-se a permanência de alguns utilizadores desta faixa etária na zona de rampa junto ao rio.

Através da observação direta e dos inquéritos efetuados, constatou-se que os utilizadores da Ribeira das Naus de nacionalidade portuguesa são tantos quantos os de nacionalidade estrangeira, alcançando um equilíbrio evidente que se traduz pela elaboração dos inquéritos, concedendo certezas à observação. Desta forma o espaço é palco de multiculturalidade, ponto de interseção cultural que através da sucessiva observação não se denotou qualquer tipo de constrangimentos – proveniente da população portuguesa – verificando-se uma convivência saudável entre as pessoas de diferentes nacionalidades. Os processos de socialização diversificados e mais expressivos verificaram-se ao fim-de-semana, dias em que o desporto praticado por adultos é a atividade dominante, coabitando com outras atividades e utilizadores, revelando uma relação de tolerância; os jovens sentam-se preferencialmente a apanhar sol e a conversar na zona junto ao rio, assim como na esplanada; as famílias, na maioria dos casos, deslocam-se ao espaço para dar um passeio e as crianças brincam junto à água ou jogam à bola na zona de relvado, gerando atividades produtoras de processos de interação social.

Como resposta a algumas questões subjacentes na estrutura inicial da presente dissertação, confirma-se desde logo a importância deste espaço público no tecido urbano da cidade, elemento essencial à vida pública que desperta modos de socialização e vivência, podendo ser potenciado pelos elementos característicos do espaço, unidades culturais e comerciais. Pode dizer-se que o ponto de rutura visível durante a presente análise é referente aos espaços de circulação, observando-se um conflito entre a estrada – simulando uma fragmentação dos espaços devido à sua específica localização – e as zonas pedonais, onde o pavimento é semelhante e não se distingue as diferenças, sendo por isso desconcentrante essencialmente em termos visuais e auditivos, segundo a observação e a opinião dos utilizadores expressada no inquérito.

A Ribeira das Naus, segundo a opinião da grande maioria dos inquiridos, caracteriza-se por ser um espaço muito frequentado sendo que 56% releva que a sua frequência ao espaço é ocasional. Identificou-se ainda um grande número de utilizadores, especialmente de nacionalidade estrangeira, resumindo-se a turistas que visitavam o local pela primeira vez, substanciando a elevada percentagem de utilizadores que não frequentam este espaço público. Todavia verifica-se um dado importante, quando a maioria dos utentes refere que frequenta o espaço pela presença de elementos verdes, pela contemplação da paisagem e pela forte proximidade do rio. No que refere aos aspetos qualitativos e quantitativos do espaço e respetivo equipamento, poderá concluir-se que de um modo geral os utilizadores não revelam condicionamentos, resultado da observação direta e do resultado dos inquéritos, fazendo uso e apropriação do espaço de forma modelar. Contudo uma amostra significativa de utilizadores refere que os bancos e espaços para sentar são insuficientes, devido à sua grande afluência especialmente no período da tarde em que o sol é mais persistente; assim como a insuficiência da presença de árvores que consigam oferecer alguma sombra, facto que se evidencia em larga escala com a observação direta do espaço. Transversalmente a estes apontamentos, o espaço apresenta-se bem classificado e referenciado a nível dos inquéritos.

Quanto a sugestões de alteração ou intervenção para o melhoramento da Ribeira das Naus, que na esmagadora maioria os inquiridos referem que não existem aspetos a ser melhorados, considerando então os resultados mais claros dos inquéritos, verifica-se: a importância de adicionar mais mobiliário urbano, ao nível dos bancos e cadeiras, como referido anteriormente; a inclusão de mais vegetação ao longo da zona pedonal assim como no espaço de relvado, de forma a maximizar o sombreamento do local e minimizar a sensação árida de um dia de calor, embora seja esse o papel do rio e da proximidade para com os utilizadores; a redução do trânsito automóvel, devido à grande afluência de trânsito especialmente observado no período da tarde, causando um certo desconforto aos inquiridos pela fragmentação que faz do espaço, assim como o ruído, gases e obstrução da paisagem; a manutenção e limpeza dos espaços e equipamentos para permitir uma melhoria significativa nas condições do espaço. Pontualmente são identificadas alterações como a introdução de fontes de água, ciclovias com maior dimensão e sinalização, introdução de bares e restaurantes assim como o apontamento de um dos inquiridos para a supressão total da estrada.

Em conclusão, a Ribeira das Naus, segundo o estudo que aqui se apresenta, caracteriza-se pela funcionalidade, centralidade e proximidade de outros espaços importantes – localizado entre o Cais do Sodré e o Terreiro do Paço – que atrai muitas pessoas, mesmo que seja por

uma força polarizadora que faz com que este espaço faça parte do percurso do indivíduo, destacando este ponto no tecido urbano. Em relação às vivências e modos de apropriação do espaço reconhece-se a existência de um vasto leque de atividades ao ar livre, apontando para a boa qualidade do espaço público, favorecendo condições essenciais para o estabelecimento dos processos de socialização. A riqueza que se observa no espaço tem lugar na circulação e permanência de pessoas, estimulando o utilizador com a presença dos diversos elementos estruturantes e caracterizadores do lugar, tornando-o singular e facilmente reconhecível na estrutura urbana da cidade de Lisboa.

No decorrer do processo foi adquirido um vasto conjunto de conhecimentos e experiências que conduziram ao aprofundar do entendimento científico e pessoal dos espaços públicos, com especial enfoque nas praças e espaços verdes, bem como o desenvolvimento em termos práticos resultante da consulta e pesquisa bibliográfica realizada, bem como das fases de trabalho de campo na Ribeira das Naus. A análise e conclusões do caso de estudo não tencionam afirmar-se como verdades absolutas, porém o intuito seria contribuir para o acompanhamento do processo evolutivo deste espaço urbano, procurando entender o espaço e a sua relação com os utilizadores face às vivências e modos de apropriação, assim como a visão e entendimento do espaço que estes possuem. Sendo o conhecimento do espaço algo bastante peculiar, cada utilizador tem percepções diferentes, exigindo assim uma abordagem ampla e liberta de certezas.

Surgiram algumas limitações no presente estudo ao nível do rigor do mapeamento de atividades e percursos, a larga dimensão do espaço e os vários acontecimentos a decorrer simultaneamente dificultam, pontualmente, o registo a partir dos diversos pontos de observação, mesmo quando se cruzam os registos realizados. Por sua vez, o inquérito ganhou importância no conhecimento aprofundado da opinião dos utilizadores, procurando comparar o passado recente com o espaço existente, levantando questões que permitissem delinear tendências.

O estudo da Ribeira das Naus substanciou-se no interesse pela compreensão da percepção do processo evolutivo deste espaço urbano situado no coração de Lisboa, de carácter histórico vincado, assim como procurar entender a importância do planeamento a longo prazo, para benefício da qualidade de vida da sociedade, fazendo com que o tecido urbano se possa regenerar e adaptar eficazmente. Foi determinante entender que, relativamente ao espaço público e aos modos de apropriação, a conjugação de diversos fatores traduz-se na criação de um espaço de socialização. Em balanço, a diversidade e abrangência da estruturação deste tipo de análise permitiria o apuramento de um método de análise padrão,

suficientemente polivalente para ser aplicável a outros casos de estudo, a nível nacional e internacional.

Bibliografia

Administração do Porto de Lisboa. (31 de outubro de 2011). *O Porto de Lisboa comemorou o seu 124º aniversário*. Obtido em Julho de 2016, de Porto de Lisboa. Atlantic meeting point: http://www.portodelisboa.pt/portal/page/portal/PORTAL_PORTO_LISBOA/NOTICIAS?notid=52718257

Assembleia da República. (14 de Outubro de 2009). *Atividade Parlamentar e Processo Legislativo*. Obtido em Julho de 2016, de AR. Assembleia da República: <http://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetailIniciativa.aspx?BID=34054>

Bento, G. (2014). Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras. Apropriação e vida do espaço público. (Dissertação apresentada ao Departamento de Arquitetura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção de grau de mestre, orientado por Patrícia Pedrosa). Lisboa, Portugal

Biblioteca de Arte / Art Library Fundação Calouste Gulbenkian. (11 de Janeiro de 2013). *Exposição do Mundo Português, Lisboa, 1940*. Obtido em Julho de 2016, de Flickr: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/15935138181/in/photostream/>

Biblioteca Nacional de Portugal. (s.d.). *Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858*. Obtido em Agosto de 2016, de Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/3525/3/>

Câmara Municipal de Lisboa. (s.d.). *Enquadramento do PDM*. Obtido em 22 de Junho de 2016, de Lisboa, Câmara Municipal: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal/enquadramento-do-pdm>

Câmara Municipal de Lisboa. (2016). *Plan of the city of Lisbon*. Obtido em Agosto de 2016, de Museu de Lisboa : http://www.museudelisboa.pt/en/peças/detalhe/news/planta-da-cidade-de-lisboa/?no_cache=1&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&cHash=88f9877f53da87d4c0e07a47575968d0

Câmara Municipal de Lisboa. (1992). *Plano Estratégico de Lisboa*. Lisboa: CML/Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico.

Carita, H. (1994). Cais do Sodré, Praça Duque da Terceira . *Jornal dos Arquitectos* , 142, 12-13.

Castro, A. d. (1940). *A Exposição do Mundo Português e a sua Finalidade Nacional*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

Costa, A. C. (1951). *A evolução de uma cidade: Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Ferreira, V. M. (1997). *Lisboa, a Metrópole e o Rio: Centralidade e Requalificação das Frentes de Água*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

França, J. A. (1981). *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*. Lisboa: Biblioteca Breve.

Garcia, P. R. (2010). Os espaços públicos na reconversão da zona da Expo'98. *AE...Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, pp. 107-138.

Garcia, P. R. (2009). *Plataforma Tejo - O Regresso ao Rio. A frente ribeirinha de Lisboa e o século XXI*. Lisboa: Fundação Serra Henriques.

Gehl, J. (2011). *Life Between Buildings: Using public space*. London: Island Press.

Goitia, F. C. (1982). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.

Gonçalves, L. (2015). *Praça da Liberdade, Almada. Apropriação e vida da praça no século XXI*. (Dissertação apresentada ao Departamento de Arquitetura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de mestre, orientado por Patrícia Pedrosa. Lisboa, Portugal.

Guerreiro, M. R. (2001). Espaços públicos centrais, estrutura urbana e território. Os largos e as praças de Lisboa até ao século XVII, génese e formação. Em M. C. Teixeira, *As Praças na Cidade Portuguesa* (pp. 17-26). Lisboa: Livros Horizonte.

Hadrian's Villa. (3 de Novembro de 2015). Obtido em Maio de 2016, de Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/Hadrian%27s_Villa

Lamas, J. R. (1993). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lynch, K. (2014). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Madeira, T. (2001). A evolução dos espaços urbanos públicos na cidade de São Tomé. Em M. C. Teixeira, *A Praça na Cidade Portuguesa* (pp. 43-68). Lisboa: Livros Horizonte.

Manuel C. Teixeira. (2001). *A Praça na Cidade Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Mosteiro de Santa Cruz. (26 de Maio de 2016). Obtido em Junho de 2016, de Wikipédia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Santa_Cruz

Oliveira, J. A. (2012). *Cartografia de Lisboa no Gabinete de Estudos Olisiponenses*. (Relatório de Estágio/Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção de grau de licenciado, orientado por Teotónio R. de Souza e José Manuel Garcia). Lisboa. Obtido em Agosto de 2016, de ReCiL, Repositório Científico Lusófona: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5822>

RISCO. (2016). *Expo'98. Espaço Público do Recinto*. Obtido em Julho de 2016, de RISCO:
http://www.risco.org/pt/02_04_expo98.jsp

Rodrigues, J. (1993). *Arte, natureza e a cidade*. Porto : Árvore, Cooperativa de actividades artísticas.

Roth, L. M. (1999). *Entender la arquitectura. Sus elementos, historia y significado*. Barcelona: Gustavo Gili .

Whyte, W. H. (2001). *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Project for Public Spaces.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista ao arquiteto João Gomes da Silva, um dos autores do Projeto da Ribeira das Naus (Caso de estudo)

Data e local: 05/07/2016 das 17.00h às 18.30h no Atelier da Global Arquitectura Paisagista, Lisboa

Entrevista por: Inês Faria [IFaria]

Entrevistado: Arquiteto João Gomes da Silva [JSilva], co-autor do Projeto da Ribeira das Naus (Caso de Estudo)

IFaria – Como foi o processo de desenvolvimento do projeto? E quais as principais condicionantes na fase inicial?

JSilva – A primeira coisa que quero esclarecer é que o projeto é feito em co-autoria com o meu colega João Ferreira Nunes e, portanto, o que nós fizemos foi construir um consorcio entre dois ateliês, a Global Arquitectura Paisagista e a PROAP. Fizemos esse consorcio, finalizámos e concorremos a uma consulta feita pela Frente Tejo. Recordo só duas ou três coisas, há um momento em que o governo decide promover o desenvolvimento e a reabilitação da frente ribeirinha de Lisboa, cria a Frente Tejo que é uma instituição pública de capitais públicos que serve para desenvolver os vários projetos, dos quais o museu dos coches, e para organizar toda a candidatura de fundo comunitários. Portanto a Frente Tejo é a instituição que envolve, no seu conselho de administração também a Camara Municipal de Lisboa e outras instituições, digamos que é o interlocutor inicial que lança o concurso e que nos contrata diretamente. Nós formámos esse consórcio, tínhamos uma equipa de engenharia, uma equipa que envolvia também o centro de História de Arte da Universidade Nova, as várias especialidades de engenharia incluindo a Engenharia Costeira e Marítima que é um bocado particular, portanto é dessa forma que se inicia todo este processo. É feito um concurso, uma consulta, nós vencemos, é nos contratado o projeto. Fazemos desde o início um desenvolvimento de um estudo prévio, portanto avaliamos também no fundo os projetos anteriores para aquele lugar, que são vários não é, desde a distribuição da Ribeira das Naus enquanto arsenal até à construção da Avenida na Ribeira das Naus por Duarte Pacheco até a diversos projetos, uns concretizados outros nunca concretizados, que procuram organizar aquele território e aquele espaço tem características bastante interessantes que historicamente nos aprofundámos, cum um certo apoio do Gabinete do Centro de Estudos da Universidade Nova, e nós aprofundámos bastante digamos o conhecimento acerca do lugar. Quais eram os dois pontos fundamentais do concurso, era criar um espaço público de forte dinâmica de usufruto público, de contacto com o rio, portanto que privilegiasse o contacto com

o rio uma questão não só política, mas também desejada pelo menos naquela altura. O que é que é lugar quando o começamos a trabalhar? Por um lado é um recinto militar, compreendido entre o edifício da marinha e uma vedação, um recinto totalmente isolado, uma área militar, a Avenida da Ribeira das Naus que era uma diagonal, não sei se se recorda dela, e depois um território muito pouco qualificado portanto onde existia uma bomba de gasolina já entretanto abandonada, onde foi construída uma Instituição Europeia para controlo dos oceanos pelo Arquiteto Manuel Tainha, entretanto falecido, era uma zona verde, se é que podemos dizer, com árvores, monumentos/escultura do metropolitano que foi entretanto deslocado para a Alameda da Reitoria da Universidade de Lisboa, e portanto é o lugar bastante desqualificado mas com potencial enorme. Era, contudo, o único troço da costa de Lisboa que tem cerca de 14 quilómetros que não era revestido a pedra, portanto não tinha sido objeto de construção marginal, era um enrocamento de pedra mas não tinha aquele paredão que constrói toda a linha de costa, começou-se a construir no final do século XIX.

IFaria – Mas era de onde, desde o Terreiro do Paço ao Cais do Sodré?

JSilva – Não não, desde Belém que é o limite da cidade, há de tentar reparar nisso, desde o Forte de Bom Sucesso aliás, que existe até à Expo, onde está hoje a Torre de Vasco da Gama que é um hotel, há de reparar que existe um paredão de pedra de lioz branca, paredão esse que tem as vezes a forma de um PD, ou seja, de um plano inclinado que desce pelo leito do rio, outras vezes é um paredão vertical e tem docas, uma série de docas que se sucedem pela linha de costa fora, esta linha de costa tem uma espécie de fluxo central que é a Praça do Comércio, que é enfim, o lugar historicamente mais definido nessa linha de costa mais antigo. Aquele troço era o único troço que não estava consolidado nem construído, por razões que tem a ver com a história mais recente, a história moderna se quisermos, da Ribeira das Naus. Qual é a história moderna da Ribeira das Naus, ou qual é a história desde a Renascença? Um arsenal, D.Dinis estabelece ali uma muralha, um pouco mais atrás, que era a muralha de D.Dinis; D.Fernando acrescenta também qualquer coisa e D.Manuel faz as chamadas ordenações manuelinas e cria aquilo que é o arsenal, a estrutura urbana que define o arsenal, portanto estamos a falar de 1500, quase 5 séculos. Desde então é arsenal até meados de 1940, foi sempre arsenal da marinha, houve o terramoto que destruiu toda a baixa como sabemos, o Palácio Real e etc, mas se reparar bem nas plantas do Carlos Mardel vê-se claramente que , está representado a amarelo e encarnado, havia estruturas e docas, na dita doca da caldeira, que existiam já com a forma que nós hoje conhecemos. Desde 1500, a representação mais antiga que existe do centro de Lisboa é a planta de João Nunes Tinoco de 1650, salvo erro, em que se vê o Palácio Real, o Terreiro do Paço do lado nascente e o do lado poente vê-se a praia da Ribeira das Naus que nas sucessivas representações se

começam a ver molhes, docas, etc. Portanto há alguma iconografia de plantas que explicam aquele lugar desde aproximadamente 1650, e aquilo que se percebe é que, mesmo com a destruição do terramoto, aquele lugar teve uma série de permanências e persistências [...] A última grande obra tinha sido em meados de 1860 com a reparação da doca seca, um projeto feito pela marinha que nós temos um desenho, 1865 salvo o erro, a construção da doca seca que é aquela estrutura que foi agora parcialmente enterrada e que servia no fundo para deixar entrar as embarcações e pô-las a seco, e depois existem duas rampas e vários molhes, rampas essas que emergiam da superfície e permitiam içar as embarcações, [...] tudo isto se fazia com as marés e com força, força do vapor a partir de certa altura para conseguir içar estas estruturas, e portanto, o arsenal da Ribeira das Naus funcionava dessa maneira, com várias tecnologias ao longo do tempo [...]. Foi sempre um lugar de indústria e construção naval desde praticamente 500 anos, sabemos entretanto que no período romano, em que a cidade era mais circunscrita à colina do Castelo, as praias mais para poente tinham lugares de construção e de arsenal, por exemplo no largo de D. Luís I ao pé do Mercado da Ribeira quando se escavou para construir o estacionamento encontrou-se uma série de estruturas de madeira que eram no fundo grandes plataformas para construção naval, e sabemos também na zona da Ribeira das Naus haveria espaço para construção naval; portanto a vocação é essa. O Porto de Lisboa, digamos renascentista/medieval, era sobretudo na chamada *Ribeira Velha* que hoje é onde fica o Campo das Cebolas, e onde é hoje o Ministério das Finanças sempre foram as alfândegas, por isso é que aquilo se chama a Rua das Alfândegas, portanto essa vocação do poder político e de controlo do porto e de construção naval sempre foi uma característica daquele lugar. Conhecendo esta história e aprofundando depois um bocado mais a história do lugar, nós acrescentámos um ponto, fiz esta conversa um bocado longa ...

IFaria – Não, mas já respondeu a várias perguntas que eu tinha aqui portanto, está ótimo.

JSilva – Então, vou falando?

IFaria – Sim, pode ir continuando.

JSilva – Fizemos então foi acrescentar um ponto ao programa do concurso, que foi, para além de ser um espaço público e de forte contacto com o rio, o espaço devia ser verde era o que nos era pedido, nós acrescentámos um termo que é a intenção de revelar a própria história do lugar, de construir a partir de vestígios que supusémos estarem subjacentes à superfície, a arqueologia teria que os revelar, pusémos a hipótese de construir um espaço obviamente contemporâneo, nós não podemos fazer outra coisa que não um espaço contemporâneo nos nossos dias, adaptado à nossa forma de estar de viver, mas utilizando na medida do possível elementos da própria história do lugar, portanto elementos presentes no lugar, apesar de não

estarem visíveis estão presentes. E foi isso que propusemos fazer, como? Em primeiro lugar fazendo uma obra marítima que é construir um paredão, um muro neste caso tem a tipologia de um rampa, que é a rampa do Tejo, que vai desde um molhe novo que construímos, ao pé do edifício das agências, até à boca da caldeira, estrutura essa que é uma estrutura de engenharia marítima, portanto uma estrutura costeira [...]. Portanto essa foi a primeira obra, estabilizar a linha de costa, construir a parte que faltava, eram 300 e tal metros, e na zona de transição entre essa rampa e aquilo que já existia ao pé do edifício das agências construir uma saliência que é um molhe, que tem exatamente a mesma dimensão que tem o Largo de Corpo Santo, se reparar está perfeitamente alinhado, é intencional. Esse avanço serve para duas coisas, por um lado para resolver a geometria de uma rampa com uma inclinação suave, com as outras que são menos suaves, portanto ajuda-nos a resolver um problema de geometria através de um paredão, de um molhe, que sai; por outro por baixo existe uma enorme estação de bombagem de esgotos de Lisboa, portanto esta vocação de infraestrutura urbana permanece não é, e continua integrado naquele lugar. Hoje temos uma esplanada, temos aquele muro circular que limita ali um recinto, mas por baixo temos uma estação de bombagem, uma série de infraestruturas bastante complexas até [...]. Esta é a primeira parte da obra, e foi a primeira fase da obra, construir uma grande rampa que se veio a afirmar como grande espaço público, uma grande praça que desce até á chamada *praia do Tejo*. O que é que é o Tejo em termos de margens? O Tejo, sobretudo nas zonas onde o homem não construiu estruturas, muros, rampas e etc, é uma praia, as margens são praia [...]; como sabe as marés em Lisboa têm quase 3 metros e meio de amplitude, entre a maré mínima e a máxima, [...] de 6 em 6 horas temos a água 3 metros mais alta, 3 metros mais baixa, temos esta variação ao longo do dia duas vezes. Portanto quando se faz uma rampa pouco inclinada, quando menos inclinada estiver mais se nota, porque a água ao subir avança mais e recua mais. Fizemos uma rampa com uma espécie de degraus inclinados que servem para duas coisas, uma para reduzir a sua inclinação para as pessoas [...], por outro lado para ajudar também a criar uma certa habitabilidade do espaço, portanto aquilo é uma estrutura em betão que é revestida a betão já trabalhado, com pedra branca [...]; reproduz de alguma maneira o perfil do Cais das Colunas que também é feito dessa forma, nós fomos buscar ali um arquétipo, se quisermos, e portanto o objetivo é no fundo criar um passeio ribeirinho com árvores, passeio esse que tem um pavimento já em basalto, forma ali uns degraus e depois tem aqueles blocos que foram um grande degrau, com cerca de 45 centímetros, é um bloco bastante alongado que tem umas entradas para umas escadas, portanto dá acesso aquela rampa. Portanto é construir num primeiro momento uma relação com água perfeitamente estabilizada e sobretudo muito apropriada pelas pessoas, nós apercebemo-nos por duas razões que no Cais das Colunas as pessoas utilizavam aquilo de uma determinada maneira,

iam-se sentando nessas escadas de uma maneira bastante mais informal e quando a maré estava baixa as pessoas desciam nas escadas e iam até à praia de areia que se forma ao lado. O que pensámos foi, bom sito funciona bem vamos fazê-lo de modo semelhante, adaptado às circunstâncias e ao tempo que temos hoje, e enfim, contamos que se venha a formar uma praia mais arenosa quando a maré baixa e se revela aquela parte. [...] Há uma segunda parte que tem a ver com o desvio do trânsito da sua direção diagonal para uma direção paralela ao rio, como está hoje, e ao fazermos isso nós podemos começar a fazer uma coisa muito importante que é escavar arqueologicamente as várias docas. [...] Primeiro de um trabalho de investigação histórica feito com os historiadores, e por nós também, segundo um trabalho de arqueologia porque se teve que começar a escavar as várias docas, sabíamos que existia uma doca chamada *Doca da Caldeira*, que servia para [...] as embarcações, sobretudo as de maior calado, que estacionavam no rio depois tinham botes que traziam os oficiais a terra e os oficiais entravam por essa doca, digamos, transbordavam, e iam receber ordens ao almirantado [...], portanto tinha essa função. Depois mais tarde, durante muito tempo, teve também outra função que era dar apoio ao comércio, uma boa parte do comércio ou da pesca, não era exatamente ali mas era controlado por aquelas instalações. [...] encontrámos a *Doca Seca*, a qual conseguimos escavar 3 metros em 9, portanto ela tem certa de 9 metros e meio de profundidade [...], serviam para as embarcações entrarem, depois eram travadas com estacas às paredes e depois a maré começava a baixar e eles fechavam as comportas, iam travando as embarcações e ela ficava ali equilibrada, [...] de 3 em 3 metros faz uns degraus e isso permite os operários trabalhar. Nós escavámos uma parte só, não tivemos nem autorização nem, enfim, há limites orçamentais não podíamos ir tão longe [...], o nosso objetivo é escavar aquilo aos 9 metros [...].

Nós encontrámos muitos elementos arquitetónicos e outros tipos de estruturas que não pudemos deixar evidentes, enfim, havia um certo “*timing*” para fazer a obra, havia um orçamento para fazer a obra, mas aquilo que sabemos hoje é muito mais do que aquilo que sabíamos antes [...]. Há mais um aspeto que interessava referir que é, o projeto é bastante simples, dentro desta complexidade é bastante simples, porque? Porque é feito de uma matéria negra que é o basalto que representa a superfície equivalente à presença da água, portanto até onde a água ia existe a marcação com o pavimento basalto, que aliás é um material que constrói todos os pavimentos do Porto de Lisboa, e que é um material [...] que é a natureza da cidade, a natureza geológica da cidade é basalto [...] e depois camadas de calcário que formaram estes lioz e outros calcários com o qual se constrói toda a cidade. Portanto o basalto indica a posição aproximada da água e depois o calcário indica a posição aproximada de terra. Os elementos que se levantam são também feitos em vidro e em lioz,

que no revestimento dos pavimentos quer nas estruturas, existem alguns que são em betão branco [...].

IFaria – Em relação aos diversos espaços, como é que foi pensado o relacionamento entre eles?

JSilva – Os diversos espaços são quais? São a rampa, o molhe, que fazem a frente; é todo o empedrado de basalto onde existem áreas pedonais e áreas de automóveis, portanto separadas por pequenos lancis ou por obstáculos e uma zona de relvado que estabelece uma plataforma de árvores e estabelece aquelas duas rampas inclinadas, portanto contidas por muros, e depois uma pavimentação feita em vidro branco, sobretudo na área da marinha [...] que representa toda a área do alfeite, do arsenal. Portanto são 3 matérias, e essas matérias correspondem sensivelmente a duas funções fundamentais, as áreas pedonais e as áreas de circulação, automóvel. Há uma ambiguidade nisto, e nós quisemos ser ambíguos porque não quisemos fazer, desenhar de uma maneira muito evidente aquilo que é o espaço de circulação automóvel e aquilo que é o espaço pedonal. Portanto existe uma continuidade de material, o basalto está nas áreas pedonais e está nas áreas de circulação, enquanto depois a relva e o calcário branco estão nas áreas pedonais; tal como as rampas de betão branco também estão nas áreas pedonais. Qual é a relação entre os vários espaços? Por um lado é tentar disciplinar a relação entre carros e pessoas, com um grande objetivo que é o de criar o máximo de área para o usufruto dos peões, mas ao mesmo tempo não o fazer através do código que se instalou na cidade desde o século XIX que é diferenciar o passeio do arruamento, da via, que é no fundo o código clássico, o passeio em pedra branco e a via em pedra preta ou em asfalto. Nós ali quisemos anular um bocado esses códigos, e por uma razão muito concreta, porque pensámos *“se a identidade do espaço vai muito fundamentalmente na ideia de um arsenal, nós não vamos desenhá-lo como se estivéssemos a desenhar a baixa, como se estivéssemos a desenhar qualquer outro espaço da cidade. Vamos dar-lhe uma certa indeterminação, se bem que temos que determinar os espaços de carros e os espaços de peões, mas por exemplo vamos usar a mesma matéria indiferenciadamente nas áreas dos carros e dos peões”*; isso é um exemplo da maneira como quisemos procurar não diferenciar. Outra coisa que procurámos não fazer foi, por exemplo, o sistema de mobiliário de iluminação pública, colocámos dois grandes mastros que tem um sistema de reflexão de luz, e portanto aqueles dois grandes mastro têm cerca de 22 metros cada um, [...] em contrapartida a iluminação que estamos a usar já se tinha usado em parte no Terreiro do Paço, nós não quisemos diferenciar muito, são uma série de postes cilíndricos [...] e tem a parte de iluminação embebida nesse mesmo volume. Portanto tudo aqui procura não modificar a cidade como nós a conhecemos, mas procura ter um assim certo grau de

abstração e ao mesmo tempo ser assim uma coisa um bocadinho mais dura [...], e procurámos evitar, sobretudo, muito detalhe [...], da maneira mais seca possível para não haver muito desenho. Portanto a anulação dessa componente não que dizer que não haja um desenho por trás de tudo aquilo, o que quer dizer é que pura e simplesmente quisemos tentar anular o máximo a introdução de um desenho que pudesse assemelhar aquilo a um jardim ou a um parque, que era o que nos era pedido, fazer um parque ou um jardim à beira do rio. Nós não quisemos de todo que aquilo se parecesse com um parque ou com um jardim, independentemente de que há relva e árvores [...]. Há ali um antecedente que é o da Torre de Belém, que é um espaço que nós já não nos lembramos como é que ele era mas era uma área industrial [...], quando por altura da Exposição do Mundo Português é feita a demolição extensiva daquela área industrial, há ali uma das coisas que é ali celebrada que é a encenação da Torre de Belém [...], um monumento militar de controlo do porto, mas que é bastante rica arquitetonicamente [...], hoje está inserida num parque, que ele próprio tem pouco desenho, é um grande relvado assim com umas orlas de pinheiros, [...] há a construção de uma paisagem urbana, relações urbanas através do tecido [...]. O que ali se faz não é desenhar um parque ou um jardim mas criar condições para haver uma certa amenidade, que é isso que também nos é pedido. E nós pensámos que a amenidade não é necessariamente feita com relva mas com uma rampa muito pouco inclinada que desce para dentro de água é um espaço muito ameno, em betão sim, mas é um espaço bastante ameno porque nos permite reconhecer, para já o movimento natural da água, portanto é uma revelação; a própria *Doca da Caldeira* que nós de uma forma bastante obstinada, insistente, conseguimos deixar à maré, portanto aquilo é um tanque de marés, não é uma doca, as embarcações não entram, mas existe uma ligação hidráulica com o rio [...], que quando sobe a maré no rio sobre a maré no interior da doca. Portanto manifesta-se a natureza, não é, manifesta-se ali também [...].

E, portanto, este tema das marés, aquilo que tentámos ali e que tem uma série de antecedentes, tem agora já no projeto do terminal dos cruzeiros uma réplica, se quisermos, uma repetição da mesma tipologia; que é a revelação e a utilização das marés como qualquer coisa de fundamental para a cidade, e para a vida estuarina, para a noção de frente de rio [...]; é no fundo revelar essa mesma natureza.

IFaria – Outra coisa importante, o público-alvo foi determinante?

JSilva – O público-alvo é uma expressão que vem do marketing e que nós parece que incorporamos na vida como se fosse assim uma coisa normal. Não há um público-alvo, eu trabalho como arquiteto paisagista, trabalho fundamentalmente no espaço público, o espaço exterior seguramente, o espaço público muitas vezes, e uma das características do espaço

público aberto, há edifícios que são espaços públicos não é, uma das características ao contrario dos edificios é uma relativa indeterminação na sua organização [...]. Por exemplo um campo de jogos é um espaço público coletivo, mas é muito determinado tem medidas, dimensões, balizas, etc; um estacionamento é perfeitamente determinado, zona de circulação, zona de estacionamento, etc; mas uma praça, por exemplo a Praça do Comércio, um caso mais recente de transformação, se pensarmos bem na Praça do Comércio que é uma praça muito especial, única diria, é uma praça imperial, foi construída num determinado momento, reflete um determinado poder imperial e ao mesmo tempo tem uma escala absolutamente superior às praças que conhecemos, mas se pensarmos bem é um grande vazio, e é um grande vazio muito indeterminado [...], portanto a apropriação desse espaço público está relativamente sugerida pelas funções que estão na sua periferia [...], principalmente na quadra central ela é absolutamente indeterminada. Já vimos ali a acontecer o que? Tanta coisa não é, desde as centenas de milhares de pessoas que atravessam todos os dias [...], circulação de automóveis e transportes públicos, muitas vezes não acontece nada, outras vezes há feiras, outras vezes há concertos, outras vezes há grandes manifestações políticas [...]. Portanto aquilo é a indeterminação do espaço público que transforma num espaço com um potencial enorme, se aquele espaço fosse muito codificado, se nós definíssemos o estacionamento, parques infantis etc, nós não tínhamos essa valência, o que não quer dizer que em algumas circunstancias nós não tenhamos que programar o espaço; mas em muitas outras circunstâncias é importante não programar o espaço.

O que nos fizemos na Ribeira das Naus é qualquer coisa, mais uma vez, aparentemente ambígua mas muito objetiva, muito decidida. Por um lado criámos duas rampas, a rampa do Tejo e as rampas de relva que permitem uma coisa muito simples que é o estar de uma determinada maneira, e repare que em relação ao centro da cidade [...] não há nenhum sitio no centro da cidade que as pessoas se deitem no chão; Não, há, na Gulbenkian as pessoas deitam-se no chão, nos prados do Parque Eduardo VII deitam-se no chão, mas no “centro centro” da cidade, que não sejam os mendigos, as pessoas não tem esse comportamento. Portanto uma das coisas que sabíamos que ia acontecer, não só pelos ressaltos que se criavam mas também sobretudo pelos planos inclinados que se criavam é de uma determinada apropriação. Na rampa a apropriação que tem a ver quase com a ideia de uma praia, aliás quando chega o verão nós vemos as pessoas em fato de banho a tomar banho ali, no relvado é um pouco a mesma coisa, nos dois relvados que sobem mas estão nas posições das rampas de varadouro, a geometria delas é exatamente a das rampas de varadouro, não é nenhuma reconstrução das rampas de varadouro [...], tem a volumetria aproximada. Portanto nos planos inclinados, nas rampas, nós sabíamos que íamos ter uma

determinada forma de apropriação e que passava por uma postura, estar sentada ou deitada, tal como o relvado ao lado com árvores, sabíamos que as pessoas iam poder apropriar-se dessa maneira. Tínhamos vários exemplos mais clássicos talvez, que era a Torre de Belém [...]; na Expo, também aí a postura, o simples facto de existir um relvado, uma superfície onde as pessoas se podem deitar, ao pé do rio, é suficiente para que esse sitio seja facilmente induzido. E depois uma certa indeterminação na forma como se define áreas pedonais e em relva, em pedra e etc, também determina uma enorme liberdade de movimentos. Só o simples facto de sermos obrigados a ter passadeiras, por razões legais [...], é que determinam pontos de atravessamento, caso contrario as pessoas atravessariam em todas as direcções, o uso seria absolutamente irregular. Mas quer dizer isto é uma circunstancia, porque nós sabemos que quando se decide nas férias, fechar a Avenida da Ribeira das Naus, coisa que agora nunca mais se fez, [...] aquilo era usado de uma maneira absolutamente livre. No outro dia houve uma exposição, quando foi o 10 de Junho, que as Forças Armadas fizeram uma no interior do espaço da marinha, todos aqueles painéis da vedação foram desenhados para poderem ser pivotantes [...], todos eles podem rodar, portanto as pessoas entravam e viam ali tanques e caças, estava lá o armamento todo do exercito em exposição, e as pessoas utilizaram muito livremente todo aquele espaço. Existe uma enorme vontade de indeterminação se bem que o facto de haver um relvado e haver um pavimento duro gera logo dois tipos de apropriação, as pessoas em geral não se sentam no chão, a não ser na rampa.

Outra coisa que não fizemos ali foi desenhar bancos, [...] no entanto criámos ressaltos que permitem as pessoas estarem sentadas, isso no fundo são bancos. Nós não quisemos atribuir desenho nem mobiliário, quisemos atribuir condições. Então o que é que se conclui daqui? A resposta é um bocado esta, nós não procurámos determinar usos mas potencializar esses usos, através de uma relativa indeterminação do desenho mas ao mesmo tempo das qualidades dos materiais de revestimento que estávamos a utilizar; ao mesmo tempo as medidas, se nós fazemos um desnível de 20 cm as pessoas sentam-se com dificuldade, se tiver 40 ou 45 ou 50 ou 60 as pessoas conseguem-se sentar. Portanto foi um pouco essa a estratégia que seguimos, talvez o último tema seja o da vedação que separava anteriormente o espaço militar do espaço público, que teve que continuar a existir por razões de segurança militar, mas que foi desenhado, e se repara no sítio, são painéis de 5 metros com pivô a dois e meio [...] e aquilo pode rodar e ficar tudo na perpendicular e as pessoas podem circular. Uma das determinações de programa que nos foi dada é que a ligação à Praça do Município seria pública, seria conseguida, depois a Câmara opôs-se e não foi conseguido. Um facto é que quando houve esta exposição, durante um fim de semana inteiro aquela porta estava aberta e era possível descer do chiado, atravessar a Praça do Município, atravessar a porta

do arsenal do alfeite da Ribeira das Naus, atravessa-la e vir até ao Tejo, que é no fundo um fluxo muito importante.

IFaria – Mas só nessa ocasião?

JSilva – Só nessa ocasião. O que significa que depende da gestão das circunstâncias, a abertura total daquele espaço, portanto podíamos chegar a um grau qualquer de gestão daquele espaço [...] que por exemplo abrisse aquilo ao fim de semana, totalmente, não é impossível.

IFaria – O espaço tem essa valência. Eu acho que já respondeu a esta questão mas, existe na necessidade da devolução da cidade ao rio? Devolver a frente ribeirinha às pessoas?

JSilva – Possibilitar um melhor contacto entre a cidade e o rio? Sim, existiu essa intenção, era um dos dados do programa, era exactamente potenciar a relação entre a cidade e o rio. E aquilo que nós quisemos fazer foi, através de um elemento que é uma rampa bastante alongada, bastante atípica, fazer fluir não é, qualquer pessoa pode entrar pelo rio dentro. A certa altura essa liberdade causou um espanto, e os burocratas, preocupadas com a questão da segurança, disseram *“isto é um perigo enorme, como é que impedimos que as pessoas caiam ao rio?”* e nós comentámos, como é que nos 14 quilómetros de frente, sei que uma boa parte pertence ao Porto de Lisboa e é controlada, mas como é que nesses 14 quilómetros se faz esse controlo? No Parque das Nações existem nalguns sítios uns guarda-corpos mas não é sempre sequer, portanto essa é uma relação que sempre existiu. Portanto chegam-se a colocar ali boias, não sei se se recorda que aquilo teve ali uns cavaletes e umas boias penduradas, mas as pessoas roubaram as boias e deitaram com os cavaletes para o chão, e portanto aquilo perdeu totalmente essa dimensão. Tal como por exemplo o molhe saliente a certa altura disseram que o regulamento obriga a ter um desnível maior que 40 cm ou podia ter um guarda-corpo de 90 cm ou 1 metro, se colocarmos um banco largo as pessoas podem-se sentar nele, se ele for muito largo as pessoas podem até se apoiar, podem rodar e meter os pés de fora, ou seja, nós podemos desenhar as coisas, o espaço no sentido de criar condições de segurança e etc, mas nós não podemos impedir nem devemos, na minha opinião, de um modo digamos absoluto, querer garantir totalmente as condições de segurança. Por exemplo agora discute-se e está a ser transformado o chão da cidade por causa da mobilidade reduzida e por causa da questão dos invisuais [...], e eu acho bem que se eliminem determinadas barreiras arquitetónicas [...], mais importante do que estarmos a encher os passeios de pavimentos táteis, coisa que acho importante no metro, eventualmente junto à passeadeira [...]. Mas eu pergunto se isso é a forma de desenharmos a cidade no futuro? [...]

Nós ali tivemos alguns cuidados nomeadamente ao nível dos pavimentos, porque sabíamos que sobretudo as pessoas que andam de bicicleta e as que andam com os carrinhos ou cadeiras de rodas sentem mais as vibrações, portanto se reparar bem há zonas onde a calçada foi construída de uma maneira especial. Por exemplo a calçada irregular de basalto geralmente tem uma irregularidade que nós procuramos que não ultrapassasse uma coisa que está nas normas que é, um perfil vazante não ter mais que 5 mm de desnível, uma condição de conforto no pavimento, portanto não deve ter menos nem mais, deve ter alguma rugosidade mas não deve ter muita. Portanto esses 5 mm foram estipulados em relação ao plano rasante, estipulado como diferença máxima. Nós o que fizemos foi, em determinadas zonas da calçada é serrada no topo portanto forma assim uns tapetes absolutamente mais lisos, depois as juntas dão-lhe alguma rugosidade, impedem que se escorregue também o solo liso não é bom. Sabemos isso, sabemos que os desníveis não podiam ser superiores a 2 cm, que é o que se procura fazer nas passeadeiras, nós introduzimos ali um conjunto de formas de construir, preocupações de construção que refletem esta problemática da acessibilidade; é evidente que a rampa nós não podemos fazer com 6% senão íamos parar a meio do rio, não é uma rampa de 6 metros mas é uma rampa de quase 30 e tal metros, não o podíamos fazer, não fazia sentido [...]. O que é que eu quero dizer com isto? Que a forma como as pessoas com determinadas incapacidades usam o espaço público deve ser muito facilitada mas também as pessoas devem usar o espaço, secalhar às vezes era preciso sair da cadeira de rodas e sentar no chão que é uma coisa que não acontece no centro da cidade mas é uma possibilidade. As pessoas que tem dificuldades motoras ou são invisuais não vivem isoladas, às vezes estão isoladas, outras vezes não estão isoladas e muitas vezes não querem estar isoladas. Portanto eu diria que a vida tem que ter um certo grau de normalidade mesmo para aqueles que não tem as mesmas facilidades que nós [...], temos que ter uma visão mais tolerante e mais ágil relativamente aquilo que é a vida no espaço público, o espaço público tem que ser amável, tem que receber as pessoas e ser feito a pensar em todos mas há limites para se conseguir fazê-lo [...]. Se cumpríssemos exatamente os regulamentos nós não tínhamos feito as rampas, quer as de relva quer as outras, no entanto as rampas permitem estar deitado e estar a contemplar o rio, portanto temos que ter limites de tolerância abertos, temos que ser atentos mas abertos.

Nós fomos bastante insultados, pelas pessoas, tivemos cartas absolutamente incríveis, houve uma pessoa que nos mandou uma carta de tal maneira violenta que dizia *“estes arquitetos eu nem um curral para as minhas cabras lhes daria para desenhar”*, isto é dito de uma maneira mais vernácula [...]. A utopia é pensar que todo o espaço tem que ser acessível a todos, o que é impossível manifestamente [...].

IFaria – E entre o projeto e a ocupação, os espaços neste momento são usados como foram imaginados?

JSilva – De um modo geral, sem dúvida, a apropriação foi bastante pensada desta forma, não foi determinada, mas foi sugerida desta forma. É claro que há formas de apropriação que não imaginávamos, e há uma coisa que me incomoda particularmente que é, a noção de existir um equipamento, por exemplo um bar, está associada à existência de música. E nós passámos a ter bandas sonoras na nossa vida, vamos a uma loja temos uma banda sonora, não há loja neste momento, sobretudo lojas de roupa, que não tenha uma banda sonora; e neste momento os espaços de estadia/permanência, esplanadas ou lugares mais aprazíveis, não são lugares silenciosos, tem uma banda sonora. Eu adoro música, faço música, sempre ouvi música mas faz-me muita confusão que o espaço seja povoado e determinado, de uma maneira um bocado até às vezes imposta pelo som, quando por exemplo estar a ouvir a maré a bater, a rebentação a bater, como se isso não fosse interessante ou os barcos a passar ou o vento. [...] Portanto eu não tenho nada contra a música nas esplanadas e acho que realmente isso é ótimo mas ao mesmo tempo fez-me imensa confusão, a certa altura nós tínhamos no passeio um tipo que vendia gelados e não sei o que com uma “*carripana*” que tinha música, mas música alto, então se há coisa que nunca previmos foi que houvesse este tipo de apropriações.

IFaria – Isso talvez tenha a ver com o facto daquele sitio chamar tanta gente.

JSilva – Pois mas quer dizer, uma coisa é haver um concerto, uma performance, outra coisa é permanentemente o espaço parecer que não existe [...], e isso fez-me um bocado de confusão.

IFaria – Pelo que observei até agora este espaço cria muitos trajetos de transição mas também espaços de estar e encontro, isso foi pensado nesse sentido, certo?

JSilva – No desenho do espaço público, pelo menos na cultura que existe na arquitetura paisagista de fazer espaço público, há sempre dois grandes temas funcionais quase opostos que é a permanência/estadia e a circulação, são duas grandes categorias de utilização do espaço. Nós pensámos em primeiro lugar no fluxo, os fluxos são direcionados e sabemos quais são os fluxos mais importantes, são aqueles paralelos ao rio. Por isso desenharam-se percursos que são mais ou menos lineares, desenharam-se os pavimentos mais lisos, [...] sabendo nós que depois havia fluxos de mudança de direção, sobretudo para passar de um lado para o outro para isso é que se usaram as passadeiras, não porque nós desejássemos muito mas porque era impossível ter um espaço onde não existia essa marcação, portanto

fizémo-lo com um certo ritmo. Em relação à permanência ou estadia ela foi, volto a repetir, bastante induzida ou pelas características das superfícies, já falámos um pouco sobre isso, ou pela construção de elementos de definição do espaço, limites de planos, desníveis e etc, que formam no fundo as permanências. O banco circular dentro do banco quadrado que é o pontão, aquele banco com 350 metros de comprimento virado ao rio, [...] a rampa de relva que faz aquela fossa antes dos limites, depois tem aquele plano de relva à altura dos limites, visualmente nós não vemos os limites mas temos sempre esse limite conseguido. Portanto a permanência e a circulação são assim os grandes temas que foram tratados, não sabendo nós, mas antecipando que o círculo iria introduzir uma esplanada mais tarde ou mais cedo. O quiosque foi uma coisa que a certa altura nos foi pedido para desenhar e de repente apareceu lá um quiosque [...].

IFaria – Ou seja, o quiosque estava não previsto!?

JSilva – Estava a prevista a localização de um quiosque que nos foi pedido para desenhar e de repente apareceu lá um quiosque, enfim, não tem propriamente a ver com aquele espaço, a linguagem não é propriamente brilhante apesar de ter sido desenhado por um arquiteto [...], reproduzem uma linguagem do início do século, se for ver os quiosques antigos são fabulosos [...]. O que me faz mais confusão naquele quiosque é mais a sua linguagem, de resto nós estávamos a prever fazer ali um quiosque, até já tínhamos tido incumbência de o fazer e de repente surge lá um. Portanto nós estávamos à espera do quiosque, estava programado, sabíamos que era ali, daí aquela situação toda apelava a isso.

IFaria – E tudo se realizou ou ficaram algumas intenções pelo caminho?

JSilva – Na maioria está realizado o projeto. Há uma questão que não está ainda resolvida que se prende com a guarita de controlo de acesso à unidade militar, ainda lá está a construção feita no tempo do Duarte Pacheco, uma guarita assim com uma laje saliente, uma pala. Aquela guarita já devia ter sido demolida, nós construímos uma outra guarita embutida no volume das rampas, se reparar bem está lá a guarita, está lá o encaminhamento, está até um torniquete para ser poder fazer o controlo das entradas, todo o sistema está feito [...]. Portanto está toda feita a guarita mas ainda não foi desmantelada aquela e falta executar isso. Algumas coisas que agora provavelmente vão ter que ser executadas, na fase e obra a própria câmara decidiu que não se deviam executar, mas tem a ver com aspetos técnicos por exemplo vai ter que ser construída uma caixa a meio do passadiço de madeira que permite o controlo e o acesso a uma câmara de passagem da água [...], isso está a por em causa um bocadinho a renovação de água na doca, ela está bastante entupida e esse órgão servia exatamente para facilitar esse trabalho de manutenção. Em geral foi quase tudo realizado.

IFaria – Estava-me a falar agora dessa parte da ponte ...

JSilva – Aquilo não é uma ponte, era para ser uma ponte, nós projetámos uma ponte e chegámos a ensaiar uma ponte com dois apoios e um pilar ao centro. [...] Essa ponte foi desenhada por um engenheiro da nossa equipa, ensaiou-se que o pilar estaria a 1 metro da galeria do metropolitano que passa exatamente ali por baixo, e depois a EPAL que tinha aprovado o projeto resolveu dizer que não tinha aprovado o projeto [...]. Nós fizemos uma coisa que no fundo não é uma ponte, que é, construímos dois muros paralelos recuados em relação a largura do tabuleiro e fizémos o pavimento que tem o tabuleiro saliente que induz à ideia de uma ponte, nós fizémos em madeira justamente para diferenciar o que são os pavimentos do lado da Ribeira das Naus e os pavimentos da Praça do Comércio, aquilo dá a sensação que estamos numa passagem com água de um lado e água do outro.

IFaria – Mas o pavimento foi alterado não foi?

JSilva – Foi. O pavimento inicial era em madeira estrutural, aço, existiam uma série de cutelas de aço [...] que fazia uma certa proteção à madeira em relação ao rolar dos carros e que fazia daí um certo atrito. [...] Isso foi estudado e mais uma vez durante a execução, a câmara que fez o controlo da obra, decidiu não executar exatamente o que estava previsto em projeto [...]. O que foi acontecendo foi que foi ganhando um espaço entre a madeira e o aço, portanto cada vez que passava um carro havia a vibração que batia, portanto aquilo começou a produzir um ruído muito forte e decidiu-se de imediato eliminar isso [...]. Decidiu-se fazer um pavimento diferenciado, liso, que assinala a passagem mas não é nenhuma coisa, tenho uma certa pena que isso não tenha sido bem feito.

IFaria – Na sua opinião, o projeto foi bem conseguido? Hoje mudaria alguma coisa?

JSilva – Eu acho que o projeto foi bastante bem aceite pelas pessoas, e isso é talvez a coisa que mais nos satisfaz, de facto aquilo está permanente vivido, já lá tenho ocorrido a manifestações muito diferenciadas, já lá houve muitas coisas, festas, jogos, exposições, uma missa enorme realizada naquelas rampas. [...] Isso é um sinal de sucesso, portanto estamos muito contentes com isso e as pessoas gostam, para além daquelas que nos chamaram de incompetentes mas poucas pessoas que ficaram muito zangadas, mas as pessoas estão sempre zangadas com tudo. Para além disso acho que foi de facto um grande sucesso. Há uma coisa um bocadinho estranha que é, para nós, a maior parte dos nossos colegas portanto nós somos sempre avaliados por um público em geral e pelos nossos colegas, a maior parte dos nossos colegas gostam e disseram-nos isso. Tivemos muitos sinais, quando falo de colegas não falo só de portugueses, também e sobretudo estrangeiros, nós temos feito muitas

visitas guiadas a grupos de arquitetos, arquitetos paisagistas que têm vindo a Lisboa e que querem ver aquela obra, temos feito bastantes visitas de estudo, visitas guiadas [...]. Estranhamente nós sentimos que nunca tivemos da parte da crítica em Portugal qualquer manifestação, nunca se escreveu um artigo critico sobre aquele espaço, mais ainda nós nunca conseguimos que se candidatasse aquela obra a nenhuns prémios que reconhece a arquitetura em Portugal, por razões várias isso foi-nos negado. E isso deixou-nos bastante tristes porque sentimos que as pessoas em geral gostam bastante, os nossos colegas arquitetos, arquitetos paisagistas também, você está aqui por algum motivo, há algum interesse da academia; portanto é estranho como é que uma das obras que tenha tido mais impacto na vida pública da cidade na ultima década não consiga sequer sujeitar-se a um júri, isso é muito estranho, [...] o que é facto é que isso foi negado pelos promotores, com argumentos completamente burocráticos e portanto isso é talvez a única coisa que nos entristece porque arriscamos um pouco a que daqui a uns anos não haja qualquer sinal sobre esta obra [...]. Temos a satisfação de perceber que em geral o público gosta de utilizar o espaço, e que em geral os nossos colegas apreciam aquele trabalho [...].

IFaria – Bom eu acho que não tenho mais perguntas a acrescentar, porque acho que já respondeu a tudo, mesmo eu não tendo feito as perguntas, consegui responder a todas elas. Só me resta agradecer-lhe.⁴

⁴ A entrevista foi, em algumas partes, segmentada devido à sua grande extensão. As partes que foram excluídas são repetições de assuntos já explícitos na transcrição da entrevista ou pormenores supérfluos que não são extremamente relevantes ao desenvolvimento da dissertação.

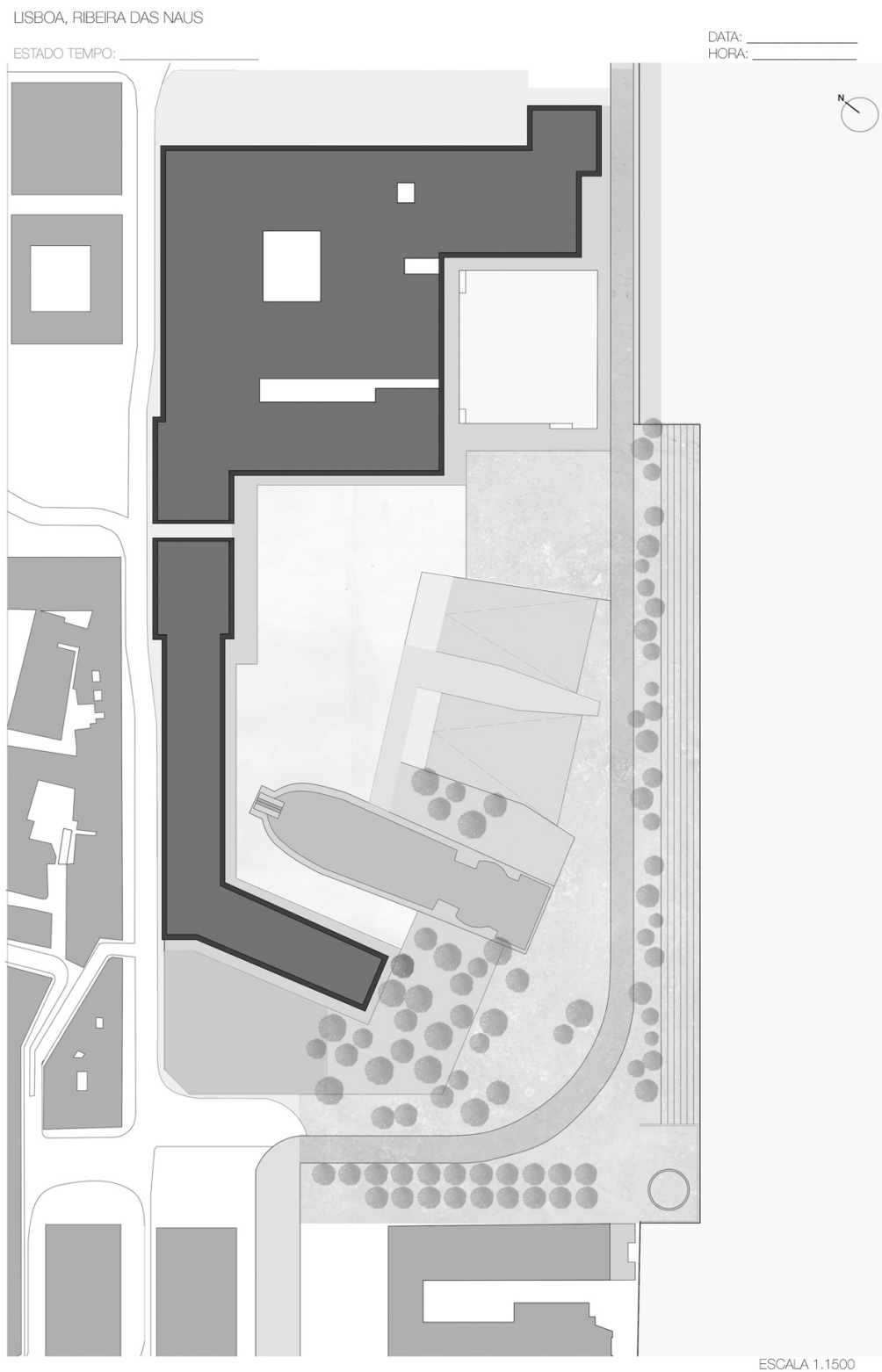
Apêndice 2 – Planta geral de Implantação



(Lisboa, Julho de 2016. Adaptado pela Autora, Julho de 2016)

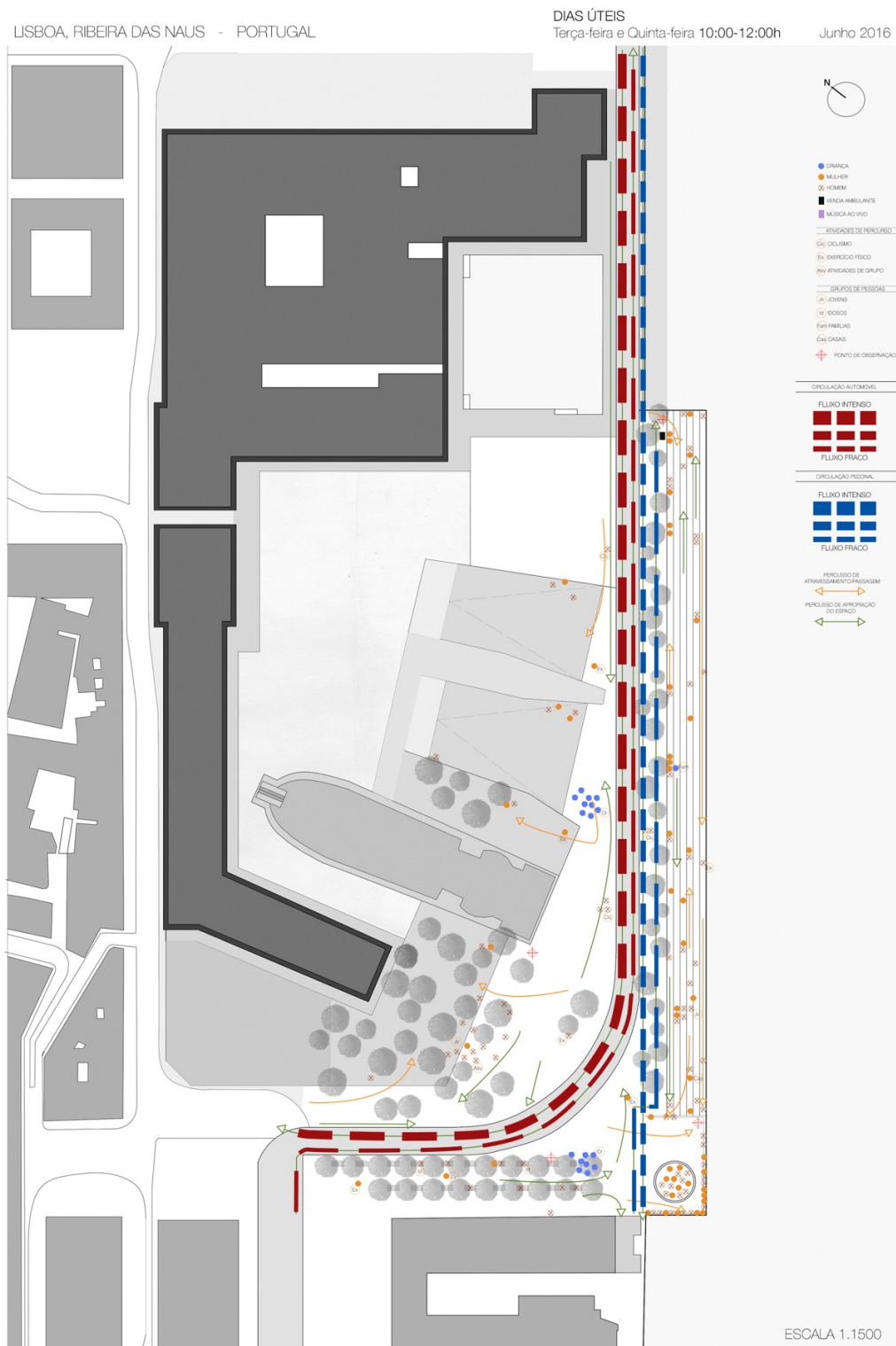
Apêndice 3 – Plantas de vivências e apropriação do espaço

3.1. Planta base

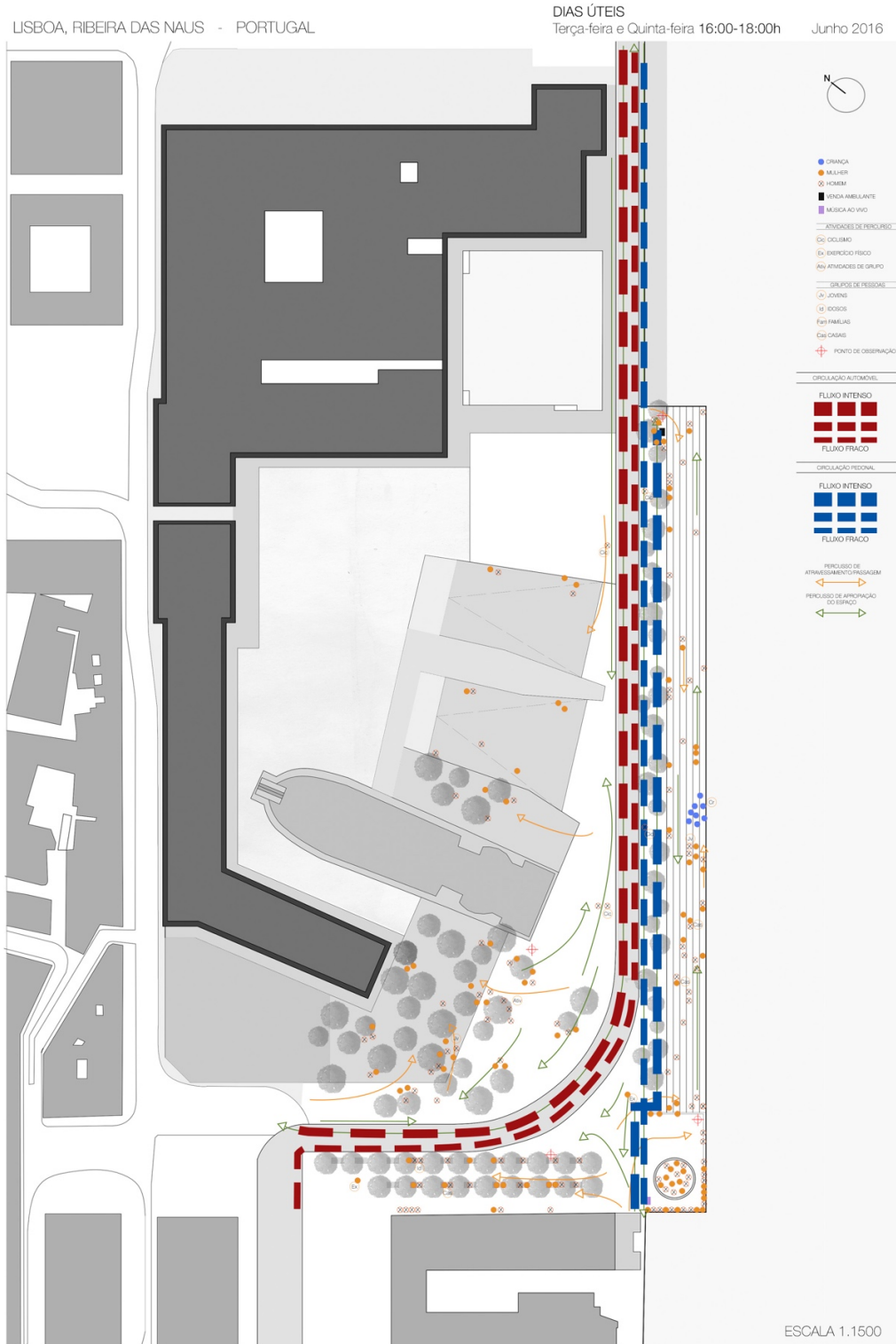


3.2. Fase de análise – Plantas síntese

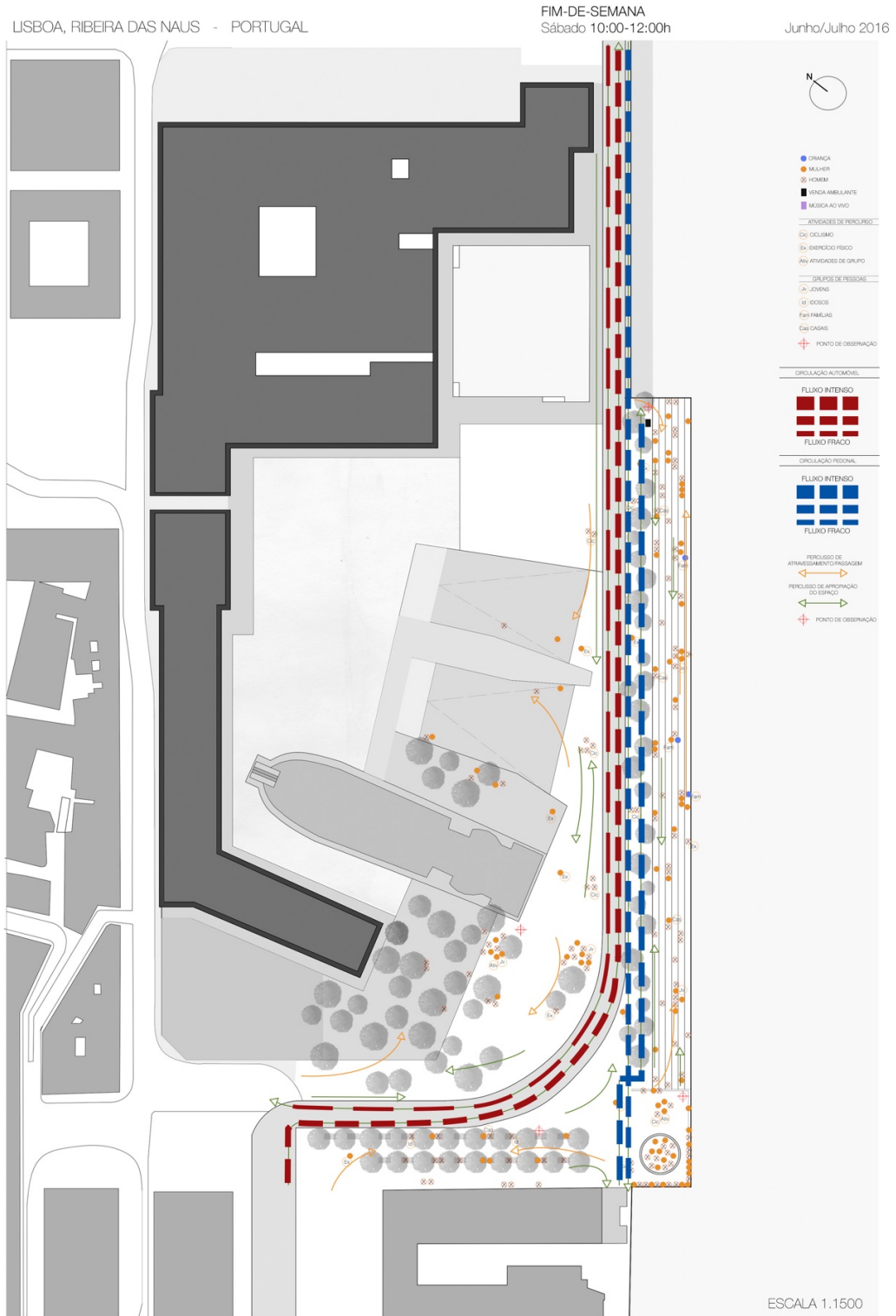
Síntese de Percursos e Atividades. Dia Útil – Manhã | 10:00h-12:00h



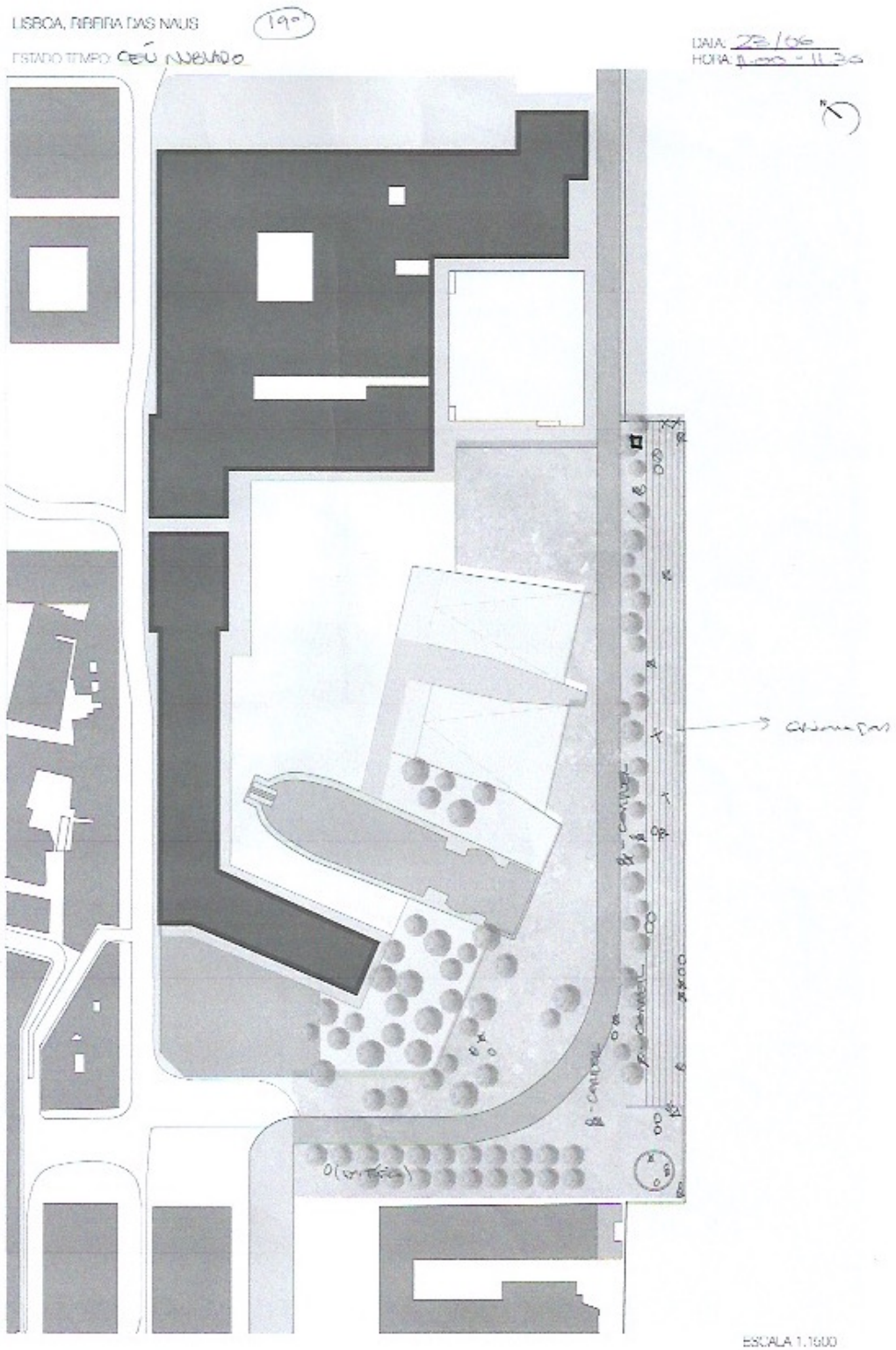
Síntese de Percursos e Atividades. Dia Útil – Tarde | 16:00h-18:00h

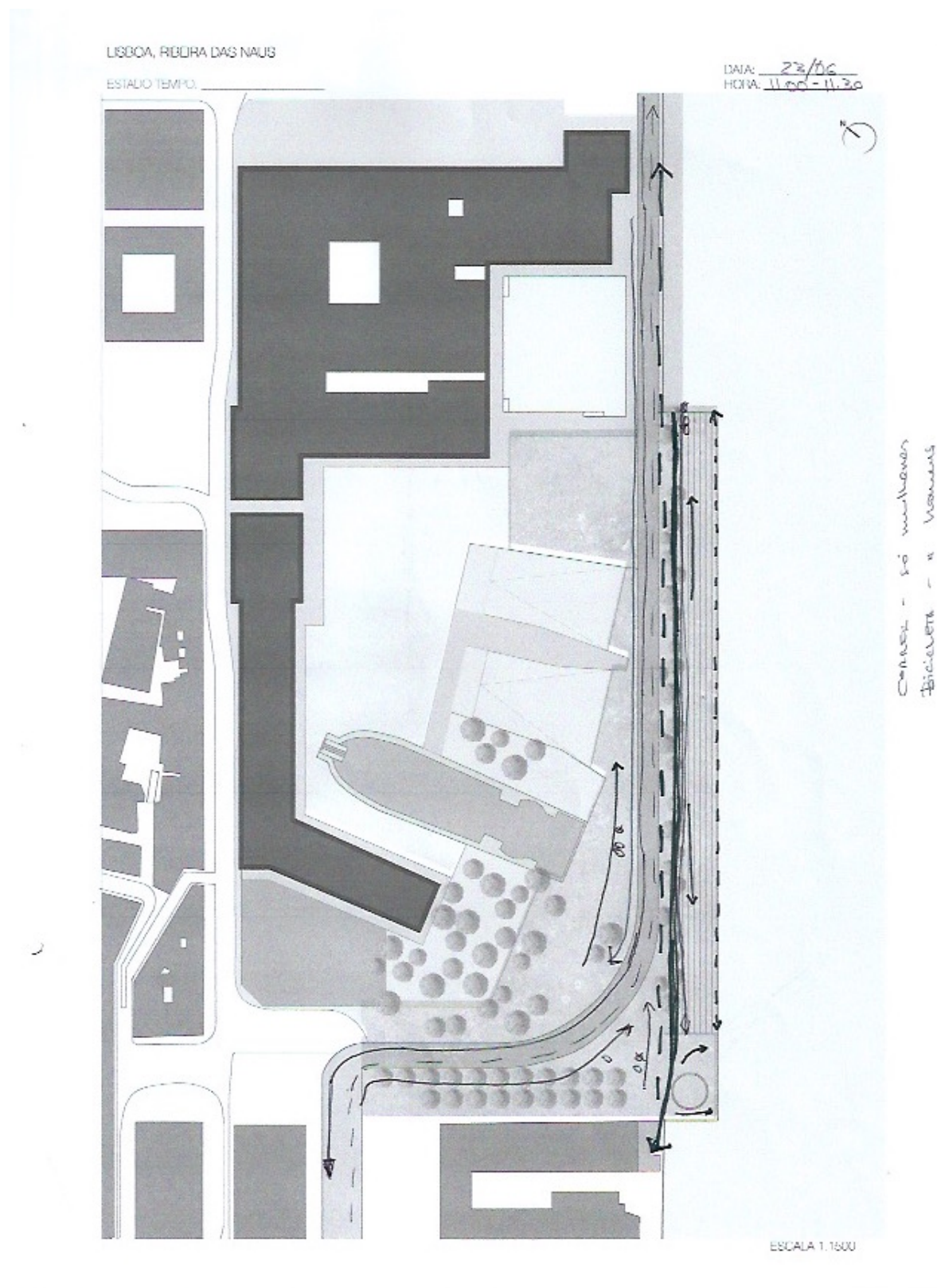


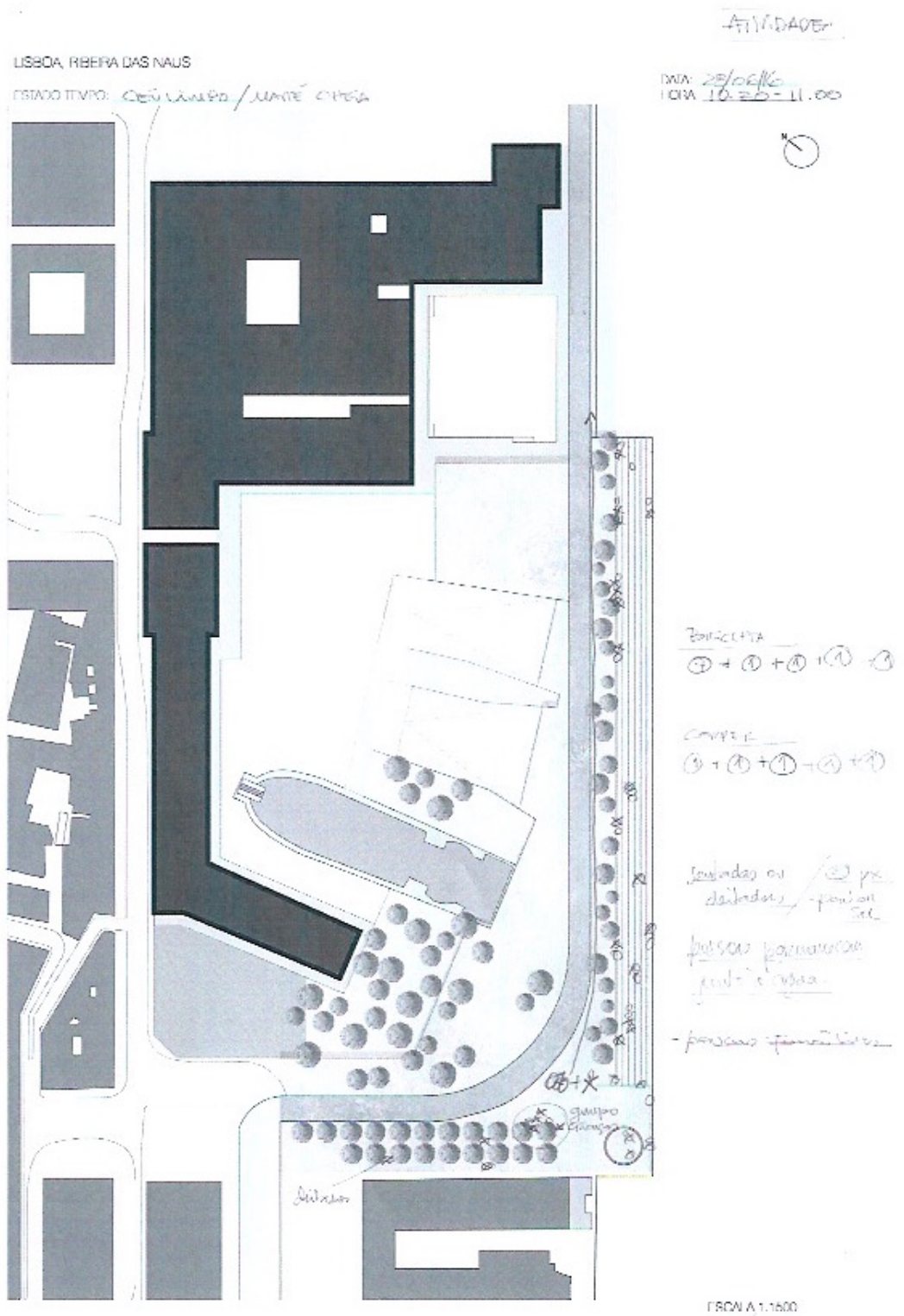
Síntese de Percursos e Atividades. Fim-de-Semana – Manhã | 10:00h-12:00h

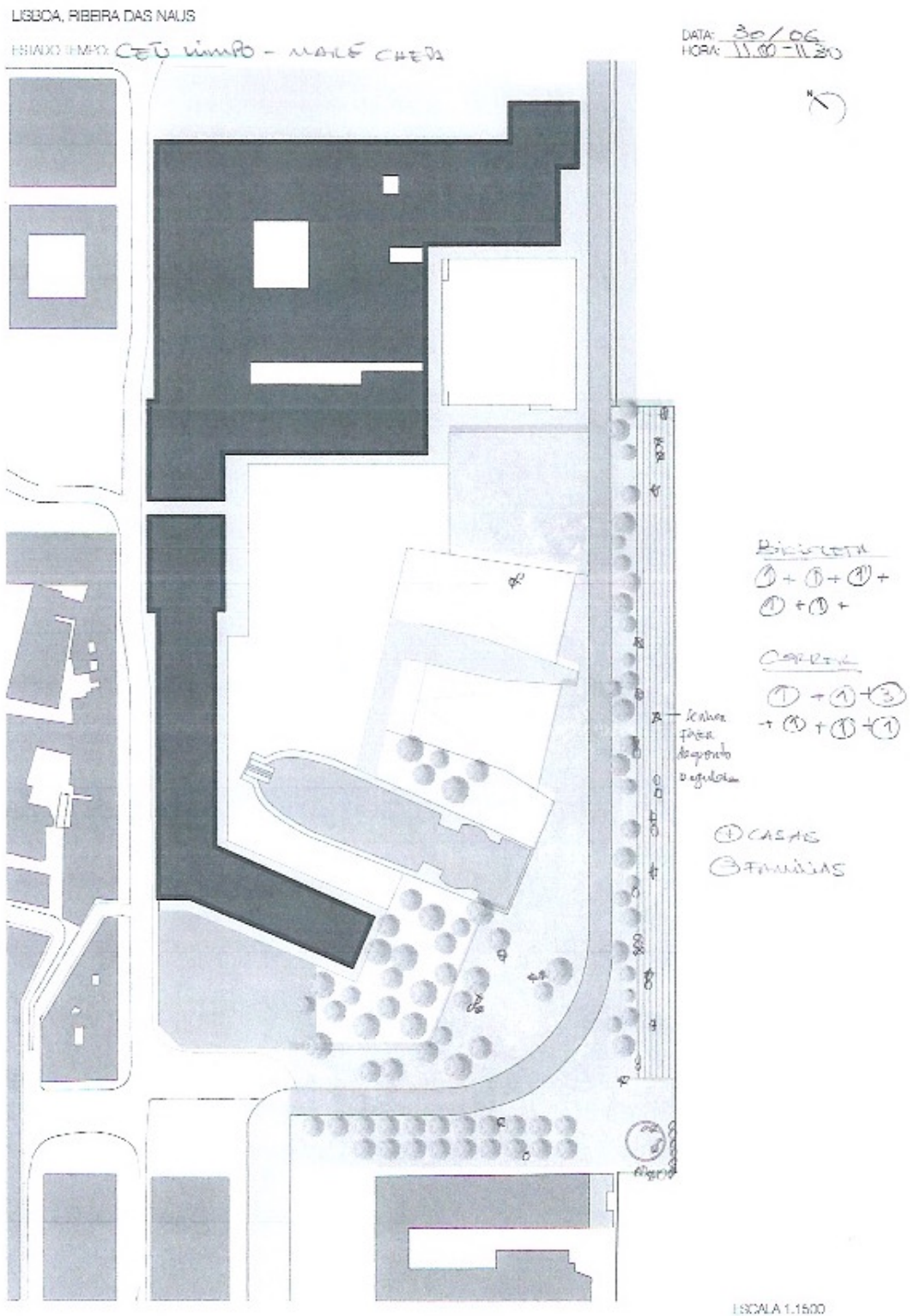


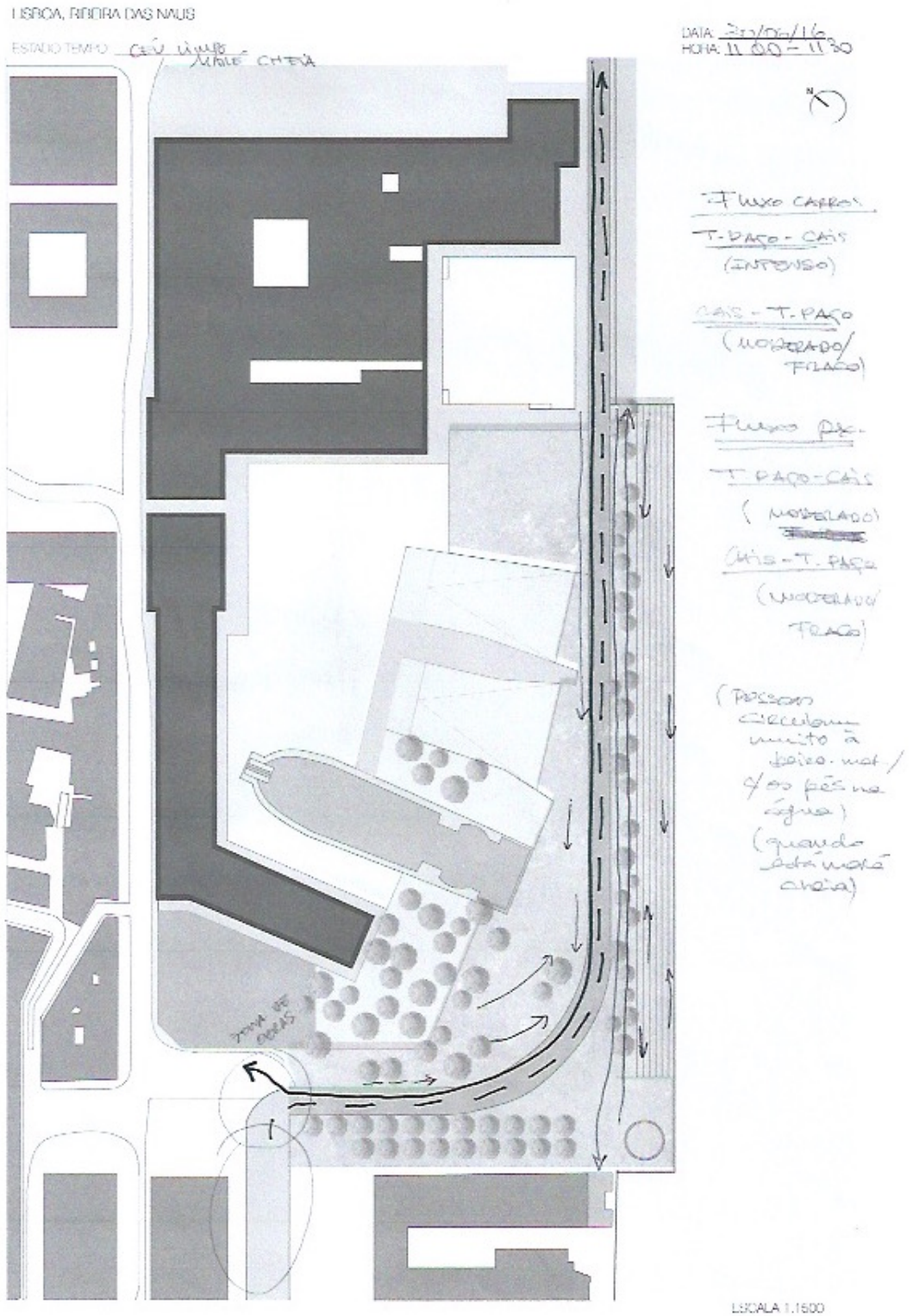
3.3. Fase de análise – Plantas diárias dos Dias Uteis (período da Manhã)



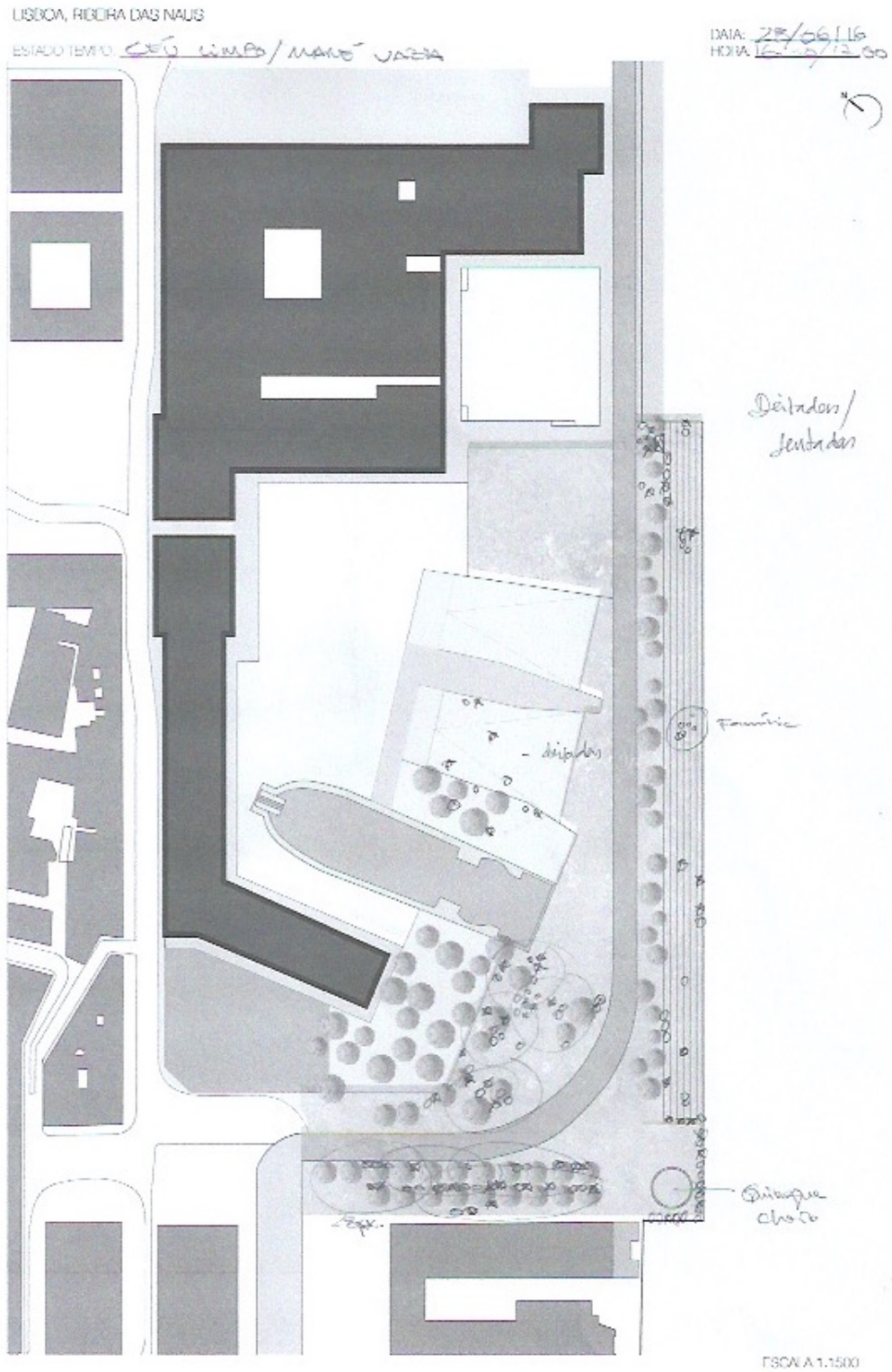


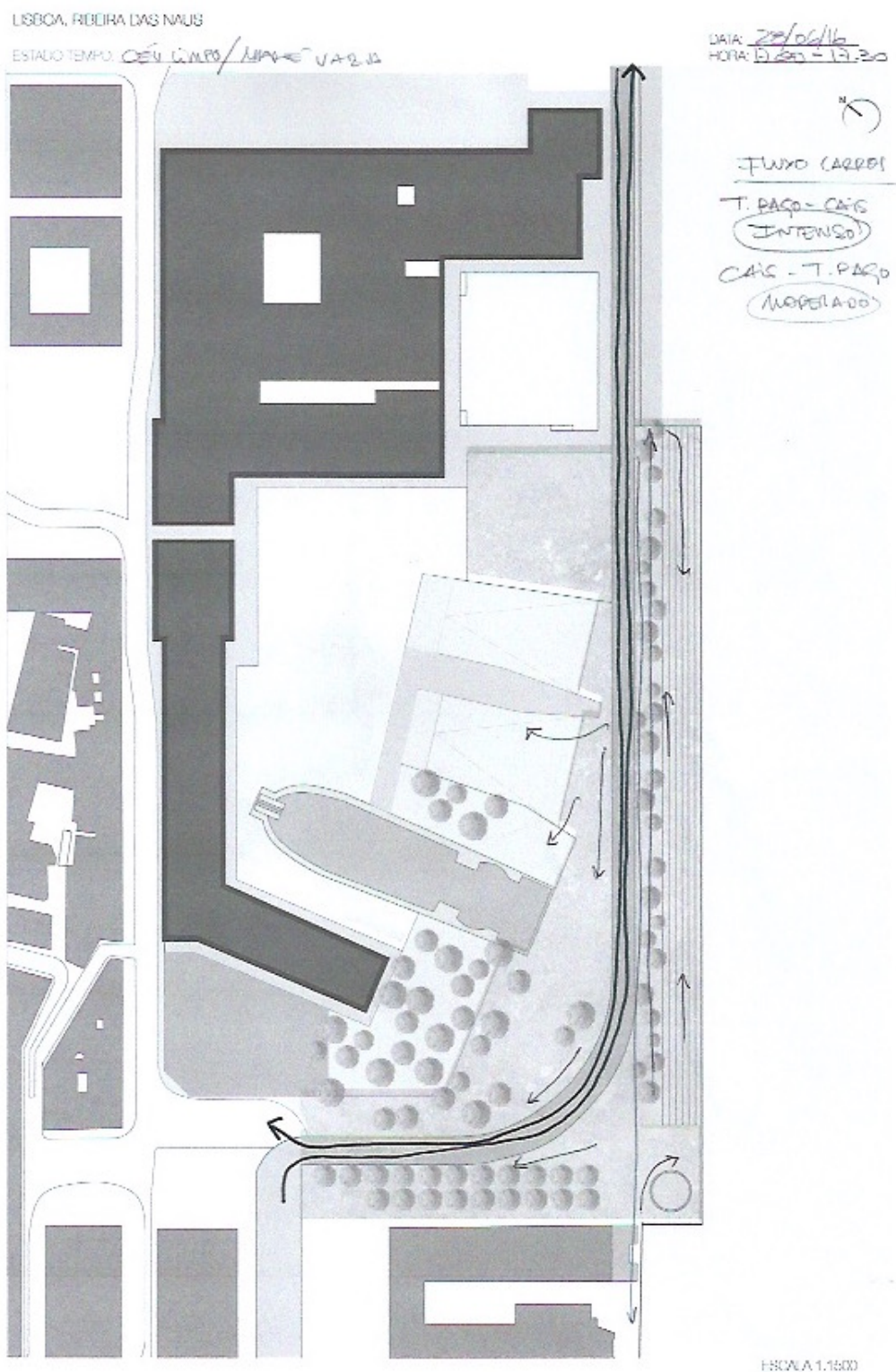


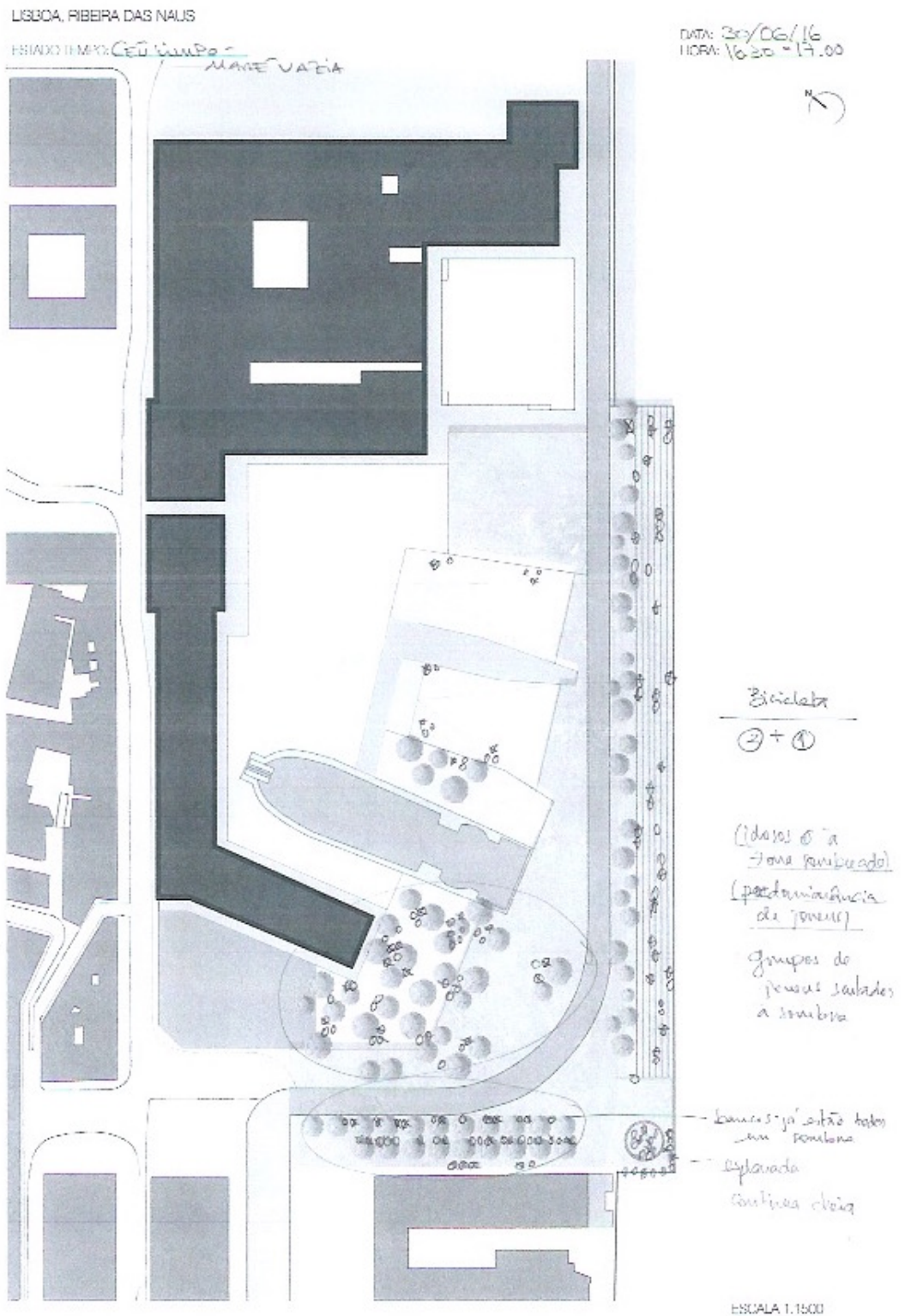


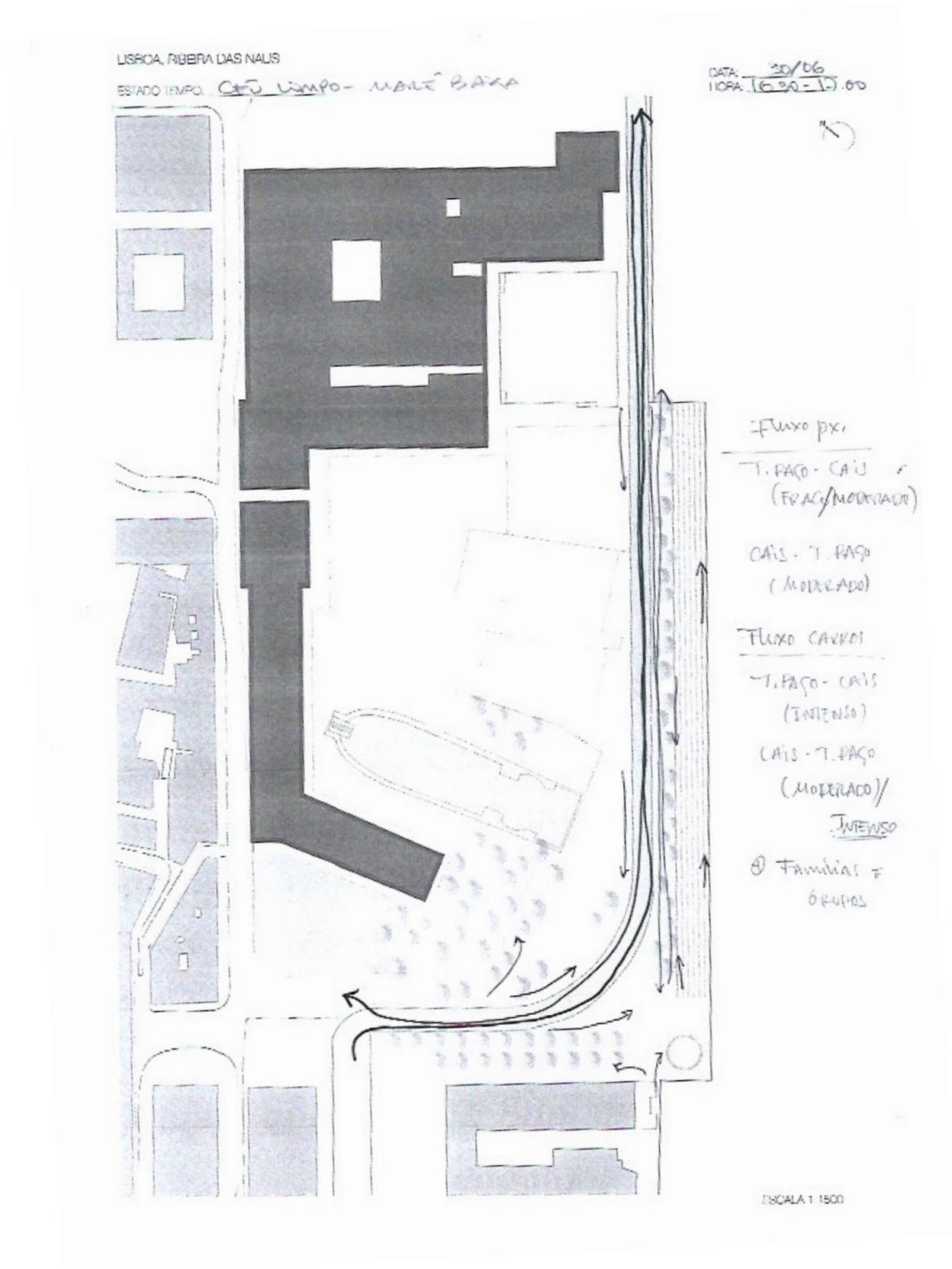


3.4. Fase de análise – Plantas diárias dos Dias Uteis (período da Tarde)

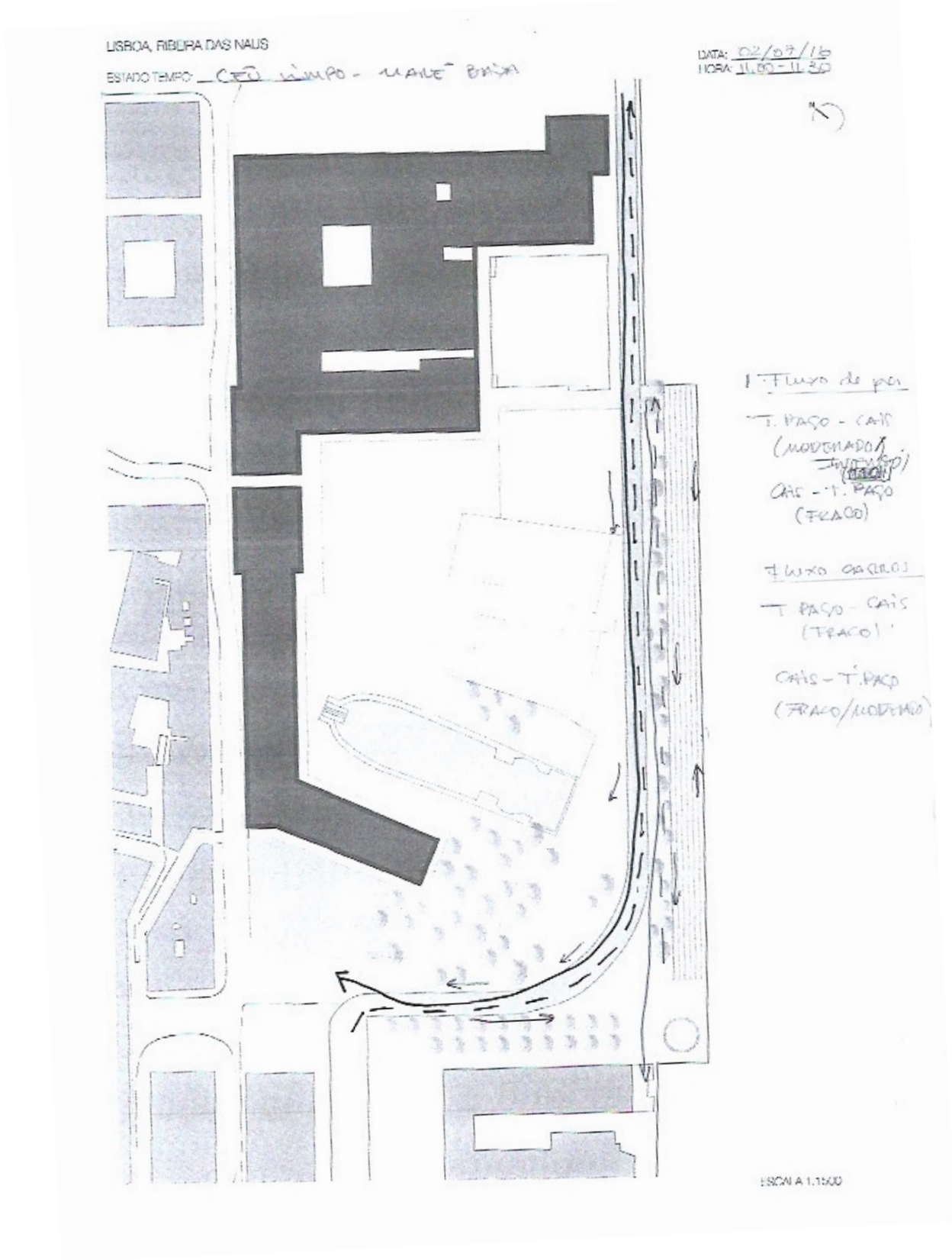


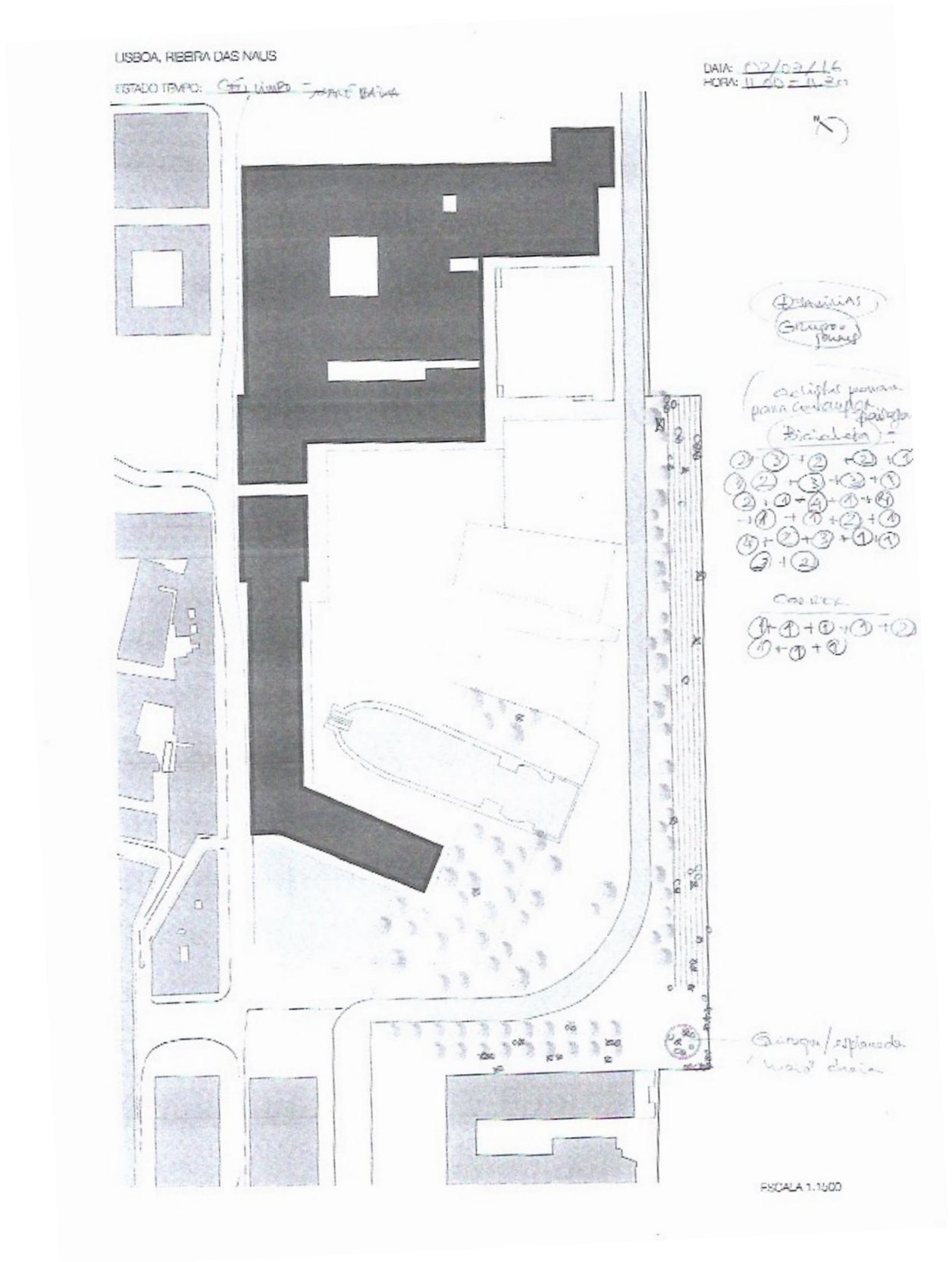






3.5. Fase de análise – Plantas diárias dos Fim-de-Semana (período da Manhã)





Apêndice 4 – Inquérito aos utilizadores do espaço

4.1. Base dos inquéritos (versão portuguesa)

INQUÉRITO

DATA: _____

NOME: _____

IDADE: _____ SEXO: FEMINIO MASCULINO

NACIONALIDADE: _____ PROFISSÃO: _____

1. Reside no concelho de Lisboa?

Sim (Em caso positivo indique onde) Não (Em caso negativo indique onde)

2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus? SIM / NÃO

3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, qual a frequência?

Diária Mensal
 Semanal Ocasional
 Outra _____

3.2. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, quais os motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

Proximidade habitação /trabalho / escola Acessos pedonais/viários
 Proximidade Cais do Sodré / Baixa Espaços verdes
 Outros

3.3. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus? (pergunta aberta)

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Caminhar | <input type="checkbox"/> Fazer desporto |
| <input type="checkbox"/> Conversar | <input type="checkbox"/> Assistir / participar em eventos |
| <input type="checkbox"/> Passear | <input type="checkbox"/> Estar na esplanada |
| <input type="checkbox"/> Contemplar a paisagem | <input type="checkbox"/> Sentar nos bancos / degraus |
| <input type="checkbox"/> Descansar/dormir | <input type="checkbox"/> Sentar / deitar na relva |
| <input type="checkbox"/> Reunir com colegas / amigos / familiares | <input type="checkbox"/> Apanhar sol |
| <input type="checkbox"/> Tirar fotografias | <input type="checkbox"/> Falar ao telemóvel |

3.4. Se respondeu “NÃO” à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

4. Identifica-se com a Ribeira das Naus? SIM / NÃO

4.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

- | | | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Mau | Razoável | Bom | Muito bom | Excelente |

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação? SIM / NÃO

6.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes / importantes?

7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda “SIM” ou “NÃO” a cada elemento.

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Espaços pedonais | <input type="checkbox"/> Espaços comerciais / refeição |
| <input type="checkbox"/> Ciclovia | <input type="checkbox"/> Mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) |
| <input type="checkbox"/> Estrada | <input type="checkbox"/> Árvores |
| <input type="checkbox"/> Água | <input type="checkbox"/> Zona de relvado |
| <input type="checkbox"/> Bom tempo | <input type="checkbox"/> Docas secas |

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

- | <i>Quantidade</i> | <i>Utilidade/Adequação</i> |
|---------------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Insuficiente | <input type="checkbox"/> Sim |
| <input type="checkbox"/> Suficiente | <input type="checkbox"/> Não |
| <input type="checkbox"/> Excessiva | |

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus? SIM / NÃO

9.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 9, refira o que melhoraria neste espaço.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximos da Ribeira das Naus?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicos que utiliza nas proximidades?

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

- a. _____
- b. _____
- c. _____

Obrigado pela sua colaboração!

4.2. Base dos inquéritos (versão inglesa)

INQUÉRITO/INQUIRY (english version)

DATE: _____

NAME: _____

AGE: _____ SEX: FEMALE MALE

NATIONALITY: _____ JOB/PROFESSION: _____

1. Lives in Lisbon?

Yes (in positive answer indicate where) No (in negative answer indicate where)

2. Lives near Ribeira das Naus? YES / NO

3. Usually go to Ribeira das Naus? YES / NO

3.1. If the answer was "YES" to the question 3, what's the frequency?

Diary Monthly
 Weekly Occasional
 Another _____

3.2. If the answer was "YES" to the question 3, what reasons/motives that lead him to attend the Ribeira das Naus?

Proximity of house / work / school / university Pedonal and road access
 Proximity of Cais do Sodré / Baixa Green spaces
 Another

3.3. If the answer was “YES” to the question 3, which activities you usually practice in Ribeira das Naus? (open question)

- Walk
- Talk
- Read a book
- Another answer

3.4. If the answer was “NO” to the question 3, give reasons/motives for not attending the space.

4. You appreciate the Ribeira das Naus? YES / NO

4.1. If the answer was “YES” to the question 4, which zone you like more?

5. What you think about the requalification made by city hall Lisbon?

- Bad Reasonable Good Very good Excellent

6. Did you use this space before the requalification? YES / NO

6.1. If the answer was “YES” to the question 6, mention which were the most obvious/major changes.

7. For you which of these elements are essential in space? Answer "YES" or "NO"

for each element.

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Pedonal spaces | <input type="checkbox"/> Commercial spaces |
| <input type="checkbox"/> Bike lane | <input type="checkbox"/> Urban furniture (benches, chairs, stairs) |
| <input type="checkbox"/> Road | <input type="checkbox"/> Trees |
| <input type="checkbox"/> Water | <input type="checkbox"/> Green spaces |
| <input type="checkbox"/> Good weather | <input type="checkbox"/> Dry docks |

8. Rate the street furniture (benches, chairs, stairs) existing on site.

Amount

Utility

- | | |
|---------------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Unsatisfying | <input type="checkbox"/> Yes |
| <input type="checkbox"/> Sufficient | <input type="checkbox"/> No |
| <input type="checkbox"/> Excessive | |

9. Would you like to see something improved in the space? YES / NO

9.1. If the answer was "YES" to the question 9, mention what would improve this space.

10. You visit more squares/urban gardens near to Ribeira das Naus? YES / NO

10.1. If the answer was "YES" to the question 10, which are the squares/urban gardens that you use?

11. Characterize in 3 words the Ribeira das Naus.

- a. _____
- b. _____
- c. _____

Thanks for your collaboration!

4.3. Inquéritos realizados (seis exemplos preenchidos)

Inquérito 01 – versão portuguesa

INQUÉRITO

DATA: 23/06/16

NOME: MANIA MARCOS
 IDADE: 70 SEXO: FEMININO MASCULINO
 NACIONALIDADE: PORT. PROFISSÃO: RETOINADA

1. Reside no concelho de Lisboa?

Sim (Em caso positivo indique onde) Não (Em caso negativo indique onde)

SI. MARIA MAIOR

2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus? SIM NÃO

3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus? SIM NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a frequência?

Diária Mensal
 Semanal Ocasional
 Outra _____

3.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, quais os motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

Proximidade habitação / trabalho / escola Acessos pedonais/viários
 Proximidade Cais de Sodré / Baixa Espaços verdes
 Outras

sentença meu passeio.

3.3. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus? (pergunta aberta)

Caminhar Fazer desporto
 Conversar Assistir / participar em eventos
 Passear Estar na esplanada
 Contemplar a paisagem Sentar nos bancos / dogueus
 Descansar/dormir Sentar / deitar na relva
 Reunir com colegas / amigos / familiares Aparhar sol
 Tirar fotografias Falar ao telemóvel

3.4. Se respondeu "NÃO" à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

4. Identifica-se com a Ribeira das Naus? SIM NÃO

4.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

TODAS.

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

Mau Razoável Bom Muito bom Excelente

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação? SIM NÃO

6.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes / importantes?

EXTENÇÃO DE BETONS JUNTO AO RIO.

7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda "SIM" ou "NÃO" a cada elemento.

<input checked="" type="checkbox"/> Espaços peonais	<input checked="" type="checkbox"/> Espaços comerciais / refeição
<input checked="" type="checkbox"/> Ciclovia	<input checked="" type="checkbox"/> Mobiliário urbano (bancos, cadeiras, cegueiros)
<input checked="" type="checkbox"/> Estrada	<input checked="" type="checkbox"/> Árvores
<input checked="" type="checkbox"/> Água	<input checked="" type="checkbox"/> Zona de relvado
<input checked="" type="checkbox"/> Bom tempo	<input checked="" type="checkbox"/> Docas secas

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

Quantidade	Utilidade/Adequação
<input checked="" type="checkbox"/> Insuficiente	<input checked="" type="checkbox"/> Sim
<input type="checkbox"/> Suficiente	<input type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Excessiva	

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus? SIM / NÃO

9.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 9, refira o que melhoraria neste espaço.

NAUS DEORNAS. MAIOR LIMPEZA.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximos da Ribeira das Naus?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicos que utiliza nas proximidades?

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

a. BONITO

b. NATURAL

c. AGRADÁVEL

Obrigado pela sua colaboração!

Inquérito 02 – versão portuguesa

INQUÉRITO

DATA: 28/06

NOME: TELESA JAMES

IDADE: 56 SEXO: FEMINO MASCULINO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA PROFISSÃO: COZINHEIRA

1. Reside no concelho de Lisboa?

Sim (Em caso positivo indique onde) Não (Em caso negativo indique onde)

HOJE SÃO JOSÉ

2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus? SIM NÃO

3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus? SIM NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a frequência?

- Diária Mensal
 Semanal Ocasional
 Outra _____

3.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, quais as motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

- Proximidade habitação/trabalho/ escola Acessos pedonais/ciclistas
 Proximidade Cais do Sodré / Baixa Espaços verdes
 Outros

Água

3.3. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus? (pergunta aberta)

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Caminhar | <input checked="" type="checkbox"/> Fazer desporto |
| <input type="checkbox"/> Conversar | <input type="checkbox"/> Assistir e participar em eventos |
| <input type="checkbox"/> Passear | <input type="checkbox"/> Estar na esplanada |
| <input type="checkbox"/> Contemplar a paisagem | <input type="checkbox"/> Sentar nos bancos / degraus |
| <input type="checkbox"/> Descansar/relaxar | <input type="checkbox"/> Sentar / deitar no relva |
| <input type="checkbox"/> Reunir com colegas / amigos / familiares | <input type="checkbox"/> Apanhar sol |
| <input type="checkbox"/> Tirar fotografias | <input type="checkbox"/> Fazer telemóvel |

3.4. Se respondeu "NÃO" à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

4. Identifica-se com a Ribeira das Naus? SIM NÃO

4.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

ZONA VERDES / ÁGUA

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

- Mau Razoável Bom Muito bom Excelente

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação? SIM NÃO

6.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes / importantes?

DECISÃO JUNTO AO RIO; TIRAR O SOL; BANCOS; ZONA DE PESCA

7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda "SIM" ou "NÃO" a cada elemento.

<input checked="" type="checkbox"/> Espaços pedonais	<input checked="" type="checkbox"/> Espaços comerciais / refeições
<input checked="" type="checkbox"/> Ciclovia	<input checked="" type="checkbox"/> Mobilidade urbana (bancos, cadeiras, degraus)
<input checked="" type="checkbox"/> Estrada	<input checked="" type="checkbox"/> Árvores
<input checked="" type="checkbox"/> Água	<input checked="" type="checkbox"/> Zona de relvado
<input checked="" type="checkbox"/> Bom tempo	<input checked="" type="checkbox"/> Ocasões secas

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

Quantidade	Utilidade/Adequação
<input checked="" type="checkbox"/> Insuficiente	<input type="checkbox"/> Sim
<input type="checkbox"/> Suficiente	<input checked="" type="checkbox"/> Não
<input type="checkbox"/> Excessiva	

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus? SIM / NÃO

9.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 9, refira a que melhoraria neste espaço.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximas da Ribeira das Naus?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicos que utiliza nas proximidades?

JARDIM DA ESTRADA

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

a. EDUICAO (ALZ TUDO)

b. LUZ

c. VERDE

Obrigado pela sua colaboração!

Inquérito 03 – versão portuguesa

INQUÉRITO

DATA: 30/06

NOME: Diogo B.
 IDADE: 23 SEXO: FEMININO MASCULINO
 NACIONALIDADE: PORTUGUESA PROFISSÃO: ESTUDANTE

1. Reside no concelho de Lisboa?
 Sim (Em caso positivo indique onde) Não (Em caso negativo indique onde): MAFRA

2. Reside nas proximidades da Ribeira das Naus? SIM NÃO

3. Costuma frequentar a Ribeira das Naus? SIM NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a frequência?

Diária Mensal
 Semanal Ocasional
 Outra _____

3.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, quais os motivos ou razões que o levam a frequentar a Ribeira das Naus?

Proximidade habitação / trabalho / escola Acessos pecuniários / MTT
 Proximidade Calçada Sodré / Baixa Espaços verdes
 Outras _____

3.3. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, que atividades costuma praticar na Ribeira das Naus? (pergunta a 3.3)

<input checked="" type="checkbox"/> Caminhar	<input type="checkbox"/> Fazer desporto
<input checked="" type="checkbox"/> Conversar	<input type="checkbox"/> Assistir / participar em eventos
<input checked="" type="checkbox"/> Passear	<input checked="" type="checkbox"/> Escutar música
<input checked="" type="checkbox"/> Contemplar a paisagem	<input checked="" type="checkbox"/> Sentar nos bancos / degraus
<input type="checkbox"/> Descansar / dormir	<input type="checkbox"/> Sentar / deitar na relva
<input type="checkbox"/> Reunir com colegas / amigos / familiares	<input type="checkbox"/> Apanhar sol
<input type="checkbox"/> Tirar fotografias	<input type="checkbox"/> Falar no telemóvel

3.4. Se respondeu "NÃO" à pergunta 3, refira as razões ou motivos pelos quais não frequenta a praça.

4. Identifica-se com a Ribeira das Naus? SIM NÃO

4.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 4, refira qual a zona que mais gosta.

A zona junto ao rio; rampas onde se pode sentar

5. O que pensa da requalificação deste espaço efetuada pela Câmara Municipal de Lisboa?

Mau Razoável Bom Muito bom Excelente

6. Utilizava este espaço antes da sua requalificação? SIM NÃO

6.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 6, refira quais foram as alterações mais evidentes / importantes?



7. Para si qual destes elementos é imprescindível no espaço? Responda "SIM" ou

"NÃO" a cada elemento.

- | | |
|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Espaços pedonais | <input checked="" type="checkbox"/> Espaços comerciais e recreação |
| <input checked="" type="checkbox"/> Ciclovias | <input checked="" type="checkbox"/> Mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) |
| <input checked="" type="checkbox"/> Estrada | <input checked="" type="checkbox"/> Árvores |
| <input checked="" type="checkbox"/> Água | <input checked="" type="checkbox"/> Zona de relvado |
| <input checked="" type="checkbox"/> Bom tempo | <input checked="" type="checkbox"/> Juncos secos |

8. Classifique o mobiliário urbano (bancos, cadeiras, degraus) existente no local.

- | | |
|--|---|
| Quantidade | Utilidade/Adequação |
| <input checked="" type="checkbox"/> Insuficiente | <input checked="" type="checkbox"/> Sim |
| <input type="checkbox"/> Suficiente | <input type="checkbox"/> Não |
| <input type="checkbox"/> Excessiva | |

9. Gostaria de ver algo melhorado na Ribeira das Naus? SIM NÃO

9.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 9, refira o que melhoraria neste espaço.

A redução do trânsito automóvel.

10. Frequenta outras praças / jardins públicos próximos da Ribeira das Naus?

SIM NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais são as praças / jardins públicas que utiliza nas proximidades?

Av. Liberdade, Gilbenkian, Campo Grande

11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus.

- Tranquilidade
- Longo do rio
- Pássaro

Obrigado pela sua colaboração!

Inquérito 01 – versão inglesa

INQUÉRITO/INQUIRY (english version)

DATE: 23/02/16

NAME: DOUGLAS HAZANAGE: 45 SEX: FEMALE MALE NATIONALITY: AMERICAN JOB/PROFESSION: LAWYER

1. Lives in Lisbon?

Yes (in positive answer indicate where) No (in negative answer indicate where)
USA

2. Lives near Ribeira das Naus? YES / NO 3. Usually go to Ribeira das Naus? YES / NO

3.1. If the answer was "YES" to the question 3, what's the frequency?

Daily Monthly
 Weekly Occasional
 Another _____

3.2. If the answer was "YES" to the question 3, what reasons/motives that lead him to attend the Ribeira das Naus?

Proximity of house / work / school / university Pedonal and road access
 Proximity of Casa do Sodrê / Baxa Green spaces
 Another _____

3.3. If the answer was "YES" to the question 3, which activities you usually practice in Ribeira das Naus? (open question)

Walk
 Talk
 Read a book
 Another answer _____

3.4. If the answer was "NO" to the question 3, give reasons/motives for not attending the space.

VACATIONS, 1st time here.

4. You appreciate the Ribeira das Naus? YES / NO

4.1. If the answer was "YES" to the question 4, which zone you like more?

STAIRS NEXT TO THE RIVER.

5. What you think about the requalification made by city hall Lisbon?

Bad Reasonable Good Very good Excellent

6. Did you use this space before the requalification? YES / NO

6.1. If the answer was "YES" to the question 6, mention which were the most obvious/major changes.

7. For you which of these elements are essential in space? Answer "YES" or "NO" for each element.

<input checked="" type="checkbox"/> Pedonal spaces	<input checked="" type="checkbox"/> Commercial spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Bike lane	<input checked="" type="checkbox"/> Urban furniture (benches, chairs, stairs)
<input checked="" type="checkbox"/> Road	<input checked="" type="checkbox"/> Trees
<input checked="" type="checkbox"/> Water	<input checked="" type="checkbox"/> Green spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Good weather	<input checked="" type="checkbox"/> Dry cocks

8. Rate the street furniture (benches, chairs, stairs) existing on site.

Amount	Utility
<input type="checkbox"/> Unsatisfying	<input type="checkbox"/> Yes
<input checked="" type="checkbox"/> Sufficient	<input checked="" type="checkbox"/> No
<input type="checkbox"/> Excessive	

9. Would you like to see something improved in the space? YES / NO

9.1. If the answer was "YES" to the question 9, mention what would improve this space.

10. You visit more squares/urban gardens near to Ribeira das Naus? YES / NO

10.1. If the answer was "YES" to the question 10, which are the squares/urban gardens that you use?

PARA-CHIAO

11. Characterize in 3 words the Ribeira das Naus.

a. BEAUTIFUL

b. FRIENDLY

c. HISTORICAL

Thanks for your collaboration!

Inquérito 02 – versão inglesa

INQUÉRITO/INQUIRY (english version)

DATE: 23/06/16

NAME: Anna

AGE: 23 SEX: FEMALE MALE

NATIONALITY: GERMAN JOB PROFESSION: STUDENT

1. Lives in Lisbon?

Yes (in positive answer indicate where) No (in negative answer indicate where)

2. Lives near Ribeira das Naus? YES NO

3. Usually go to Ribeira das Naus? YES NO 1st time

3.1. If the answer was "YES" to the question 3, what's the frequency?

Daily Monthly
 Weekly Occasional
 Another _____

3.2. If the answer was "YES" to the question 3, what reasons/motives that lead him to attend the Ribeira das Naus?

Proximity of house / work / school / university Pedonal and road access
 Proximity of Cais do Sodré / Baixa Green spaces
 Another _____

3.3. If the answer was "YES" to the question 3, which activities you usually practice in Ribeira das Naus? (open question)

Walk
 Talk
 Read a book
 Another answer _____

3.4. If the answer was "NO" to the question 3, give reasons/motives for not attending the space.

Vacations.

4. You appreciate the Ribeira das Naus? YES NO

4.1. If the answer was "YES" to the question 4, which zone you like more?

Stairs.

5. What you think about the requalification made by city hall Lisbon?

Bad Reasonable Good Very good Excellent

6. Did you use this space before the requalification? YES NO

6.1. If the answer was "YES" to the question 6, mention which were the most obvious/major changes.

Stairs.

7. For you which of these elements are essential in space? Answer "YES" or "NO" for each element.

<input checked="" type="checkbox"/> Pedonal spaces	<input checked="" type="checkbox"/> Commercial spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Bike lane	<input checked="" type="checkbox"/> Urban furniture (benches, chairs, stairs)
<input checked="" type="checkbox"/> Road	<input checked="" type="checkbox"/> Trees
<input checked="" type="checkbox"/> Water	<input checked="" type="checkbox"/> Green spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Good weather	<input checked="" type="checkbox"/> Dry docks

8. Rate the street furniture (benches, chairs, stairs) existing on site.

Amount	Quality
<input checked="" type="checkbox"/> Unsatisfying	<input checked="" type="checkbox"/> Yes
<input type="checkbox"/> Sufficient	<input type="checkbox"/> No
<input type="checkbox"/> Excessive	

9. Would you like to see something improved in the space? YES / NO

9.1. If the answer was "YES" to the question 9, mention what would improve this space.

10. You visit more squares/urban gardens near to Ribeira das Naus? YES / NO

10.1. If the answer was "YES" to the question 10, which are the squares/urban gardens that you use?

JARDIM DA ESTRELA, AV. URBANIDADE

11. Characterize in 3 words the Ribeira das Naus.

a. RIVER

b. BRIDGE

c. SUN

Thanks for your collaboration!

Inquérito 03 – versão inglesa

INQUÉRITO/INQUIRY (english version)

DATE: 28/06/16

NAME: JESSICA MASCARI

AGE: 29 SEX: FEMALE MALE

NATIONALITY: BRITISH JOB/PROFESSION: FASHION VISUAL MERCHANDISER

1. Lives in Lisbon?

Yes (in positive answer indicate where) No (in negative answer indicate where)

2. Lives near Ribeira das Naus? YES NO

3. Usually go to Ribeira das Naus? YES NO

3.1. If the answer was "YES" to the question 3, what's the frequency?

Daily Monthly
 Weekly Occasional
 Another _____

3.2. If the answer was "YES" to the question 3, what reasons/motives that lead him to attend the Ribeira das Naus?

Proximity of house / work / school / university Pedonal and road access
 Proximity of Casa de Sodrê / Baxxa Green spaces
 Another _____

3.3. If the answer was "YES" to the question 3, which activities you usually practice in Ribeira das Naus? (open question)

Walk
 Talk
 Read a book
 Another answer _____

3.4. If the answer was "NO" to the question 3, give reasons/motives for not attending the space.

ONLY IN LISBON FOR
MONY MOON - SHORT STAY

4. You appreciate the Ribeira das Naus? YES NO

4.1. If the answer was "YES" to the question 4, which zone you like more?

ALL.

5. What you think about the requalification made by city hall Lisbon?

Bad Reasonable Good Very good Excelent

6. Did you use this space before the requalification? YES NO

6.1. If the answer was "YES" to the question 6, mention which were the most obvious/major changes.

7. For you which of these elements are essential in space? Answer "YES" or "NO" for each element.

<input type="checkbox"/> Pedonal spaces	<input checked="" type="checkbox"/> Commercial spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Bike lane	<input checked="" type="checkbox"/> Urban furniture (benches, chairs, stairs)
<input checked="" type="checkbox"/> Road	<input checked="" type="checkbox"/> Trees
<input checked="" type="checkbox"/> Water	<input checked="" type="checkbox"/> Green spaces
<input checked="" type="checkbox"/> Good weather	<input checked="" type="checkbox"/> Dry docks

8. Rate the street furniture (benches, chairs, stairs) existing on site.

Amount	Quality
<input type="checkbox"/> Unsatisfying	<input checked="" type="checkbox"/> Yes
<input checked="" type="checkbox"/> Sufficient	<input type="checkbox"/> No
<input type="checkbox"/> Excessive	

9. Would you like to see something improved in the space? YES / NO

9.1. If the answer was "YES" to the question 9, mention what would improve this space.

10. You visit more squares/urban gardens near to Ribeira das Naus? YES / NO

10.1. If the answer was "YES" to the question 10, which are the squares/urban gardens that you use?

11. Characterize in 3 words the Ribeira das Naus.

a. BEAUTIFUL

b. CALM

c. HAPPY ATMOSPHERE

Thanks for your collaboration!

4.4. Inquéritos - Tabelas de tratamento dos dados

Tabela 1/10

INQUÉRITO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	NACIONALIDADE	PROFISSÃO	Q.1. - Reside em Lisboa?
1	61	55-64	M	Portuguesa	Desempregado	S
2	64	55-64	M	Portuguesa	Reformado	S
3	70	65 ou mais	F	Portuguesa	Reformado	S
4	68	65 ou mais	M	Portuguesa	Reformado	N
5	24	15-24	F	Brasileira	Estudante	N
6	25	25-54	M	Portuguesa	Estudante	N
7	49	25-54	F	Portuguesa	Educadora de infância	N
8	54	25-54	F	Portuguesa	Desempregada	N
9	65	65 ou mais	F	Portuguesa	Reformado	N
10	67	65 ou mais	M	Portuguesa	Reformado	S
11	50	25-54	F	Portuguesa	Cozinheira	S
12	44	25-54	F	Portuguesa	Gestora logística	N
13	16	15-24	F	Portuguesa	Estudante	N
14	19	15-24	M	Portuguesa	Estudante	S
15	43	25-54	F	Portuguesa	Estudante	N
16	35	25-54	F	Portuguesa	Estudante	N
17	53	25-54	M	Portuguesa	Cozinheiro	N
18	23	15-24	M	Portuguesa	Estudante	N
19	22	15-24	F	Portuguesa	Estudante	N
20	34	25-54	M	Brasileira	Estudante	N
21	57	55-64	M	Portuguesa	Rececionista	S
22	16	15-24	F	Portuguesa	Estudante	N
23	29	25-54	M	Portuguesa	Estudante	N
24	20	15-24	F	Portuguesa	Estudante	N
25	34	25-54	F	Portuguesa	Administrativa	N
26	65	65 ou mais	M	Portuguesa	Desempregado	S
27	40	25-54	F	Portuguesa	Assistente de bordo	N
28	45	25-54	F	Americana	Advogada	N
29	23	15-24	F	Alemã	Estudante	N
30	37	25-54	M	Alemã	Gestor	N
31	40	25-54	F	Alemã	Agente social	N
32	35	25-54	F	Alemã	Rececionista	N
33	29	25-54	F	Inglesa	Visual merchandiser	N
34	33	25-54	M	Inglesa	Designer	N
35	23	15-24	F	Espanhola	Estudante	N
36	23	15-24	F	Cíprio	Professora	N
37	34	25-54	F	Alemã	Professora	N
38	34	25-54	F	Alemã	Taxista	N
39	35	25-54	M	Alemã	Jornalista	N
40	34	25-54	M	Alemã	Consultor	N
41	28	25-54	M	Austriaco	Informático	N
42	23	15-24	F	Austriaco	Informática	N
43	21	15-24	M	Americana	Estudante	N
44	30	25-54	F	Alemã	Estudante	N
45	34	25-54	M	Filandesa	Diretor criativo	N
46	39	25-54	F	Filandesa	Diretora de arte	N
47	40	25-54	M	Espanhola	Desempregado	N
48	36	25-54	M	Inglesa	Jardineiro	N
49	37	25-54	M	Sueca	Marketing	N
50	35	25-54	F	Polaca	Administrativa	N

Tabela 2/10

INQUÉRITO	Q.1. - Freguesia?	Q.1. Negativo, qual zona?	Q.2. Reside nas proximidades?	Q.3. Costuma frequentar?	Q.3.1. Qual a frequência?
1	Santa Maria Maior	N/A	S	N	N/A
2	Olivais	N/A	N	S	Diária
3	Santa Maria Maior	N/A	S	S	Ocasional
4	N/A	Setúbal	N	S	Mensal
5	N/A	Odivelas	N	N	N/A
6	N/A	Sintra	S	S	Ocasional
7	N/A	Caldas da Rainha	N	N	N/A
8	N/A	Óbidos	N	S	Mensal
9	N/A	Viseu	N	S	Mensal
10	Alcântara	N/A	S	S	Semanal
11	Misericórdia	N/A	N	S	Diária
12	N/A	Almada	N	S	Ocasional
13	N/A	Almada	N	S	Mensal
14	N/A	Vila Franca de Xira	N	S	Semanal
15	N/A	Almada	N	S	Ocasional
16	N/A	Almada	N	S	Ocasional
17	N/A	Corroios	N	S	Mensal
18	N/A	Mafra	N	S	Ocasional
19	N/A	Açores	N	S	Ocasional
20	N/A	Faro	N	N	N/A
21	Misericórdia	N/A	S	S	Diária
22	N/A	Odivelas	N	S	Ocasional
23	N/A	Monte da Caparica	N	S	Ocasional
24	N/A	Odivelas	N	S	Ocasional
25	N/A	Loures	N	N	N/A
26	Santa Maria Maior	N/A	S	S	Diária
27	N/A	Loures	N	S	Semanal
28	N/A	EUA	N	N	N/A
29	N/A	Alemanha	N	N	N/A
30	N/A	Alemanha	N	N	N/A
31	N/A	Alemanha	N	N	N/A
32	N/A	Alemanha	N	N	N/A
33	N/A	Inglaterra	N	N	N/A
34	N/A	Inglaterra	N	N	N/A
35	N/A	Espanha	N	N	N/A
36	N/A	Espanha	N	S	Ocasional
37	N/A	Alemanha	N	N	N/A
38	N/A	Alemanha	N	N	N/A
39	N/A	Alemanha	N	S	Ocasional
40	N/A	Alemanha	N	S	Diária
41	N/A	Austria	N	N	N/A
42	N/A	Austria	N	N	N/A
43	N/A	EUA	N	N	N/A
44	N/A	Inglaterra	N	N	N/A
45	N/A	Filândia	N	S	Ocasional
46	N/A	Filândia	N	S	Ocasional
47	N/A	Espanha	N	S	Ocasional
48	N/A	Inglaterra	N	N	N/A
49	N/A	Suécia	N	N	N/A
50	N/A	Inglaterra	N	N	N/A

Tabela 3/10

INQUÉRITO	Q.3.2. Proxim. Hab./Trab./Es.	Q.3.2.Proxim. C.Sodr/ Baixa	Q.3.2.Acessos ped./viários	Q.3.2.Espaços verdes	Q.3.2.Outra. QUAL?
1	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
2	x			x	Rio, Sol, Ar
3	x			x	Passeio
4				x	Novo espaço
5	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
6				x	Zona ribeirinha
7	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
8				x	
9	x			x	Se não for à praia
10	x				Zona ribeirinha
11	x		x	x	Água
12			x		
13	x		x		
14	x		x	x	
15	x				
16					Passeio/lazer
17				x	Ambiente
18		x			
19		x		x	
20	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
21	x	x			Tranquiliza
22		x			
23		x		x	
24		x	x		
25	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
26	x	x			Caminhada, desporto
27			x	x	
28	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
29	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
30	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
31	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
32	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
33	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
34	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
35	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
36				x	
37	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
38	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
39			x	x	
40		x			
41	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
42	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
43	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
44	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
45	x				
46					Vista sobre o rio
47			x	x	
48	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
49	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
50	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A

Tabela 4/10

INQUÉRITO	Q.3.3. Atividades?	Q.3.3.1.	Q.3.3.2.	Q.3.3.3.	Q.3.3.4.	Q.3.3.5.	Q.3.3.6.	Q.3.3.7.	Q.3.3.8.	Q.3.3.9.	Q.3.3.10.	Q.3.3.11.	Q.3.3.12.	Q.3.3.13.	Q.3.3.14.
1	N/A														
2		x		x	x							x			
3		x	x	x								x			
4		x	x	x	x							x			
5	N/A														
6		x	x	x	x			x			x	x		x	
7	N/A														
8		x													
9		x	x	x	x		x	x			x			x	
10		x			x										
11		x							x						
12		x	x	x	x										
13		x		x	x		x	x				x		x	
14		x		x	x	x	x	x				x		x	x
15							x								
16		x	x	x	x		x	x			x	x	x	x	x
17		x			x										
18		x	x	x	x						x	x			
19				x	x		x	x				x			
20	N/A														
21		x			x			x							
22		x		x				x							
23		x	x	x	x	x	x	x		x			x	x	x
24		x	x	x										x	
25	N/A														
26		x		x	x	x			x					x	
27				x	x				x		x		x	x	
28	N/A														
29	N/A														
30	N/A														
31	N/A														
32	N/A														
33	N/A														
34	N/A														
35	N/A														
36		x	x	x											
37	N/A														
38	N/A														
39		x	x												
40		x													
41	N/A														
42	N/A														
43	N/A														
44	N/A														
45		x		x											
46		x	x	x											
47		x		x				x							
48	N/A														
49	N/A														
50	N/A														

Tabela 5/10

INQUÉRITO	Q.3.4. Razões porque não frequenta?	Q.4. Identifica-se com a Ribeira das Naus?	Q.4.1. Qual zona mais gosta?
1	Dificuldade a andar	N	N/A
2	N/A	S	Degraus junto ao rio
3	N/A	S	Todas
4	N/A	S	Degraus junto ao rio
5	Falta de conhecimento	S	Degraus junto ao rio
6	N/A	S	Degraus e zonas verdes
7	Não vive cá	S	Todas
8	N/A	S	Degraus junto ao rio
9	N/A	S	Degraus junto ao rio
10	N/A	S	Degraus, zonas verdes
11	N/A	S	Zonas verdes, água
12	N/A	S	Muro junto ao rio
13	N/A	S	Degraus junto ao rio
14	N/A	S	Degraus junto ao rio
15	N/A	S	Todas
16	N/A	S	Todas
17	N/A	S	Degraus junto ao rio
18	N/A	S	Zona junto ao rio, rampa
19	N/A	S	Degraus junto ao rio
20	Não vive cá	S	Degraus junto ao rio
21	N/A	S	Degraus junto ao rio
22	N/A	N	N/A
23	N/A	S	Zona de relvado
24	N/A	N	N/A
25	Falta de tempo	S	Degraus junto ao rio
26	N/A	S	Degraus, zonas verdes
27	N/A	S	Todas
28	Primeira vez no local	S	Degraus junto ao rio
29	Primeira vez no local	S	Degraus junto ao rio
30	Férias	N	N/A
31	Primeira vez no local	S	Todas
32	Primeira vez no local	S	Degraus junto ao rio
33	Primeira vez no local	S	Todas
34	Primeira vez no local	S	Todas
35	Primeira vez no local	S	Todas
36	N/A	S	Degraus junto ao rio
37	Não vive cá	S	Degraus junto ao rio
38	Não vive cá	S	Degraus junto ao rio
39	N/A	S	Todas
40	N/A	S	Degraus junto ao rio
41	Primeira vez no local	S	Degraus junto ao rio
42	Não vive cá	S	Degraus junto ao rio
43	Primeira vez no local	S	Todas
44	Não vive cá	S	Todas
45	N/A	S	Degraus, vista
46	N/A	S	Degraus junto ao rio
47	N/A	S	Degraus junto ao rio
48	Não vive cá	S	Todas
49	Não vive cá	S	Degraus junto ao rio
50	Primeira vez no local	S	Vista, degraus

Tabela 6/10

INQUÉRITO	Q.5. O que pensa da requalificação?	Q.6. Utilizava o espaço antes?	Q.6.1. Quais as alterações mais evidentes?
1	Bom	N	N/A
2	Excelente	S	Zona ribeirinha
3	Bom	S	Zona ribeirinha
4	Excelente	S	Estrada
5	Bom	N	N/A
6	Excelente	N	N/A
7	Muito Bom	N	N/A
8	Excelente	S	Zona ribeirinha
9	Excelente	S	Espaços verdes, zona ribeirinha
10	Excelente	S	Zona ribeirinha
11	Razoável	S	Zona ribeirinha
12	Bom	S	Zona ribeirinha
13	Muito Bom	S	Espaço mais acolhedor
14	Muito Bom	S	Espaços verdes e pedonais
15	Muito Bom	S	Zona ribeirinha
16	Excelente	S	Mais espaçosa, ampla, arejada
17	Muito Bom	S	Espaços verdes
18	Bom	N	N/A
19	Muito Bom	N	N/A
20	Bom	N	N/A
21	Razoável	S	Zona ribeirinha
22	Bom	N	N/A
23	Muito Bom	N	N/A
24	Muito Bom	S	Zona ribeirinha
25	Muito Bom	S	Passeio
26	Bom	S	Relvado, zona ribeirinha
27	Bom	N	N/A
28	Excelente	N	N/A
29	Muito Bom	N	N/A
30	Muito Bom	N	Zona ribeirinha
31	Muito Bom	N	N/A
32	Muito Bom	N	N/A
33	Excelente	N	N/A
34	Excelente	N	N/A
35	Muito Bom	N	N/A
36	Bom	S	Não se recorda
37	Muito Bom	N	N/A
38	Muito Bom	N	N/A
39	Muito Bom	N	N/A
40	Bom	N	N/A
41	Muito Bom	N	N/A
42	Muito Bom	N	N/A
43	Muito Bom	N	N/A
44	Bom	N	N/A
45	Muito Bom	N	N/A
46	Muito Bom	N	N/A
47	Muito Bom	N	N/A
48	Muito Bom	N	N/A
49	Bom	N	N/A
50	Excelente	N	N/A

Tabela 7/10

INQUÉRITO	Q.7. Elementos essenciais	Q.7.1. Espaços pedonais	Q.7.2. Ciclovia	Q.7.3. Estrada	Q.7.4. Água	Q.7.5. Bom tempo	Q.7.6. Espaços comerciais/refeição	Q.7.8. Mobiliário urbano	Q.7.9. Árvores	Q.7.10. Zona de relvado	Q.7.11. Docas secas
1		x	x	x	x		x	x	x	x	x
2		x	x		x	x	x	x	x	x	x
3		x	x		x	x		x	x	x	
4		x	x		x	x	x	x	x	x	x
5		x	x		x	x	x	x	x	x	
6		x	x		x	x	x	x	x	x	
7		x	x	x	x		x	x	x	x	
8		x	x		x				x	x	x
9		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
10		x	x	x	x	x		x	x	x	x
11			x	x	x	x		x	x	x	
12		x	x		x	x				x	x
13		x	x	x	x	x	x	x	x	x	
14		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
15		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
16		x	x		x		x	x	x	x	
17		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
18		x	x	x	x	x	x		x	x	
19		x			x	x	x	x	x	x	
20		x	x	x	x	x	x		x	x	
21		x	x	x	x	x		x	x	x	x
22					x	x					
23					x	x		x	x	x	x
24		x	x						x	x	
25		x	x		x	x		x	x	x	x
26		x	x		x	x	x		x	x	
27		x	x			x	x	x	x	x	
28		x			x	x		x	x	x	x
29					x	x		x	x	x	x
30		x	x		x	x			x	x	
31		x	x	x	x	x		x	x	x	
32		x	x	x	x		x	x	x	x	
33			x	x	x	x	x	x	x	x	x
34							x	x		x	
35		x			x	x			x	x	
36		x			x			x	x	x	
37		x	x		x			x	x	x	
38		x			x	x		x	x		
39			x					x			
40					x	x		x	x	x	
41		x							x	x	
42						x		x	x	x	
43		x	x	x	x	x					
44									x	x	
45		x			x	x			x	x	x
46		x	x		x	x		x	x	x	x
47		x	x		x	x	x	x	x	x	x
48		x	x			x			x	x	
49		x	x		x			x	x	x	x
50		x	x			x		x	x	x	x

Tabela 8/10

INQUÉRITO	Q.8. M.Urbano. Quantidade	Q.8. M.Urbano. Utilidade	Q.9. Gostava de ver algo melhorado?	Q.9.1. O que melhoraria?
1	Suficiente	S	S	Limpeza do espaço
2	Insuficiente	S	S	Mais bancos
3	Insuficiente	S	S	Mais degraus, limpeza
4	Insuficiente	N	S	Mais bancos, cadeiras
5	Suficiente	S	S	Mais espaços verdes
6	Insuficiente	S	S	Mais bancos
7	Suficiente	S	N	N/A
8	Suficiente	S	N	N/A
9	Insuficiente	S	S	Mais bancos
10	Suficiente	S	S	Escoamento água
11	Insuficiente	N	N	N/A
12	Insuficiente	S	S	Estrada
13	Suficiente	S	N	N/A
14	Suficiente	S	S	Mais sombra
15	Insuficiente	S	S	Mais bancos
16	Insuficiente	S	S	Mais bancos
17	Insuficiente	S	S	Mais m.urbano, árvores
18	Insuficiente	S	S	Redução do trânsito
19	Insuficiente	S	N	N/A
20	Suficiente	S	S	Mais bares e restaurantes
21	Insuficiente	S	S	Iluminação, segurança
22	Suficiente	S	N	N/A
23	Suficiente	S	N	N/A
24	Suficiente	S	N	N/A
25	Suficiente	S	S	Mais árvores
26	Suficiente	S	S	Mais árvores
27	Suficiente	S	S	Ciclovias
28	Suficiente	N	N	N/A
29	Insuficiente	S	N	N/A
30	Suficiente	S	N	N/A
31	Suficiente	S	N	N/A
32	Suficiente	S	N	N/A
33	Suficiente	S	N	N/A
34	Suficiente	S	N	N/A
35	Suficiente	S	N	N/A
36	Suficiente	S	N	N/A
37	Insuficiente	S	S	Menos trânsito, mais árvores
38	Insuficiente	S	S	Mais sombras, árvores
39	Suficiente	S	S	Mais "sentido" de praia
40	Suficiente	N	S	Mais espaços sentar, areia
41	Insuficiente	S	S	Mais espaços verdes, bancos
42	Insuficiente	S	S	Mais bancos
43	Insuficiente	S	S	Mais bancos
44	Suficiente	S	S	Mais sombra
45	Suficiente	S	S	Mais renovação
46	Insuficiente	S	S	Mais árvores, skatepark
47	Insuficiente	S	S	Bancos, caixotes do lixo, fontes
48	Suficiente	S	S	Mais sombra
49	Suficiente	S	N	N/A
50	Insuficiente	S	S	Mais sombra

Tabela 9/10

INQUÉRITO	Q.10. Frequenta outras praças/ jardins?	Q.10.1. Quais?
1	N	N/A
2	S	Belém
3	N	N/A
4	S	Fundação Champalimaud
5	N	N/A
6	N	N/A
7	N	N/A
8	S	Jardim do Torel e M.Moniz
9	N	N/A
10	S	Cais do Sodré
11	S	Jardim da Estrela
12	N	N/A
13	S	Terreiro do Paço, Rossio
14	N	N/A
15	S	Cais do Sodré
16	S	Cais do Sodré
17	S	Baixa chiado
18	S	Av. Liberdade, Gulbenkian
19	S	Terreiro do Paço
20	N	N/A
21	S	Parque Eduardo VII
22	N	N/A
23	N	N/A
24	S	Cais do Sodré
25	N	N/A
26	S	Cais do Sodré, Baixa
27	S	P. Nações, Cascais
28	S	Baixa chiado
29	S	J. Da Estrela, Av.liberdade
30	N	N/A
31	N	N/A
32	N	N/A
33	N	N/A
34	N	N/A
35	N	N/A
36	N	N/A
37	N	N/A
38	N	N/A
39	N	N/A
40	N	N/A
41	N	N/A
42	N	N/A
43	S	N/A
44	N	N/A
45	N	N/A
46	N	N/A
47	N	N/A
48	N	N/A
49	N	N/A
50	N	N/A

Tabela 10/10

INQUÉRITO	Q.11. Caracterize em 3 palavras a Ribeira das Naus
1	ÁGUA - PAISAGEM - CALMA
2	EXCELENTE - CARTÃO DE VISITA - AGRADÁVEL
3	BONITO - NATURAL - AGRADÁVEL
4	AGRADÁVEL - VIVO - APRAZÍVEL
5	ÁGUA - ZONA DE ESTAR - SOL
6	REFRESCANTE - AGRADÁVEL - ACOLHEDOR
7	AGRADÁVEL - SOCIAL - BONITO
8	SAUDÁVEL - BELÍSSIMO - MUITO BEM ARQUITETADO
9	ESPETACULAR - SAUDÁVEL - TRANQUILIDADE
10	EXCELENTE - AGRADÁVEL - BONITO
11	BONITO - LUZ - VERDE
12	AMPLA - TRANQUILA - LUMINOSA
13	BONITO - ACOLHEDOR - AGRADÁVEL
14	AGRADÁVEL - QUENTE - ACOLHEDOR
15	SAUDÁVEL - BONITO - ACOLHEDOR
16	ACOLHEDOR - SAUDÁVEL - ECOLÓGICO
17	RAZOÁVEL - AGRADÁVEL - GIRO
18	TRANQUILIDADE - SOM DO RIO - PASSEIO
19	SERENIDADE - NOSTALGIA - CONTEMPLAÇÃO
20	AGRADÁVEL - NOSTALGIA - CALMA
21	RECUPERAÇÃO - BOM ESPAÇO - POSTAL TEMÁTICO
22	ÓTIMA VISTA - TRANQUILA
23	AGRADÁVEL - ACOLHEDOR - RELAXANTE
24	SAUDÁVEL - QUENTE - ACONCHEGANTE
25	RELAXANTE - CARTÃO DE VISITA - CHAMATIVO
26	BONITA - SAUDÁVEL - CALMA
27	MODERNO - JOVEM - INTERESSANTE
28	BONITO - AMIGÁVEL - HISTÓRICO
29	RIO - PONTE - SOL
30	SOALHEIRO - ÁGUA - RIO
31	SOALHEIRO - FANTÁSTICO - ONDAS
32	LINDO - PERTO DO RIO - GIRO
33	LINDO - CALMO - ATMOSFERA FELIZ
34	LINDO - BOAS VIBRAÇÕES - ÚTIL
35	LIMPO - ESPAÇOSO
36	RELAXANTE - ORGANIZADO - BEM PRESERVADO
37	TRÂNSITO - QUENTE - RIBEIRINHO
38	RUIDOSO - QUENTE - VISTA FANTÁSTICA
39	ABERTO - MODERNO - SILENCIOSO
40	RELAXANTE - SILENCIOSO - MODERNO
41	LINDO - URBANO - RELAXANTE
42	LINDO - LIMPO - INSPIRADOR
43	LINDO - FANTÁSTICO - QUIETO
44	N/A
45	QUENTE - VIVO - ENGRAÇADO
46	BOM - QUIETO
47	BONITO - RELAXANTE - ACOLHEDOR
48	FANTÁSTICO - AMADO - REFRESCANTE
49	GIRO - ABERTO - AMIGÁVEL
50	SOALHEIRO - RELAXANTE - AMÁVEL